

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**RISCO E PÂNICO MORAL: UMA ANÁLISE
SOCIOLOGICA DO “MEDO DO CRIME” NA
REVISTA *SUPERINTERESSANTE* (2008-2012).**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Antonio Belamar Oliveira de Bitencourt

Santa Maria, RS, Brasil.

2013

**RISCO E PÂNICO MORAL: UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA
DO “MEDO DO CRIME” NA REVISTA
SUPERINTERESSANTE (2008-2012).**

por

Antonio Belamar Oliveira de Bitencourt

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção de grau de
Mestre em Ciências Sociais

Orientador: Prof. Dr. Francis Moraes de Almeida

Coorientador: Prof. Dr. Ricardo Mayer

Santa Maria, RS, Brasil.

2013

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**RISCO E PÂNICO MORAL: UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA DO
“MEDO DO CRIME” NA REVISTA *SUPERINTERESSANTE* (2008-
2012).**

elaborada por

Antonio Belamar Oliveira de Bitencourt

como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Ciências Sociais

COMISSÃO EXAMINADORA:

Francis Moraes de Almeida, Dr.
(Presidente/Orientador)

Ricardo Mayer, Dr. (UFSM/Coorientador)

Sandra Rubia da Silva, Dr^a. (UFSM)

Débora Krischke Leitão, Dr^a. (UFSM)

Mari Cleise Sandalowski, Dr^a. (UFSM)

Santa Maria, 13 de Setembro de 2013.

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Oliveira de Bitencourt, Antonio Belamar.

Risco e pânico moral: um estudo sociológico do \ "Medo do Crime\" na revista Superinteressante 2008-2012.

Antonio Belamar Oliveira de Bitencourt.-2013.

150 p.; 30cm

Orientador: Francis Moraes de Almeida

Coorientador: Ricardo Mayer

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, RS, 2013

1. Sociologia das emoções 2. Risco 3. Pânico Moral 4. Medo do Crime 5. Revista Superinteressante I. Moraes de Almeida, Francis II. Mayer, Ricardo III. Título.

À minha filha Isadora Vivian Oliveira.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Santa Maria, pela oportunidade que tive de estudar em uma universidade pública, de qualidade, gratuita e com toda a estrutura (RU, bibliotecas, laboratórios de informática, etc.) proporcionando-me as melhores condições para que me preocupasse, exclusivamente, em estudar.

À CAPES, pelo auxílio, sem o qual seria muito difícil o desenvolvimento desse trabalho.

Ao professor Francis Moraes de Almeida, este mais que um orientador, um amigo. Presente durante todo o mestrado com sua reconhecida competência, sempre com conselhos e indicações preciosas para a conclusão desta empreitada. Agradeço, também, pela confiança depositada em mim, mesmo nos momentos de dificuldade e de estresse e pela sua indicação da temática.

Ao meu coorientador, professor Ricardo Mayer, por ter participado da minha banca de qualificação, pelas indicações de leituras, pelo apontamento de alternativas para o enriquecimento e desenvolvimento do trabalho. Também, pela gentileza de ter aceitado ser meu coorientador e por participar da minha defesa.

A professora Débora Krischke Leitão, por ter participado de minha banca de qualificação, pelas indicações de leituras e por participar da minha defesa.

Ao professor Fabrício Monteiro Neves, pela honra de ter me dado à oportunidade de ser o primeiro aluno a dividir suas aulas durante a docência orientada.

À professora Mari Cleise Sandalowski, por participar da banca de defesa.

A todos os professores e professoras que colaboraram para a minha formação durante o mestrado.

À professora Sandra Rubia da Silva, por ter aceitado participar da banca de defesa.

À professora Leda Corrêa, impecável revisora ortográfica do texto.

Ao grupo de estudos “Pesadelos Artificiais”, do qual faço parte.

À minha mãe, Maria Edi e a meus irmãos, Sebastião Bitencourt e Régis Bitencourt, por me apoiarem e acreditarem no meu sonho.

A Adriane, meu amor, minha companheira, por partilhar comigo as minhas angústias, as dúvidas e por sua presença agradável ao meu lado, sempre com uma palavra amiga e motivadora, tranquilizando-me e confiando no meu trabalho.

A Isadora e ao Selmo, meus amores.

A todos os meus colegas de mestrado, em especial, ao Edu Moraes, um amigo e colega desde os tempos da graduação, quando começamos simultaneamente essa “caminhada” sociológica.

Às colegas de linha de pesquisa, em Sociologia, Ariane Rodrigues e Débora Costa, amigas nos momentos mais difíceis.

Aos irmãos, João Tibúrcio e Marcelo de Jesus, e ao professor Gilvan Dockhorn, pelo incentivo inicial para que eu viesse estudar em Santa Maria.

A Tiélle Moraes, por apresentar-me ao meu orientador.

Ao Marcelo P. do Prado, pela amizade de longa data e, também, pela parceria de irmos para Santa Maria estudar.

Ao Antônio Augusto Berni, ex-colega, amigo e espelho como aluno.

A Jane, secretária do PPGCS, pela atenção, gentileza, amizade e os cafezinhos na secretaria do PPGCS.

Ao “seu” Clóvis Portolann, da *Express* cópias, pela atenção, responsabilidade e educação dispensadas nesse longo tempo, desde a graduação até o mestrado.

Aos amigos de apartamento do inesquecível 4121, em especial Jorge Sell e Danilo Souza, dois irmãos emprestados.

Ao Juarez Felisberto, pelo apoio e pela serenidade que passava a cada conversa sobre minha temática.

Ao Lizandro Lui, pela preocupação com a minha temática e pelo incentivo.

A Ângela Garcia, pelas orações que fez por mim.

Peço desculpas pelos amigos que, certamente, devo ter esquecido de citar, pois as dívidas, ao produzir uma dissertação, são sempre maiores do que as que podemos reconhecer, de fato, mas tenho a certeza de que ninguém vence sozinho, obrigado.

EPÍGRAFE



RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
Universidade Federal de Santa Maria

Risco e pânico moral: uma análise sociológica do “medo do crime” na revista *Superinteressante* (2008-2012).

AUTOR: ANTONIO BELAMAR OLIVEIRA DE BITENCOURT

ORIENTADOR: FRANCIS MORAES DE ALMEIDA, DR.

COORIENTADOR: RICARDO MAYER, DR.

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 13 de Setembro, 2013.

No presente trabalho, de cunho sociológico, proponho-me a investigar, a possível existência da relação entre os fenômenos sociais “Medo do Crime” e pânico moral. O trabalho foi realizado através de pesquisa na revista *Superinteressante*. O intuito é compreender como a revista *Superinteressante* dá ênfase, em suas reportagens/artigos, a assuntos/temáticas que tenham os conceitos de “Medo do crime”, risco e de pânico moral, como temas centrais. O primeiro conceito, “Medo do Crime”, baseado em Borges (2011) e Glassner ([1999] 2003), tratam o “Medo do Crime” como uma construção social. O segundo conceito, risco, será baseado em Giddens ([1990] 1991), um risco percebido como mais individual, e Beck ([1986] 2010) tratando o risco como global. O terceiro conceito, pânico moral, será norteador, pela tipificação ideal de Goode & Ben-Yehuda ([1994b] 2009). A pesquisa tem como hipótese que o “Medo do Crime”, aqui compreendido com um fenômeno social, derivado de uma construção social, influencia negativamente na concepção acerca do risco de potencial vitimização criminal, havendo, portanto, relação direta entre “Medo do Crime” e pânico moral, estando o risco presente na discussão, direta ou indiretamente.

Palavras-chave: Risco, Pânico Moral, “Medo do Crime”, Revista *Superinteressante*.

ABSTRACT

Master thesis on Social Sciences
Program of Post-Graduation on Social Sciences
Federal Santa Maria University (Brazil).

RISK AND MORAL PANIC: A SOCIOLOGICAL ANALYSIS OF THE “FEAR OF CRIME” IN *SUPERINTERESSANTE* MAGAZINE (2008- 2012)

AUTHOR: ANTONIO BELAMAR OLIVEIRA DE BITENCOURT

ADVISER: FRANCIS MORAES ALMEIDA

CO-ADVISER: RICARDO MAYER

Defense place and date: Santa Maria, September 13, 2013.

This study, a sociological perspective, has aimed to investigate the possible existence of a relation between the social phenomena “fear of crime” and moral panic. The study was realized through a research in *Superinteressante* magazine. Its purpose is to understand how this magazine emphasizes in its reports/articles the issues/themes which contain the concepts of “fear of crime”, risk and moral panic as central issues. The first concept, “fear of crime”, is based in Borges (2011) and Glassner ([1999] 2003), being portrayed as a social construction. The second concept, risk, is based in Giddens ([1990] 1991), where it is conceived as more individual, and in Beck ([1986] 2010) where it is global. The third and last concept, “moral panic”, is guided by the ideal classification of Goode & Ben-Yehuda ([1994b] 2009). The research has the hypothesis that the “fear of crime” – here treated as a social phenomenon and derived from a social construction – influences negatively in the conception of risk of potential criminal victimization. Therefore, there is a direct relationship between “fear of crime” and moral panic, with risk being present in this discussion, either directly or indirectly.

Keywords: Risk, Moral Panic, “Fear of Crime”, *Superinteressante* Magazine

APÊNDICE

Quadro com a composição do “ <i>corpus</i> ” da pesquisa.....	93
---	----

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1 - “Efeito estufa, do jeito que está não dá para ficar”, dezembro 2008.....	97
ANEXO 2 - “O parasita mora ao lado”, julho de 2009.....	103
ANEXO 3 - “O código dos pedófilos”, fevereiro de 2008.....	113
ANEXO 4 - “11 de setembro 10 anos depois”, setembro de 2011.....	114
ANEXO 5 - “nação Rivotril”, julho de 2010.....	120
ANEXO 6 - “a nova vacina”, outubro de 2009.....	124
ANEXO 7 - “conheça a história de crianças que já nascem más”, maio de 2012.....	129
ANEXO 8 - “ciência contra o crime”, outubro de 2008.....	137
ANEXO 9 - “escola proíbe alunos de levar lápis”, janeiro de 2011.....	149
ANEXO 10 - “mapa da morte”, fevereiro de 2010.....	150

SUMÁRIO

RESUMO	9
ABSTRACT	10
INTRODUÇÃO	15

CAPÍTULO 1 – DO PRECURSOR DURKHEIM, AO LUGAR DAS EMOÇÕES NOS ESTUDOS SOCIOLÓGICOS: UM NOVO OLHAR ATRAVÉS DA SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES.

Introdução.....	20
1.1 Durkheim: A separação entre Sociologia e as outras disciplinas, em especial, a Psicologia	21
1.2 O lugar das emoções nas Ciências Sociais no decorrer dos tempos: uma explicação pela Sociologia das Emoções.....	23

CAPÍTULO 2 – RISCO, PÂNICO MORAL E “MEDO DO CRIME”: CONCEITOS NA MODERNIDADE TARDIA E NA DISCUSSÃO TEÓRICA.

Introdução.....	31
2.1 Da semelhança à peculiaridade: algumas transformações nas interpretações sobre o risco desde a Idade Média à Modernidade Tardia.	32
2.2 Pânico moral: análise pelo viés sociológico.....	39
2.3 Da emoção medo para o indicador “Medo do Crime”: o surgimento do conceito polissêmico como pré-condição para o pânico moral.....	46

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DE CONTEÚDO DE REPORTAGENS/ARTIGOS DO SUPERARQUIVO DA REVISTA *SUPERINTERESSANTE ONLINE* ENTRE OS ANOS DE 2008 A 2012.

Introdução.....	58
3.1 Breve histórico sobre a revista <i>Superinteressante</i> e sua importância no mercado nacional de revistas.....	59
3.2 A função dos empreendedores morais de normatização na conduta dos indivíduos e sua relação com o pânico moral.....	60
3.2.1 Imperativos morais para um planeta sustentável: os <i>experts</i> como empreendedores morais.....	62
3.2.2 Como reconhecer parasitas sociais e como livrar-se deles.....	64
3.3 Análise de reportagens/artigos da revista <i>Superinteressante</i> relacionadas ao pânico moral.....	67
3.3.1 Uma relação improvável: triângulos e pedófilos.....	68
3.3.2 Terrorismo e medo entre os estadunidenses.....	69

3.4 Análise de reportagens/artigos da revista <i>Superinteressante</i> relacionadas ao risco.....	72
3.4.1 O risco de dependência de medicamentos controlados.....	72
3.4.2 Vale a pena correr o risco?.....	73
3.5 Análise de reportagens/artigos da revista <i>Superinteressante</i> relacionadas ao “Medo do Crime”.....	75
3.5.1 A naturalização da psicopatia.....	75
3.5.2 A tecnologia contra o crime.....	78
3.5.3 Paranoia do “Medo do Crime”.....	80
3.5.4 Geografia da morte no Brasil.....	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	87
APÊNDICE.....	93
ANEXOS.....	97

INTRODUÇÃO

A presente dissertação propõe-se a investigar reportagens da revista *Superinteressante* sobre a possível existência da relação entre os fenômenos sociais pânico moral e “medo do crime”, perpassando pelo conceito de risco. Dessa forma, parto do argumento do sociólogo Glassner ([1999] 2003), que nunca vivemos em um período tão seguro e, então, por que existem tantos medos no ar e muitos deles sem fundamentos? Irei investigar, através das reportagens, o medo disseminado na sociedade contemporânea, que passou a ser tratado como um fenômeno social. Sendo concebido, a emergência do fenômeno social nos Estados Unidos da América, o “Medo do Crime”, um conceito que aparece concomitante ao aparecimento de categorias relacionadas à ansiedade. Sobre o conceito de “Medo do Crime” não é um terreno de fácil infiltração, pois estamos em um conceito movediço, sem um consenso entre os teóricos que o estudam, mas que, apesar disso, permite nortear, por uma linha teórica embasada principalmente em dois deles, um estadunidense e um brasileiro. A literatura utilizada tem como basilares as teorias de Glassner ([1999] 2003) e Borges (2011). O primeiro autor desenvolve um estudo na sociedade estadunidense, investigando de onde surge o “Medo do Crime” e propõe que vivemos na “cultura do medo”. O segundo autor desenvolve, na cidade do Rio de Janeiro – Brasil, um estudo pioneiro sobre o “Medo do Crime”, baseado no que denomina de “Crenças de Perigo”, sendo que “essas crenças são social, cultural e historicamente construídas”. (BORGES, 2011, p. 57). A construção do fenômeno social, pânico moral, como problema sociológico, é encontrado na literatura utilizada, como um conceito “robusto”, cunhado inicialmente por Young (1971), mas que ganhou notoriedade e ficou conhecido através do sociólogo inglês Stanley Cohen (1972) no livro “*Folks devils and Moral Panics*”. Entretanto, partindo de uma outra perspectiva, mas sempre no mesmo sentido, será utilizado o aporte teórico de Goode & Ben-Yehuda ([1994b] 2009), permitindo, assim, a possibilidade de estabelecer uma tipificação para a classificação, do fenômeno social, pânico moral, que também é influenciado pelo cultural.

Sobre o conceito de risco, cabe-me uma reflexão para compreender a influência da mídia (impressa/*online*) na distorção do risco de vitimização, sobretudo, criminal. Após ler reportagens impressas ou *online* da revista *Superinteressante*, utilizarei os embasamentos teóricos de Giddens ([1990] 1991), sobre uma percepção de risco, mais individual e Beck ([1986] 2010), um risco percebido de forma global. Será utilizado, como aporte teórico, a “Sociologia das emoções”, para explicar a importância do estudo dos sentimentos nos estudos

sociológicos, sendo o medo uma das principais emoções humanas, evoluindo, com o passar do tempo, para um conceito sociológico de “Medo do Crime”. Glassner ([1999] 2003) argumenta (como já foi dito), que vivemos em um período que ele chama de “cultura do medo”, em que os verdadeiros perigos são sublimados, e outros, com menos recorrências (estatísticas), são nos apontados na mídia como coisas normais, que parecem corriqueiras.

Sobre a emoção medo, Delumeau ([1989] 2009), que estudou a história do medo no Ocidente, explica “que os antigos viam o medo como punição dos deuses, e porque os gregos divinizavam Deimos (o Temor) e Fobos (o Medo) esforçando-se em conciliar-se com eles em tempo de guerra” (DELUMEAU, [1989] 2009, p. 26). Segundo o autor, entre os séculos XIV–XVI, começa avançar, na sociedade ocidental, “o elemento burguês e seus valores prosaicos que uma leitura épica e narrativa encorajada pela nobreza reforça a exaltação sem nuance da audácia”. (DELUMEAU [1989] 2009). Na literatura, a coragem era associada a príncipes e nobres, que eram destemidos, imponentes e enfrentavam todos os perigos, o nobre cavaleiro que enfrenta o dragão, vence e liberta a princesa, a coragem, algo peculiar aos nobres. Delumeau ([1989] 2009) cita exemplos de nomes relacionados a nobres, entre eles, Amadis de Gaula, um herói saído do romance bretão, que chega a fazer “tremer as mais cruéis feras selvagens”, Orlando furioso, “o paladino insensível do medo”, João Sem medo, Carlos, o Temerário, entre outros e nota-se que os elogios eram hiperbólicos. Os exemplos de cavaleiros nobres, sem medo, eram contrastantes com a massa considerada sem coragem. Virgílio (Eneida, IV, 13) já escrevera: “O medo é a prova de um nascimento baixo”. (DELUMEAU, [1989] 2009, p. 15). O medo está relacionado à vergonha também, e sendo das massas, pertence ao coletivo, aos pobres, naturalmente. De acordo com Delumeau ([1989] 2009), no século XVII, *La Bruyère* toma, por certa, a ideia de que a massa de camponeses, artesãos e criados não é corajosa porque não busca a fama. Mas temos exemplos, na época da Renascença, quando os homens, no poder faziam todos terem medo. Thomas More ([1516] 2009), na “Utopia”, alega que a pobreza do povo é defesa da monarquia e que a miséria elimina toda coragem e deixa as almas brutas. Se, na literatura, podemos encontrar exemplos da contradição entre coragem (príncipes e nobres), medo (da alçada dos pobres), também se pode dizer o mesmo com relação relatados na Idade Média, pois, além de conviverem com medos individuais que rondavam suas casas (lobos, porcos selvagens), medo dos fenômenos naturais, ainda existiam os medos coletivos, que eram a peste negra, tifo, bruxas e outras variedades de doenças que dizimavam populações. A diferença de concepção se dá no contexto estadunidense, no qual a emoção medo passa a ser tratada como um fenômeno social e deixa de ser um fenômeno de superfície (aqui lembrando do estudo de Durkheim, na

Austrália, sobre a religião). Nesse contexto, a mudança dá-se através da percepção social que o crime estava aumentando, e, com medo cada vez maior da delinquência juvenil, o problema que gerou, na sociedade estadunidense, uma mobilização refletida na política de guerra contra o crime. Surgem, então, os primeiros estudos sobre o “Medo do Crime”, entre o final dos anos sessenta, início dos anos setenta do século passado, e se intensifica nos anos seguintes, sendo tratado como um fenômeno social de grande importância. Depois de surgirem estudos, nos Estados Unidos da América, a questão foi se expandindo e outros pesquisadores, em vários lugares do mundo, também tratam do fenômeno social, “Medo do Crime”.

O trabalho tem como objetivo específico, investigar, através de um estudo sociológico, se existe alguma relação entre “Medo do Crime” e pânico moral (dois fenômenos sociais), baseados na análise de conteúdo das reportagens da revista *Superinteressante* entre os anos de 2008 a 2012.

A hipótese central norteia-se que o “Medo do Crime”, aqui compreendido sempre como um fenômeno social derivado de uma construção social (seja pelas “crenças de perigo” ou pela “cultura do medo”), influencia negativamente na concepção a respeito do risco de potencial vitimização, haja vista que as reportagens da revista *Superinteressante*, em alguns casos, denotam um alarme desproporcional, havendo, portanto, relação direta entre “Medo do Crime” e pânico moral. O conceito de “Medo do Crime” (fenômeno social) é contemporâneo do próprio surgimento do conceito de pânico moral. Isso, de certa forma, não pode ser considerado casual, porque a ansiedade com relação à segurança e a transformação daquele perigo inicial que acometia a todos, como, por exemplo, os fenômenos naturais.

A dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo tem como título “Do precursor Durkheim, ao lugar das emoções nos estudos sociológicos: um novo olhar através da Sociologia das emoções”, no qual se justifica a importância da Sociologia, pelo autor Émile Durkheim, considerado o fundador da Sociologia como disciplina acadêmica e como ele concebia que ela seria. Para concluir o primeiro capítulo, a argumentação sobre a importância das emoções nas Ciências Sociais, ancorado em Barbalet (1998) e trazendo exemplos de como os clássicos da Sociologia (Durkheim (1858-1917), Marx (1864-1920), Simmel (1858-1918) e Weber (1818-1883) que, mesmo sem terem a pretensão de fundar a “Sociologia das emoções”, tratavam as emoções em suas análises sociológicas. Mauss ([1921] 1979) através de estudo de rituais fúnebres orais, em populações australianas “primitivas, no sentido próprio da palavra” ([1921] 1979, p. 147) também aponta, a importância da expressão pública das emoções para as condutas, na qual cada um desempenha uma obrigação, para com o coletivo. Maurice Halbwachs colabora com o debate explicando que “a sociedade exerce

uma ação indireta sobre os sentimentos e as paixões” (HALBWACHS, [1947] 2009, p. 200). No entanto, coube a Barbalet (1998) uma explicação mais detalhada sobre o (res) surgimento da chamada “Sociologia das emoções”, no ano de 1975, através de Randal Collins, e o desenvolvimento da mesma no decorrer do tempo, e o interesse de sociólogos contemporâneos pela temática. O segundo capítulo, Risco, Pânico Moral e “Medo do Crime”: conceitos na modernidade tardia e na discussão teórica” discorro sobre o conceito de risco que me pareceu incontornável para se compreender os fenômenos sociais, “Medo do Crime” e pânico moral. Sobre o “Medo do Crime” foi explicado como, onde e em que contexto ele passou a ser tratado como um fenômeno social de muita importância e a expansão dos estudos acerca desse fenômeno social, sendo Borges (2011), provavelmente, o precursor nesses estudos na América Latina. Para concluir o capítulo, foi explicado, de uma forma panorâmica, o pânico moral, pela ótica sociológica, assim como os demais conceitos. O terceiro capítulo, “Análise de conteúdo de reportagens/artigos do superarquivo da revista *Superinteressante online*, entre os anos de 2008 a 2012”, é um capítulo analítico, no qual buscarei, em um quadro apontar passagens nas reportagens, que tenham relação com os conceitos estudados. A escolha da revista *Superinteressante* se deu por quatro motivos: sua popularidade no cenário nacional de revistas, a acessibilidade das edições, todas em formato digital¹, porque a revista *Superinteressante* é uma revista de divulgação científica, e, por último, é uma revista que abre espaço para *experts*, que, em algumas reportagens, se pode considerar que cumprem a função de “empreendedores morais” segundo a proposição de Howard Becker ([1963] 2008).

Sobre a metodologia na pesquisa, será utilizado o estudo de caso (YIN, 2010), e, como técnica de pesquisa, a análise de conteúdo qualitativa (BARDIN, [1986] 2011). A análise de conteúdo, corresponde a um conjunto de técnicas de “análises das comunicações”, ou seja, “não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações”² (BARDIN, [1986] 2011, p. 31).

Para tanto, foi realizada, inicialmente, a separação de 48 reportagens/artigos que compõem o *corpus*³ do trabalho. A escolha pela constituição de uma amostra orienta-se pelas afirmações de Bauer & Gaskell, segundo os quais:

¹ <http://super.abril.com.br/superarquivo/>

² Nesse caso, mídia impressa, a revista *Superinteressante*, sendo a técnica, perfeita para a execução do presente trabalho. “Tudo que é dito ou escrito é susceptível de ser submetido a uma análise de conteúdo” (BARDIN, [1986] 2011, p. 33)

³ Nesta dissertação optei pela não constituição de uma “amostra” das matérias da revista em questão, mas sim pela constituição de um *corpus* de pesquisa no sentido atribuído por BAUER E GASKELL (2008, p. 40), segundo os quais o corpus corresponde a uma coleção de textos, elaborada intencionalmente a partir de um critério

A seleção não sistemática viola o princípio de prestação de contas públicas da pesquisa; a construção de um *corpus*, porém, garante eficiência que se ganha na seleção de algum material para caracterizar o todo. Deste modo, a construção de um *corpus* e a amostragem representativa são funcionalmente equivalentes, embora sejam estruturalmente diferentes. Empregando este tipo de linguagem, conseguimos uma formulação positiva para a seleção qualitativa, em vez de defini-la como uma forma inferior de amostragem. Em resumo, nós defendemos que a construção do *corpus* tipifica atributos desconhecidos, enquanto que a amostragem estatística aleatória descreve a distribuição de atributos já conhecidos no espaço social. “(BAUER, Martin W. & GASKELL, George, 2008, p. 40).

Partindo desse princípio, constituí o seguinte *corpus* de análise composto por matérias da revista *Superinteressante*, divididos, por ano, assim:

Ano	Quantidade de reportagens utilizadas
2008	4
2009	16
2010	11
2011	12
2012	5
Total	48

Serão analisadas reportagens da revista *Superinteressante* dos últimos cinco anos (2008–2012), relacionadas aos conceitos utilizados na pesquisa: risco ou pânico moral e “Medo do Crime”, disseminados em diversos assuntos, como, epidemias, drogas, clima, saúde, games, apocalipse, entre outros. Entretanto, algumas foram expostas à análise, para elucidar como foram enquadradas nos conceitos da pesquisa.

Na última parte do texto, teci as considerações finais, após a análise das reportagens/artigos e o cruzamento com a literatura estudada, sendo, assim, apresentados os resultados finais na forma de dissertação.

CAPÍTULO 1. DO PRECURSOR DURKHEIM, AO LUGAR DAS EMOÇÕES NOS ESTUDOS SOCIOLÓGICOS: UM NOVO OLHAR ATRAVÉS DA SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES.

Introdução

No primeiro capítulo, inicialmente procurarei descrever o processo de autonomização epistemológica da Sociologia em relação às outras disciplinas, especialmente a Psicologia. Para tal finalidade, o subtópico 1.1 “Durkheim: A separação entre a Sociologia e as outras disciplinas, em especial a Psicologia”. Previamente, tracei uma explicação através do fundador da Sociologia como ciência autônoma, com metodologia própria, sem se reportar a qualquer outra disciplina. A escolha por Durkheim deve-se a seu empenho na delimitação de um campo epistemológico para a Sociologia, especialmente em “As Regras do Método Sociológico” ([1895] 2002). No subtópico 1.2, “O lugar das emoções nas Ciências Sociais no decorrer dos tempos: uma explicação pela Sociologia das Emoções”, sustentar a importância das emoções no âmbito das Ciências Sociais, através de exemplos de textos de autores clássicos: Durkheim (1858-1917), Marx (1864-1920), Simmel (1858-1918) e Weber (1818-1883), que, mesmo não tendo como objetivo fundarem o que poderia ser chamado de uma “Sociologia das emoções”, têm seus textos eivados pela presença dessa dimensão humana, na forma de afetos, paixões e emoções propriamente ditas. Mauss ([1921] 1979) realiza estudo sobre rituais funerários orais em populações na Austrália e também apresenta a importância das expressões obrigatórias dos sentimentos, para o coletivo, e o sentido que as acompanha. Halbwachs ([1947] 2009) explica como as emoções influenciam a sociedade, exemplificando-as, através de sociedades ditas não civilizadas, principalmente em ritos tribais, nas quais existe uma conduta coletiva para determinadas situações, sobrepondo-se ao sentimento individual. Também foi citado o autor Barbalet (1998), pelas importantes contribuições para a discussão da relação entre emoção, cultura e estrutura social e por elucidar a relevância das emoções nos processos sociais.

A justificativa é que as emoções sempre estiveram presentes nos estudos das Ciências Sociais, sendo assim, as emoções e os sentimentos são de sua alçada.

1.1 Durkheim: A separação entre a Sociologia e as outras disciplinas, em especial, a Psicologia.

Émile Durkheim, em “As Regras do Método Sociológico” ([1895] 2002), tratou de “demarcar” os limites da Filosofia, em particular, a Psicologia, disciplinas responsáveis pelas explicações do social, até então. As disciplinas citadas buscavam a parte para entender o todo, e, por isso, a Psicologia era mais utilizada para analisar o homem como membro da sociedade. Para superar esse discurso filosófico, do qual o particular explicava o universal (indutivismo) era preciso que a Sociologia criasse fundamentos científicos da realidade dos fenômenos sociais. Para isso, era necessário que a vida coletiva fosse caracterizada como particular e independente, assim, Durkheim explica o que é um “fato social”, o qual tem três principais características ou elementos básicos: coerção social, exterioridade em relação ao indivíduo e generalidade. Desse modo, o sociólogo propõe tratá-lo como coisa, assim como tudo na natureza o é, pois os fatos sociais, sendo exteriores e anteriores às consciências dos indivíduos, além de exercerem caráter coercitivo, assim Durkheim coloca os fenômenos sociais como força independente enquanto individual. Mas se consideramos os fatos sociais como coisas, consideramo-los como coisas sociais. Esse é o “terceiro traço característico do nosso método, que prima por ser exclusivamente sociológico”. (DURKHEIM, [1895] 2002, p. 126). Durkheim, também classifica os fatos sociais e a distinção entre o normal e o patológico sendo a regularidade a característica distintiva entre ambos. Ele estabelece a sociedade como ponto de partida, embora historicamente anterior e superior aos indivíduos, para explicar o social, ou seja, uma inversão das teorias anteriores. O sociólogo francês explica que o progresso da Sociologia, assim como na Psicologia, tomada como exemplo, se dará na ultrapassagem do “estado subjetivo, que quase não ultrapassou ainda, para a fase objetiva. Além do mais, a passagem aqui é menos difícil de se operar que na psicologia” (DURKHEIM, [1895] 2002, p. 26). O autor aponta para os fatos sociais sobre os aspectos de coisas:

Não é necessário manipulá-los com certa habilidade. A sociologia, sob este aspecto, leva séria vantagem sobre a psicologia, vantagem até hoje não percebida e que deve apresentar seu desenvolvimento. Os fatos sociais são talvez mais difíceis de interpretar porque são mais complexos, mas são também mais fáceis de atingir. A psicologia, pelo contrário, não tem apenas dificuldades em elaborá-los, mas também em apreendê-los. Por conseguinte, é permitido acreditar que, a partir do dia em que aquele princípio do método sociológico for reconhecido e unanimemente praticado, experimentará a sociologia progresso de tal rapidez que a lentidão atual de seu desenvolvimento não permite supor, retomando até sobre a

psicologia um avanço que esta deve unicamente à sua anterioridade histórica. (DURKHEIM, [1895] 2002, p. 26-27).

Na passagem fica claro, que essa separação entre o que pertence à Psicologia e o que pertence às Ciências Sociais, especificamente à Sociologia, tendo esta como objeto próprio, o fato social, já o estudo do coletivo, é da alçada da Sociologia, portanto, cabe aos sociólogos o seu estudo, sendo o objeto de estudo da Psicologia apenas o indivíduo. Dessa forma e seguindo os passos de sua predecessora, isso se dará através de uma disciplina científica rigorosa. Durkheim dá ênfase ao mundo social e valoriza o simbolismo coletivo (linguagem, sistemas de crenças, leis) que é o princípio fundante da realidade social, e é a passagem da consciência individual para a representação coletiva que determina a análise sociológica. Para criar uma metodologia científica, Durkheim (como já foi dito), definiu claramente o objeto, que é o fato social, o que passa a ocupar o centro de suas ideias, ancorado em determinados conceitos que lhe conferiam fundamento. Já que o indivíduo é de natureza dúbia: uma particular de cada indivíduo e a outra ligada às forças universais, o sociólogo estabeleceu fronteiras entre o que é individual (psicológico) e o que é coletivo (social), tendo os fenômenos sociais a mesma realidade de fenômenos materiais, mas com uma diferença: a constituição da natureza diferenciada. Para Durkheim, existem limites que definem esses dois mundos “entrelaçados”, onde o individual tem aspectos de base orgânica, foro individual e aí estão as sensações e as vontades individuais, já o coletivo são as atividades do espírito, uma visão de mundo, além de uma conduta moral por características universais. Cabe lembrar que, para o sociólogo, sociedades são morais, para o autor, todas as ideias têm origem no social, pois é a consequência da consciência coletiva que ele chama de representações coletivas. A sociedade, essa associação de indivíduos, essas representações coletivas são a síntese das consciências individuais somadas. Foi raciocinando dessa forma que Durkheim estabeleceu limites para que o social pudesse ser colocado em um campo próprio, tendo teoria e métodos peculiares. O autor notou características que diferenciavam as representações individuais (Psicologia) e as representações coletivas (Sociologia), que não podem ser minimizadas a representações individuais apenas, pois os fatos sociais se impõem ao indivíduo. No final do seu livro, deixa claro o que deve ser o objeto da Sociologia, de acordo com a sua visão:

Mostramos que o fato social não pode ser explicitado senão por outro fato social e ao mesmo tempo, indicamos como esta espécie de explicação é possível, encontrando no meio social interno o motor principal da evolução coletiva. A sociologia não é, pois, o anexo de nenhuma outra ciência: constitui ela mesma uma ciência distinta e autônoma e o sentimento do que a realidade social apresenta de

especial e até de tal modo necessário ao sociólogo que somente uma cultura especialmente sociológica pode prepara-lo para compreender os fatos sociais. (DURKHEIM, [1895] 2002, p. 127).

Portanto, a consciência coletiva é igual a uma totalidade e é possuidora de uma diferença de natureza das experiências individuais. Durkheim foi o precursor do estudo sociológico ao escrever a obra “O suicídio” ([1897] 1979), na qual faz um estudo baseado em dados estatísticos prontos, trazendo uma proposta inovadora acerca da análise sobre o suicídio. Munido de dados que lhe davam embasamento, Durkheim fez uma leitura totalmente diferente até então (no qual o suicídio era visto como uma desestruturação psicológica individual). Isso consistia na premissa de que o suicídio não seria algo apenas individual, mas que seria um produto do enfraquecimento da coesão social em que os indivíduos se tornam menos solidários e mais individualistas. Durkheim não escolhe o suicídio como um processo apenas de desespero, mas sim como um fato social específico. Através da análise dos dados estatísticos, verifica a existência de regularidades, o suicídio não tem somente uma dimensão individual, mas também uma dimensão social, por isso Durkheim o aborda como um fenômeno social. Ele coloca o suicídio em relação com a coesão social e também uma interpretação de uma nova disciplina (Sociologia) em relação à outra (Psicologia), o qual se pode dizer que o individual pode conter elementos amplamente relacionados ao coletivo.

1.2 O lugar das emoções nas Ciências Sociais no decorrer dos tempos: uma explicação pela Sociologia das Emoções.

As emoções⁴ sempre estiveram presentes nos estudos relacionados às Ciências Sociais. Alicerçando-me no sociólogo australiano Barbalet (1998), o que desejo propor é que a categoria das emoções tem um lugar nas origens da Sociologia, pendendo para um debate com relação entre emoção e cultura e entre emoção e estrutura social e também elucidar a importância das emoções nos processos sociais. Barbalet expõe seu entendimento sobre o assunto:

O que tem a sociologia a ver com emoção? Uma das respostas consiste em que a sociologia tenta explicar os fenômenos sociais, e a emoção é um fenômeno social. Todavia, não é de imediato óbvio que a emoção tem uma natureza social. Uma experiência que um indivíduo tem de uma emoção mais depressa revela o lado

⁴ “ As emoções são a matéria viva do fenômeno social, a base que orienta o estilo das relações nutridas pelos indivíduos, distribuindo os valores e as hierarquias que sustenta a afetividade”. (LE BRETON, [2004] 2009, p. 120)

íntimo e pessoal da emoção do que sua dimensão coletiva ou social. No entanto, foi demonstrado por antropólogos, historiadores e sociólogos que os padrões das experiências emocionais são diferentes em sociedades diferentes. (BARBALET, 1998, p. 22)

Padrões de experiências emocionais são díspares em diferentes culturas, e a Sociologia encontra-se comprometida com a possibilidade de uma explicação geral. Barbalet (1998) explica que, nas origens históricas, no iluminismo escocês do século XVIII, e, posteriormente, nos escritos sociais europeus e americanos, havia um amplo espaço para a emoção, porém, com as mudanças na organização social e nas tendências intelectuais, a teoria das emoções foi perdendo espaço na explicação do social, digamos que foram expulsas da Sociologia. O racionalismo, premissa do Iluminismo francês nos séculos XVIII e XIX, fez emergir, como reação contra si, um novo movimento que exerceu uma influência profunda neste período, o Movimento Romântico, também chamado de Romantismo. O Romantismo foi uma reação ao racionalismo excessivo do Iluminismo e rejeitava a possibilidade e a ideia de que a sociedade desse período pudesse ser governada apenas com base na razão, e “aclamavam a emoção como base dos valores, da filiação e da conduta” (BARBALET, 1998, p. 29). Muito pelo contrário, a convenção romântica veio colocar a emoção acima da razão. Barbalet (1998) argumenta que não podemos afirmar que a Sociologia foi um produto do romantismo e que a insistência na aceitação do movimento romântico não se caracteriza como uma aceitação do pensamento romântico. Porém, na Primeira Guerra Mundial, e, logo após, na reconstrução da Europa em que emergia uma nova ordem social, os trabalhadores militantes e marginalizados foram acalmados com o pleno emprego. Novamente, a “Sociologia das Emoções”, o termo e conceito deixaram de ter qualquer interesse para os sociólogos. Embora não fosse preocupação central de Durkheim (1858-1917), Marx (1864-1920), Simmel (1858-1918) e Weber (1818-1883), considerados clássicos da Sociologia, é preciso notar e é possível perceber, nas entrelinhas em textos “nânicos” ou poucos conhecidos do público, reflexões expressivas relacionadas às emoções.

Durkheim, que estudou o fato social, escreveu, também sobre uma sociologia dos símbolos, na obra “As Formas Elementares da Vida Religiosa” ([1912] 1996), na qual analisa rituais religiosos e sistemas de crenças arcaicas de tribos na Austrália⁵. Nessa obra, Durkheim ([1912] 1996) rompe com a tradição da época na qual os fenômenos religiosos eram

⁵ O autor explica que “esses tipos de práticas são gerais em toda Austrália. Os ritos funerários, isto é, os cuidados rituais dedicados ao cadáver, a maneira como ele é sepultado, etc., mudam conforme as tribos e numa mesma tribo, variam com a idade, o sexo e o valor social dos indivíduos. Mas as cerimônias do luto propriamente dito reproduzem sempre o mesmo tema; as variações são apenas um detalhe. (DURKHEIM, [1912] 1996, p. 429).

considerados fenômenos de superfície, algo que não significava muito, dos quais os agentes poderiam se libertar através do desenvolvimento de seus conhecimentos. Seriam os fenômenos religiosos uma espécie de “ópio do povo” como diria Marx. O sociólogo francês analisa e explica como deveria ser o comportamento das tribos em ritos fúnebres⁶ (que podem durar semanas ou meses), que constituem o luto:

Contudo, uma distinção é necessária entre os diferentes ritos que constituem o luto. Há alguns que consistem em puras abstenções: é proibido pronunciar o nome do morto, permanecer no local onde ocorreu o falecimento, os parentes, sobretudo do sexo feminino, devem abster-se de todo contato com estranhos, as ocupações ordinárias da vida são suspensas, da mesma forma que em tempo de festa etc. (DURKHEIM, ([1912] 1996), p. 426)

Em outros casos, como se lamentar, chorar, gritar, cortar os cabelos ou a barba, seriam mais que um sentimento individual, seria, segundo Durkheim ([1912] 1996), uma obrigação social, prevalecendo a organização do grupo sobre o indivíduo, devendo os indivíduos andarem em consonância com a coletividade, para não ofenderem o sentimento coletivo já que as práticas decorrem “do fato de que o morto é um ser sagrado”. (DURKHEIM, [1912] 1996, p. 426). Durkheim ([1912] 1996) também trata da efervescência coletiva, pois os homens que experimentam tal sentimento são dominados de forma a levá-los para fora de seu meio, sentindo-se diferenciados daqueles de consciência individual. Assim, seguindo a coletividade, a unidade esquece-se de si para um fim comum, priorizando o coletivo, que, assim, o coletivo pode culminar no sagrado. A partir desses estudos, Durkheim ([1912] 1996) argumenta que a emoção é parte indissociável da estrutura social e o que, antes, era epifenômeno, agora, é apontado pelo autor como o contrário, ou seja, que “a religião é uma coisa eminentemente social” (DURKHEIM, [1912] 1996, p. 16), e é uma das bases consideradas por ele essenciais da sociedade estudada.

Marcel Mauss ([1921] 1979), estudou longamente cultos funerários australianos, e ateu-se sobre o ritual oral dos sentimentos “não só o choro, mas toda uma série de expressões orais de sentimentos não são fenômenos exclusivamente psicológicos ou fisiológicos, mas sim fenômenos sociais, marcados por manifestações não-espontâneas e da mais perfeita obrigação” (Mauss [1921] 1979, p. 147). O autor limitou o estudo ao ritual funerário, que

⁶ Malinowski, nas ilhas Trombriand, fez um estudo semelhante a Durkheim e Mauss, também estudou os ritos de luto e pesar pelos mortos, nos quais “naturalmente, à primeira vista, percebemos seu caráter religioso: são atos de piedade pelos falecidos, causados pelo temor, por amor ou por solicitude pelo espírito do defunto. São manifestações rituais públicas de emoção, que também fazem parte da vida cerimonial da comunidade”. (MALINOWSKI, [1926] 2008, p. 33).

consistia de gritos⁷, cânticos e discursos. De acordo com Mauss ([1921] 1979), gritos e cantos são manifestados em grupos, e não devem ser manifestados individualmente, mas sim em coletivo. Ele cita um exemplo do “grito para o morto”:

Prolonga-se tanto quanto dura o intervalo entre o primeiro e o segundo enterro. Tem horas e tempos marcados com precisão. Todo agrupamento onde haja um morto a chorar, uiva chora, geme durante cerca de 10 minutos ao levantar e ao pôr-do-sol. Há mesmo entre estas tribos, quando vários grupos se encontram, um verdadeiro concurso de gritos e lágrimas, que pode estender-se a congregações numerosas, por ocasião de feiras, colheitas de nozes (bunya) ou iniciações. (Mauss, [1921] 1979, p. 150)

Além de terem o tempo marcado, também são fixadas condições de expressão dos sentimentos, que não gritavam por outro motivo que não fosse uma obrigação social. Segundo Mauss ([1921] 1979) ao contrário dos cultos religiosos (estudados por Durkheim), os cultos funerários são, quase totalmente da alçada das mulheres. Por isso, as australianas “tem suas ‘cantoras de voceros’, choronas e imprecantes, que cantam o luto e a morte, que injuriam ou encantam o inimigo, causador da morte” (Mauss ([1921] 1979, p. 152). Em alguns casos os cultos funerários são violentos e naturais: “a busca e a expressão da dor andam juntas” (Mauss [1921] 1979, p. 152). De acordo com o autor, todas as expressões coletivas, são mais que manifestações, “são sinais de expressões entendidas, quer dizer, são linguagem” (Mauss [1921] 1979, p. 153). A linguagem, codifica os gritos em palavras ou frases, entendidas pelo coletivo, refletindo assim uma ação simbólica.

O autor Maurice Halbwachs, no texto “A expressão das emoções e a sociedade”⁸, argumenta que “a sociedade exerce uma ação indireta sobre os sentimentos e as paixões” (HALBWACHS, [1947] 2009, p. 200), porém o homem individual não deixa de ser social, ele raciocina, pensa e age. Temos nossos sentimentos individuais e temos os sentimentos coletivos, os quais são passados de geração a geração. Halbwachs ([1947] 2009) utiliza, como exemplo⁹, um local no qual nos encontramos com outros indivíduos, que, por alguma comemoração, estão todos alegres, entretanto, podemos ter nossos motivos específicos para estarmos tristes, mas nos dominamos e nos esforçamos para participar da alegria geral, para

⁷ “ Por inarticulados que sejam, gritos, uivos são sempre de certo modo musicais, a maioria das vezes ritmados, cantados em uníssono pelas mulheres” (Mauss [1921] 1979, p. 152).

⁸ “*L’expression des émotions et la société*”, o original datado de 1947.

⁹ Le Breton ([2004] 2009) explica que: “A emoção expressa pode estar em dissintonia com o sentir já que o indivíduo não deseja expor-se e pretende responder aos seus companheiros por intermédio de uma série de sinais que exprime outra situação. Pode haver vantagem em representar outro sentimento por razões de conformidade, de preservação da própria imagem, enquanto estratégia pessoal, no objetivo de alcançar favores de alguém, para não se expor, para não machucar o outro, etc. (LE BRETON [2004] 2009, p. 142)

não estragarmos a alegria ou perturbar o ambiente. Também, se estamos em um momento de dor (um funeral, por exemplo), não podemos ficar rindo e gracejando, para não sermos considerados sem noção ou sem coração. Nas sociedades ditas primitivas isso pode ser observado mais facilmente, segundo Halbwachs ([1947] 2009), em ocasiões de cerimônias e festas. O autor cita o exemplo, no qual os rituais de inicialização são quase idênticos em “povos não civilizados tão diferentes como os Australianos, os Peles Vermelhas e os indígenas da Nova Guiné” (HALBWACHS, [1947] 2009, p. 208). Os sentimentos são passados a outras gerações durante a puberdade, em um rito no qual eles fingem cair mortos e são reanimados, significando, assim, o seu renascimento na tribo e experimentados como sentimentos reais. Entretanto, é na ocasião da morte, sobretudo, que a emoção toma forma coletiva, havendo assim, todo um ritual pela família e amigos do morto. Cada um tem seu papel definido, de acordo com seu grau de parentesco com o falecido. Halbwachs ([1947] 2009) explica que, na China, a expressão da dor corresponde a uma simbologia imposta e ordenada aos pais do morto, ficando este em uma espécie de quarentena. Isolados em cabanas, quase sem contato social, os pais não recebem visitas e nem mantêm relações entre eles, ficando em silêncio. Halbwachs ([1947] 2009), com os exemplos citados, quer explicar, em síntese, que não somente a expressão das emoções, mas através dela, as próprias emoções se submetem aos hábitos, respeitam e demonstram um conformismo aos, simultaneamente, internos e externos, processos emotivos. Obviamente existe a espontaneidade pessoal, porém são manifestadas as emoções e reações de formas coletivas, que são comuns a todos os pertencentes do grupo.

Outro autor clássico, Marx, afirma que as individualidades psicológicas e as emoções (ira, inveja), são frutos das relações de produção e das forças produtivas, baseadas a partir da “luta de classes”. Tomei, por exemplo, quando o jovem Marx (com 26 anos na época) escreveu os “Manuscritos Econômico-filosóficos” ou “Manuscritos de Paris” ([1844] 2004), a partir dos quais realiza uma análise, na qual não poupa críticas aos economistas clássicos ingleses, sobretudo, a Adam Smith, David Ricardo e James Mill. Para mim, esse é o texto mais romântico, no qual o sociólogo alemão lança uma crítica carregada de emoção, sobre a sociedade capitalista, em que o homem era explorado e radicalmente alienado pela empresa capitalista, sofrendo um processo de estranhamento. Nesse processo, ele identifica a “coisificação” do trabalhador, reduzindo o homem a uma condição de mercadoria. Segundo Marx ([1884] 2004), enquanto a divisão do trabalho eleva a força produtiva, a riqueza e o aprimoramento da sociedade, ela empobrece o trabalhador até a condição de máquina, “mas

não levando em conta ainda uma grande diferença: até onde os homens trabalham *com*¹⁰ máquinas ou até que ponto trabalham *como*¹¹ máquinas” (MARX, [1844] 2004, p. 32). A classe trabalhadora aceitava qualquer trabalho para manter sua existência, mesmo que isso encurtasse sua vida útil (por causa da condição degradante do local de trabalho), mas o medo de morrer de fome era muito maior. Existia sempre essa “tensão” entre burgueses (donos dos meios de produção) e proletários (que somente tinham a força de trabalho para vender), sendo que os últimos sempre estariam em desvantagens em relação aos primeiros. Contrapondo-se ao mundo do dinheiro, Marx ([1844] 2004) pregava uma nova sociedade, da qual deveria ser abolida a propriedade privada que o trabalhador tivesse autoconsciência, que o homem fosse homem e que a relação com o mundo fosse humana, aonde o amor só pudesse ser trocado por amor, se desejasse aprender a arte, seria preciso apenas ser uma pessoa autenticamente educada. As classes sociais e os conflitos da guerra, gerados entre as mesmas, determinam sentimentos pela via da marcha das lutas de classe. O individual, na visão de Marx e de Durkheim, não existe como expressão concreta, mas como expressão de estruturas de coletividade abstrata.

Nesse sentido, Simmel, na obra “A Filosofia do Amor” ([1909] 1993), retrata uma série de artigos que trazem uma “teoria do amor”, intitulado “a Psicologia do coquetismo” ([1909] 1993). O que interessa na teoria do amor, no estudo de Simmel, é como ele capta a definição sobre o amor, que guia os indivíduos. Segundo Simmel ([1909] 1993), a coquete seria de um modo moderno, um cortejo, um despertar a atenção com manifestações de dizer sim e dizer não, um jogo de olhares, em que ambos (homens e mulheres), no jogo da coquete, visam à busca do amor profundo, sendo a conquista o fim da coquete. A coquete causaria os mais diversos prazeres, simplesmente por imaginar como seria o momento em que a amada ou o amado estaria em seus braços. Essa imaginação seria o ponto alto da coquete, com reflexos prazerosos, que poderiam ou não se materializar no momento em que viesse a acontecer. Assim, “o beijo, ou mesmo a simples consciência de ter seu amor correspondido, supera todas as alegrias eróticas por assim dizer mais substanciais” (SIMMEL, [1909] 1993, p. 100). Na conclusão do artigo, Simmel argumenta que as mulheres teriam mais capacidade para o amor profundo do que os homens, pois elas têm uma capacidade de amor de entrega completa, de ser tudo e de ser nada, sendo o coquetismo, para elas, uma introdução que leva ao amor profundo.

¹⁰ Cf. no texto original.

¹¹ Cf. no texto original.

Sob essa mesma ótica, Weber (sociologia compreensiva), assim como os demais clássicos citados, através do “austero puritano”, contribui para o debate sobre as emoções, com a obra “A Ética Protestante e o ‘Espírito’ do Capitalismo” ([1904-5] 2004), para apontar onde estão presentes as emoções. Nessa obra, Weber ([1904-5] 2004) vai investigar o porquê dos países de religião protestante serem mais prósperos na vida privada e mais bem sucedidos em indústrias, sendo que, os Estados Unidos da América aparecem como um país predominantemente protestante, e o desenvolvimento capitalista deu-se inicialmente por lá. Para tal fim, o sociólogo alemão é motivado pela tentativa de uma resposta ao questionamento: por que os protestantes eram mais hábeis no comércio que os católicos? Weber ([1904-5] 2004) vai se debruçar sobre o objeto de estudo, a “ética” protestante, e empenha-se em compreender como essa “ética” propiciou condições favoráveis para o desenvolvimento do capitalismo ou seu “espírito” viesse a se desenvolver em países de tendência/inclinações protestantes. Um motivo importante seria a diferença de concepção de religião, entre o católico e o protestante. Enquanto o católico pertence a um grupo social, fazendo parte de um coletivo, ele, e os outros (uma religião de convívio), poderão se arrepender e serem perdoados de todos os seus pecados em vida. O protestante, por sua vez, pertence a uma religião, na qual, é ele e Deus, enquanto o puritano calvinista vive uma dúvida religiosa durante toda a sua vida e vai solucioná-la a partir da “ética do trabalho”, traduzindo isso numa angústia da salvação e canalizando isto no trabalho árduo, disciplinado, que tem horário, crédito e vai fazendo comparações e vai pensando, isso está dando certo e desse modo eu vou me salvar. Esse *ethos* do trabalho ou de ser o melhor em sua profissão, de levar a sua profissão a sério, sem ter como objetivo primeiro o lucro é “uma disposição de executar o trabalho como se fosse um fim absoluto em si mesmo – como ‘vocação’ ”. (Weber [1904 – 5] 2004, p. 54). O puritano calvinista vive uma vida asceta¹², mesmo vivendo no seio do capitalismo, ele evita festas, bebedeiras dedicando boa parte de suas energias somente ao trabalho, cujo controle das emoções é o ápice de um processo psicossociológico, no qual a palavra-chave seria conter as emoções. Portanto, para evitar digressões, gostaria de ressaltar

¹² O asceta tem uma proposta de vida, uma espécie de abnegado, é um dizer não, e abre mão de muitos confortos para viver um ideal, ou seja, uma vida dedicada a algo. O maior exemplo são os mosteiros, alguém retirado da coletividade, geralmente. “Vocação para fora do mundo”, o protestantismo muda radicalmente essa concepção, quem quer agradar a Deus não se retira do mundo, ele entra no mundo e serve a Deus. Você, executando sua profissão, se infiltrando nas ordens econômicas, coisas que só eram do domínio da igreja, uma nova lógica de vida, trouxe uma nova lógica, novas técnicas que aumentassem a produção. Uma reviravolta na concepção do ascetismo se dedica ao trabalho mais rentável e produtivo. Uma contenção individual de suas vaidades, eu controlo a preocupação com bens materiais, uma espécie de desapego.

que estes seriam apenas alguns exemplos encontrados nos clássicos da Sociologia, dentre os quais se pode elencar as emoções como pano de fundo de suas discussões. Talcott Parsons desempenhou importante papel na racionalização da Sociologia, ao realizar a tradução da obra tratada anteriormente, “A Ética Protestante e o ‘Espírito’ do Capitalismo” de Weber ([1904-5] 2004), a qual, estando disponível para a língua inglesa, estava à disposição de sociólogos que liam em inglês e, em particular, dos estadunidenses. Segundo Barbalet (1998), a partir dos anos trinta, uma das características da sociologia foi uma ênfase quase que cognitivista das bases da ação. Contudo, Parsons não afirmava que a emoção se encontra ausente da sociedade moderna. A ideia que se tem é que, desde os anos trinta até o final dos anos setenta do século XX, o estudo da emoção não tinha um lugar seguro na Sociologia.

De acordo com Barbalet (1998), a renovação no estudo da “Sociologia das emoções” está na escola americana, no final dos anos setenta, início dos anos oitenta nos Estados da América, por Randall Collins (1975), no livro *Conflict Sociology*, que, a partir daí, abriu caminho para um grande número de publicações que traziam as emoções como tema central e objeto merecedor de preocupação social, surgindo a categoria de emoções como conceitos-chaves. Construcionistas e microinteracionistas propõem que as emoções sejam sociais e culturalmente constituídas. O seu estudo das emoções desperta interesse em vários sociólogos contemporâneos, mesmo eles não se propondo a construir uma sociologia das emoções. Segundo Torres (2009), o estudo das emoções, na Sociologia estadunidense, divide-se em duas posições, uma posição “universalista” e “biossocial” e a outra “construcionista” e “sociocultural”. Para os adeptos da primeira posição, a “universalista”, as emoções são inatas e previamente fixadas no organismo humano e se deve procurar as causas, sejam elas sociais, psicológicas, fisiológicas e utilizar o método quantitativo na discussão teórico-metodológica. Os adeptos da posição sobre a segunda teoria, os “construcionistas”, admitem que as emoções possuem um substrato biológico, mas negam que possam ser automaticamente definidas pelas sensações corporais, assim como defendem que elas são construções da cultura e, como se dá o processo de socialização emocional, priorizam os estudos com dados qualitativos.

Portanto, o “Medo do Crime” (doravante “MC”) pertence a um conceito que é encarado como indicador de um fenômeno social e é do âmbito da Sociologia, tendo, inclusive, a emoção medo passado por um processo de racionalização, como nos diria Weber, para ser amplamente estudado em vários países como será explicado mais adiante no decorrer do texto.

CAPÍTULO 2 – RISCO, PÂNICO MORAL E “MEDO DO CRIME”: CONCEITOS NA MODERNIDADE TARDIA E NA DISCUSSÃO TEÓRICA.

Introdução

O segundo capítulo tem como objetivo argumentar sobre os conceitos de risco, pânico moral, e “Medo do Crime”. Inicialmente, procurei historicizar a noção de risco, como era tratado no medievo e seu surgimento como conceito, após o advento da estatística e da matemática, no século XVII. Lupton (1999) descreve o contexto da França medieval, como eram interpretadas as ameaças e os perigos, alegando a autora, que, antes, eram relacionadas apenas a possibilidades, o conceito de risco é algo recente. Mary Douglas ([1982] 2012) analisa o risco como a maneira moderna de avaliar o perigo em termos de probabilidades, em um contexto de incertezas. Por outro lado, Adams ([1995] 2009) diferencia risco real de risco percebido, enquanto Ulrich Beck ([1986] 2010) discute o conceito de “sociedade de risco”, admitindo que, contemporaneamente, os riscos, especialmente os humanos, produzidos pela ciência, são globalizados e, por fim, Anthony Giddens ([1990] 1991) discute o que chama de risco individualizado, uma concepção relacionada à percepção e à visão de mundo dos agentes sociais.

No que diz respeito ao pânico moral, como um conceito sociológico, surge na Inglaterra, e explico o contexto de seu surgimento, cito exemplos de pânico moral e justifico a escolha da teoria de Goode & Ben-Yehuda ([1994b] 2009) para estabelecer um quadro com a tipificação ideal, apresentado no capítulo 3, composto pelos cinco elementos: preocupação, consenso, hostilidade, desproporção e volatilidade.

Por fim, são apresentadas teorias sobre a emergência do “Medo do Crime”, fenômeno social nos EUA, tratado, até então, como um fenômeno de grande importância, despertando interesses da temática em pesquisadores¹³ da Europa e da América Latina. Foram utilizadas teorias que explicam que o mesmo é construído socialmente através da “cultura do medo” (GLASSNER) ou das “crenças de perigo” (BORGES). O conceito de “Medo do Crime” parece oferecer acolhida ao pânico moral, que, aí, encontra solo fértil para germinar e se desenvolver.

¹³ Adiante, citarei, no corpo do texto, os autores.

2.1 Da semelhança à peculiaridade: algumas transformações nas interpretações sobre o risco¹⁴ desde a Idade Média à Modernidade Tardia.

O conceito de risco, na opinião do autor do texto, torna-se incontornável para se compreender o pânico moral e o “MC”, pois, é realizando o cotejamento entre as reportagens/artigos da revista *Superinteressante*, e a literatura estudada. Inicialmente, no medievo, perigo, risco, incerteza, ameaça eram todos termos utilizados com sentidos semelhantes, não havia distinção entre eles e eram relacionados a possibilidades, ou seja, ao que poderia acontecer. A socióloga australiana Déborah Lupton (1999), explica que o medo tem relação direta com o risco, sendo este termo bastante recente. Ela começa seu livro, exemplificando com Robert Muchembled (1985), que trata do contexto da França medieval, onde muitas ameaças e perigos espreitavam os indivíduos. Os mais extremos dos perigos eram a fome, a escassez de alimentos, o frio, as guerras, as pestes, etc. Vivendo no período da Idade Média, a média de vida de um indivíduo era de, aproximadamente 40 anos, pois epidemias, como varíola, coqueluche, sífilis, atingiam e, praticamente, dizimavam populações. Na França medieval, local de extrema insegurança, os sujeitos conviviam com cadáveres expostos ao ar livre durante dias, tanto por execuções como por assassinatos de viajantes por bandidos bandoleiros que os saqueavam e deixavam os corpos nas estradas. As populações conviviam com uma propensão constante de medo, quer fosse real ou imaginário, tanto que, à noite, os indivíduos se trancavam em suas casas e evitam sair. A noite era associada à treva e “foi considerada o domínio de todos os perigos: o reino do diabo, de demônio, de bruxas, lobisomens e bestas monstruosas”¹⁵ (LUPTON, 1999, p. 2). Somando-se a esses medos, havia, ainda, medos de eventos naturais, terremotos, inundações, invernos rigorosos, raios, etc. O sobrenatural fazia parte da vida dos indivíduos nesse contexto medieval. Para conter os medos e as angústias, foram surgindo, superstições para que fosse possível lidar ou conviver com todos os males, sendo a vida cheia de crenças e costumes para tentar amenizar os perigos. Segundo Muchembled (1985), existia um sistema de estratégias e crenças para tentar lidar melhor e conter ou evitar os perigos, que eram de todas as sortes. Como não havia um conhecimento, principalmente sobre os fenômenos naturais, a denominação utilizada frequentemente era “perigo”, o qual era relacionado com o desconhecido, com a natureza ou com as forças divinas. Lupton (1999) traz alguns exemplos

¹⁴ “O risco é um dado negativo, uma eventualidade perigosa, cujos perigos uma racionalidade bem aplicada deve neutralizar meticulosamente. Ele é uma imagem antecipada do imaginário da doença, da morte, do acidente, do desastre ecológico ou da catástrofe natural.” (LE BRETON [2002] 2009)

¹⁵ Tradução livre do autor.

sobre o surgimento do termo risco, pois Luhmann (1993) afirma que o termo surgiu na Alemanha, em meados do século XVI, e, na Inglaterra, no século XVII. François Ewald argumenta que o termo risco apareceu, pela primeira vez, na Idade Média (não especifica onde), mas ambos também concordam que ele foi relacionado com os primeiros empreendimentos marítimos¹⁶. Segundo Iam Hacking ([1975] 2009), aponta que registros históricos mostram que não há um verdadeiro *conceito*¹⁷ de probabilidade na Europa, antes de meados do século XVII, embora o uso e outros objetos fossem utilizados para tal fim. Dessa forma, o surgimento do termo exclui as falhas humanas e tira as responsabilidades pessoais sobre o risco, sendo delegados às causas naturais quaisquer infortúnios da viagem (tempestades, redemoinhos), intimamente associados a possibilidades. Com o advento da modernidade, (séc. XVII e principalmente no séc. XVIII) o termo risco passou a ser associado à modernidade. Lupton (1999) define o que entende por modernidade:

Modernidade é equivalente a mundo industrializado, o capitalismo incorporado, a instituições de vigilância e de armamento nuclear, bem como processo de industrialização. Modernidade depende da noção emergente no séc. XVII no iluminismo, que é a chave para o progresso humano e social, ordem é o conhecimento objetivo do mundo através da exploração científica e do pensamento racional. Assume-se que os mundos sociais e naturais podem ser medidos, calculados e, por conseguinte, previstos¹⁸. (LUPTON, 1999. p. 4).

Durante o séc. XVIII, o conceito de risco passou a ser baseado em regras relativas à matemática e a estatística. Uma vez podendo ser calculados, os riscos passam a ter uma “nova” concepção. O que outrora pertencia às intempéries da natureza e às causas divinas, baseadas apenas em possibilidades, agora, com a introdução da matemática e da estatística, passa a pertencer à responsabilidade do ser humano, podendo ser calculado como probabilidade. Michel Foucault ([1976] 1999) explica que, no século XVIII na França, Luís XIV¹⁹ encomenda relatórios dos resumos e interpretação de um estudo demográfico, pois os relatórios de seus intendentess eram muito complexos. Para tal finalidade, o rei delegou a tarefa a “alguém chamado Boulainvilliers” (FOUCAULT, [1976] 1999, p. 152), o que Foucault interpretaria como biopolítica. De acordo com Foucault ([1976] 1999), a partir da convocação, Boulainvilliers tratou de fazer a triagem dos enormes relatórios, resumiu-os em

¹⁶ Giddens também concorda. Para ele: “A palavra *Risk* parece ter encontrado seu caminho para o inglês no século XVII e vem provavelmente de um termo náutico espanhol que significa correr para o perigo ou ir contra uma rocha.” (GIDDENS, [1990] 1991, p. 33)

¹⁷ Grifo meu.

¹⁸ Tradução livre do autor.

¹⁹ Conhecido pela História, como o rei Sol.

dois tomos espessos, e entregou-os a Luís XIV. Boulainvilliers interpreta e também realiza comentários críticos acerca do enorme trabalho administrativo de descrição e análise do Estado. No século XVIII, começa a aparecer a estatística para que depois viesse a ser feito um controle da população, a biopolítica. Nessa situação surge a possibilidade de um pensamento do risco para fins sociais, não para fazer controle social (pelo menos *a priori*), mas para conhecer, literalmente, a população. Esse conhecimento vem a ser premissa para taxas de criminalidade. Ainda no século XVIII, o conceito de risco foi estendido, alargado, ou seja, uma nova visão de mundo sobre o incerto poderia ser, tanto utilizada tanto para eventos bons quanto para maus, pois tinha a ver com o conceito de probabilidade, passando a ter cálculo estatístico, “mas dizer que uma coisa pode acontecer é quase sem sentido. O que importa é a probabilidade de esta coisa acontecer”. (GARDNER, 2009, p. 205).

A antropóloga britânica Mary Douglas argumenta que “visto que não há uma única concepção correta de risco, não há como fazer com que todos os demais “aceitem”. (Douglas & Wildavsky, [1982] 2012, p. 4) Entretanto, considera que risco é a maneira moderna de avaliar o perigo em termos de probabilidade, num contexto de incerteza. A concepção moderna de risco emerge, segundo ela, no século XVII (assim como Luhman, Ewald) no contexto dos jogos de azar. É incorporada, no século XVIII, a seguro marítimo (também em compasso com Luhman e Ewald) e, no século XIX, à economia, trazendo assim a autora uma expansão da concepção. No século XX, de acordo Douglas (1994), essa concepção foi caindo no ostracismo, e o risco passou a ser visto como estritamente mau ou relacionado com eventos ruins, mesmo assim podendo ser calculado. De acordo com Lupton (1999), em sociedades ocidentais contemporâneas, risco deriva o adjetivo arriscado, que se torna muito usado em ambos os discursos, populares e especialistas. O termo²⁰ risco passou a fazer parte do linguajar cotidiano dos agentes sociais, com uma utilização popular muito solta. No “senso comum”, o termo tende a ser tratado/interpretado como incerteza, pendendo mais para uma noção²¹, o que não é nada certo, seria apenas relacionada a interpretações subjetivas. O termo está sempre *à baila*, por exemplo, no de sentido que não posso comer carne gorda porque tenho problema cardíaco então, corro o risco de morrer ou, sendo casado, não vou me envolver com outras mulheres para não correr o risco de perder minha esposa que tanto amo ou fulano está mal, correndo risco de morte, risco país, taxa de risco, se um clube de futebol vai mal no campeonato “x” e está mal classificado, corre o risco de ser rebaixado. Portanto, a

²⁰ Associado a percepções do “senso comum”.

²¹ Também associado a percepções do senso comum.

palavra risco faz parte do noticiário e do cotidiano de todos os agentes sociais. Sobre o risco real e o risco percebido, Adams ([1995] 2009), em uma breve explicação, argumenta que:

a maioria da literatura sobre o risco insiste na distinção entre o risco “real” e “objetivo” e o risco “percebido”. O risco objetivo é o de domínio dos especialistas, em geral estatísticos e atuários, ao passo que o risco percebido é aquilo em que o resto da população acredita. Mas risco é uma palavra que se refere ao futuro, e só existe na nossa imaginação. Todo o risco é percebido, e a percepção se baseia em crenças. (ADAMS, [1995] 2009, p. 14).

O risco real é coisa da alçada dos especialistas, baseado em cálculos probabilísticos feitos por estatísticos, que entendem bem. Sendo ele um conceito científico, entretanto o risco percebido vem a ser uma antecipação de acontecimentos futuros, utilizada com frequência, por leigos no assunto, não levando em conta a probabilidade de que algo possa acontecer. Por exemplo, às vezes, um simples boato pode causar um sentimento de medo generalizado (risco percebido), como nas reportagens²² mostradas pelas mídias sobre a greve dos policiais em Fortaleza – CE, no início de 2012, quando os comerciantes simplesmente fechavam seus estabelecimentos por medo de sofrerem os chamados “arrastões” e fossem lesados ou tivessem seu patrimônio depredado, algo que não era verdade, apenas uma boataria que gerou um medo coletivo, portanto, um risco percebido, contrastando com a realidade, pois não estava e nem aconteceu arrastão algum. Essa situação é um exemplo típico de pânico moral. Existe essa tensão permanente entre racionalidade estatística (especialistas) *versus* racionalidade social (leigos/população). A partir de agora, optei por uma explanação sobre o conceito de risco, pelos autores Mary Douglas & Aaron Wildavsky (1982), já que estes foram os precursores na compreensão do risco no âmbito das Ciências Sociais. Mary Douglas & Aaron Wildavsky (1982) também consideram o risco uma construção coletiva, porém, os agentes sociais tomam suas decisões influenciadas pelas instituições. Sendo assim, os autores, assumindo uma perspectiva a qual chamarei de realista, pendem mais para a decisão individual e concordam que riscos realmente existem e de outro lado, os autores Anthony Giddens ([1990] 1991) e Ulrich Beck ([1986] 2010) também argumentam que riscos são construídos, embora haja uma pequena diferença (Beck explica que eles são construídos, globais, mas existem) entre eles. Observe, abaixo, a tabela com algumas percepções sobre conceitos que complementam a percepção de risco na visão de Beck ([1986] 2010) e de Giddens ([1990] 1991).

²² Fonte: <http://exame.abril.com.br/economia/brasil/noticias/militares-assumem-patrolhamento-de-fortaleza-apos-greve-da-policia>

Quadro comparativo com divergências entre Beck e Giddens acerca de alguns conceitos que complementam a percepção de risco.

Como vê	Beck	Giddens
Relação implícita entre risco e reflexividade ao risco	Elevado grau de risco e reflexividade é o resultado de um maior número de riscos produzidos na era moderna.	Os riscos não são maiores na modernidade tardia. Simplesmente, os agentes pensam que sejam maiores, pois a natureza da reflexividade mudou para uma abordagem à vida que é muito mais sensível à possibilidade de risco que em eras anteriores. (LUPTON, 1999, p. 83)
Sistemas especialistas de conhecimento	Reflexividade é uma crítica de conhecimentos, com base na confiança, mas não de desconfiança de sistemas especialistas, particularmente em relação a riscos ambientais.	Reflexividade se dá através de especialistas e é dependente de estabelecer confiança das pessoas na perícia.
Indivíduo	Ênfase na crítica dos indivíduos reflexivos do social.	Concentra-se mais na “ <i>self-reflexivity</i> ”, reflexividade voltada para o corpo. (LUPTON, 1999, p. 84).

Quadro desenvolvido pelo autor do texto.

Tirando as divergências estabelecidas, na tabela acima, as convergências entre os autores são bastante semelhantes. Tanto Beck ([1986] 2005) como Giddens ([1990] 1991) concordam com a definição da sociedade contemporânea como uma “sociedade de risco” e veem o conceito de risco como preocupação central na Era contemporânea, emergindo dos processos de modernização. “Sociedade de risco” foi uma expressão cunhada por Beck ([1986] 2010), que apontou suas características: a globalização, a individualização e a reflexividade. Ambos identificam e destacam a reflexividade (mesmo tendo concepções diferentes sobre o termo) como resposta primária para incerteza e insegurança na

modernidade tardia e apontam aspectos políticos do risco. Os autores baseiam-se nos estruturalistas críticos, concentrando a atenção de como o risco é tratado ao nível macroestrutural da sociedade contemporânea e as implicações políticas do presente. Ameaças à existência humana podem ser encontradas no passado. Entretanto, a “sociedade de risco” em que vivemos, se distingue por criar riscos, muitos dos quais afetam, de modo desigual, a população. Um exemplo, poderia ser um maior resguardo do seu patrimônio para quem tem condições de contratar segurança particular ou colocar alarmes em suas residências. O risco tornou-se, a partir dos anos oitenta do século passado, um conceito cada vez mais empregado por autores de diferentes orientações para discussões, inicialmente, sobre modificações climáticas (Douglas & Wildavsky), posteriormente, para compreender os próprios perigos representados pela ciência com consequências globais, especialmente a partir do acidente nuclear de Chernobyl como aponta Beck ([1986] 2010), ou mesmo para pensar os riscos cotidianos, ou seja, de que modo indivíduos se sentem seguros apesar das mostras de insegurança na alta modernidade como propõe Giddens²³ ([1990] 1991). Quer sejam concepções mais realistas, relativas ao risco, ou seja, concepções construcionistas²⁴, torna-se incontornável o conceito de risco para a Sociologia que pensa a sociedade contemporânea.

Beck ([1986] 2010) trabalha com um conceito de risco que chamarei de global (ou generalizado). A pergunta a que o autor busca responder é essa: o que é risco? Esta é uma pergunta muito complexa, e estamos perante um cenário de muitas incertezas, em que a resposta está deveras longe de conseguir consensos, quer seja no âmbito social da população em geral ou entre os cientistas e demais *expertises*. O presente argumento tem, como ponto de partida, a teoria relacionada ao risco, desenvolvida por Beck ([1986] 2010), no final dos anos oitenta, no qual o autor explana que vivemos em uma sociedade moderna com vários riscos ambientais e, sobretudo tecnológicos. O autor parte do acontecimento do acidente nuclear de Chernobyl, no ano de 1986, na antiga URSS (hoje Ucrânia), para desenvolver o argumento de que o risco é onipresente. O argumento sobre o qual Beck ([1986] 2010) discorre é a predominância de consenso nas Ciências Sociais contemporâneas, o fato de que a sociedade ocidental sofreu uma grande transformação ao passar de sociedade feudal para sociedade capitalista, por isso, sociedade “industrial” de risco. Descortinado o argumento de Beck ([1986] 2010), um cabedal de informações nos insere no texto, para explicar uma coisa bem simples, por óbvia que pareça: os riscos existem (nesse ponto de vista, ele concorda com

²³ Giddens explica isso através do conceito de “segurança ontológica”.

²⁴ “O risco é uma noção socialmente construída, eminentemente variável de um lugar para outro e de uma época para outra”. (LE BRETON, [2002] 2009, p. 11).

Douglas) e estão em todos os lugares. Beck ([1986] 2010) atenta que a “sociedade de risco” é um produto final da sociedade industrial, o mesmo desenvolvimento tecnológico que traz enormes benefícios é o mesmo que acarreta muitos problemas para a sociedade moderna, também, desde modificações genéticas em alimentos até nanotecnologias, um risco quase imperceptível para a maioria da população. O Estado-nação não consegue mais regular os riscos de alta complexidade, principalmente, aqueles que têm uma espacialidade e uma temporalidade que vão além das fronteiras geopolíticas nacionais (BECK, [1986] 2010, p. 210). Na “sociedade de risco”, a principal tese de Beck ([1986] 2010) é que esses riscos e acasos não podem mais ser pensados como locais, circunscritos, mas antes como fenômenos globais. Beck ([1986] 2010) tem a concepção de “sociedade de risco” como a que acarreta um sentimento de medo generalizado na sociedade contemporânea e se manifesta na forma de sofrimento individual ou coletivo (aqui podendo ser trabalhado como pânico moral).

Entretantes, Giddens ([1990] 1991) propõe uma concepção de risco mais individualizada²⁵, cujas percepções podem ser mais subjetivas do que objetivas, e essa concepção de risco substitui, em grande parte, o que antes era pensado como fortuna (ou destino). (GIDDENS, [1990] 1991, p. 38). O que passa a ser considerado como risco, um conceito recente, passa a ser estimado, mas não é provável (conceito semelhante a Lupton). O sociólogo refuta o conceito de mundo da pós-modernidade utilizado por alguns autores, entre eles, quem primeiro utilizou o termo Lyotard²⁶ ([1979] 2008), Giddens ([1990] 1991) que se refere que as instituições expressam um período que ele denomina de alta modernidade²⁷. Então, como conseguimos conviver com o risco cotidiano? O autor explica que é através de um conceito, que ele chama de segurança ontológica, que, segundo ele, “tem mais a ver com o “ser” ou, de acordo com a fenomenologia, “o ser no mundo”, mas trata-se de um fenômeno emocional, ao invés de cognitivo, e está enraizado no inconsciente”. (GIDDENS, [1990] 1991, p. 91). Giddens ([1990] 1991) procura explicar que compreende a segurança ontológica como:

A crença que a maioria dos seres humanos tem na continuidade da autoidentidade e a na constância dos ambientes da ação social e material circundante. Uma sensação de fidedignidade de pessoas e coisas, tão central á noção de confiança, é básica nos sentimentos de segurança ontológica. (GIDDENS, [1990] 1991, p. 95).

²⁵ Nesse ponto concorda com Mary Douglas & Aaron Wildavsky ([1982] 2012).

²⁶ A condição pós-moderna.

²⁷ Conceito pelo qual o autor do texto optou por achar mais apropriado ao momento em que vivemos.

O conceito relacionado à rotina dos agentes, ainda explica que “há certos aspectos da confiança e processos de desenvolvimento da personalidade que parecem se aplicar a todas as culturas, pré-modernas e modernas”. (GIDDENS, [1990] 1991, p. 95). Vivemos em um tempo, no qual temos certa obsessão por segurança, e, quando algo não acontece como o planejado, a tendência é afetar diretamente o conceito de segurança ontológica, causando uma sensação de insegurança e um alerta para qualquer nova situação, uma espécie de aviso permanente de medo. Para concluir, Giddens ([1990] 1991) entende que os riscos são criados/construídos. O conceito moderno de risco também altera a concepção de perigo, pois, na alta modernidade, podemos dizer que algo passa a ter o sentido de perigoso, quando tem uma grande carga de risco, ou seja, que tal coisa tenha uma grande probabilidade de acontecer, por exemplo:

O perigo existe em circunstâncias de risco e é relevante para a definição do que é risco – os riscos que envolvem atravessar o Atlântico num pequeno bote, por exemplo, são consideravelmente maiores do que se a viagem for feita num grande transatlântico devido à variação contida no elemento de perigo. (GIDDENS, [1990] 1991, p. 34).

Na verdade, o conceito de risco, no debate sociológico, parece ter se tornado o companheiro invisível para os debates sobre o pânico moral e “MC”, pois o “MC” passa a ser o indicador de um fenômeno social, no caso, do pânico moral.

2.2 Pânico moral: um conceito sociológico

Apoiando-me nas reflexões do sociólogo Barry Glassner ([1999] 2003), o qual argumenta que vivemos em um período denominado “cultura do medo”, a pesquisa busca investigar de onde surgem os medos? Quem os divulga, ou os estimula? Na “cultura do medo”, nossos verdadeiros medos são deslocados ou desviados para direções diversas (e geralmente distorcidas). Não estamos devidamente inclinados com o que realmente deveríamos nos preocupar e acabamos deixando de lado uma espécie de desvio involuntário, por exemplo, existem temas como a pobreza e a fome que são problemas sociais graves, em primeira instância, “minha afirmação é que frequentemente tememos as coisas erradas”. (GLASSNER, [1999] 2003, p. 27). Tememos coisas erradas porque somos bombardeados com notícias alarmantes quase diariamente: surto de doenças, abusadores sexuais, pedófilos, *serial killers*, atentados terroristas, imigrantes ilegais, enfim, a lista parece interminável. A

partir desse raciocínio, chegamos a um divisor de águas, que é o estudo do chamado pânico moral. O termo pânico moral foi utilizado, pela primeira vez, por Young²⁸ (1971), mas ganhou notoriedade ao remeter ao até então estudante inglês Stanley Cohen, que presenciou uma ação forte e desproporcional (segundo ele) intervenção policial para conter uma situação de protesto, levando, assim, Cohen, mais adiante, no seu livro “*Folks devil’s and Moral Panics*”²⁹ (1972), a introduzir o termo pânico moral, porque:

a gravidade dos eventos foi exagerada e distorcida, em termos de jovens envolvidos, a natureza da violência cometida, a quantidade de o dano infligido, e seu impacto sobre a comunidade para não mencionar a importância dos eventos para a sociedade como um todo. Obviamente histórias falsas foram repetidas como verdade, não confirmando rumores, foram tomadas como elementos novos de mais atrocidades.³⁰ (COHEN, 1972, p. 31).

O conceito não é um termo de alçada popular e comumente é utilizado por políticos, sociólogos, jornalistas, entre outros profissionais, para explicar situações sociais, nas quais existe uma percepção, por alguém, que uma determinada situação representa um risco potencial (real ou imaginário) para uma população. Debruçar-me-ei sobre a concepção sociológica acerca do termo, já que, “antes era um movimento retórico na política cultural, pânico moral foi definido rigorosamente como conceito sociológico”³¹. (GARLAND, 2008, p. 9). Os *folks devil’s*³², aos quais Cohen (1972) se refere, em sua obra, são relacionados a situações as quais têm uma grande aceitação popular, pois são grupos considerados desviantes ou “inimigos” da população, ou bodes expiatórios, como os usuários de drogas, pedófilos, terroristas, etc. Os pânicos morais estão associados a alguma espécie de perigo iminente e emanam do social. Imaginemos que poderia ser considerado como pânico moral (mesmo sem ser cunhado ainda esse conceito), durante a Reforma Protestante, a caça às bruxas³³, figuras apontadas como maléficas que causaram medo e pânico às populações europeias, por aproximadamente três séculos, entre os séculos XIV e XVII, orquestrados pelos inquisidores, ligados à Igreja Católica ou ao Estado.

²⁸ YOUNG, Jock. “The Role of the Police as Amplifiers of Deviancy, Negotiators of Reality and Translators of Fantasy” in *Images of Deviance*, ed. S Cohen, (Penguin, London), 1971.

²⁹ A primeira edição do livro é fruto da tese de doutoramento de Cohen (1972).

³⁰ Tradução livre do autor.

³¹ Tradução livre do autor.

³² Conforme o termo original, haja vista que não se consegue fazer uma tradução exata para a língua portuguesa, o que mais se aproximaria, seriam demônios populares, porém não seria exatamente o sentido dado por Cohen (1972).

³³ “A expressão “caça às bruxas” acabou por significar, na nossa época, uma busca por bodes expiatórios, o encurralamento de pessoas inocentes para sua destruição, num esforço para desvendar e erradicar alguma conspiração imaginada.” (RICHARDS, [1990] 1993, p. 82)

Outro exemplo sobre o pânico moral remete ao século XX, no dia 30 de Outubro de 1938, véspera de um *Halloween* (Dia das bruxas nos Estados Unidos), no qual Orson Welles³⁴ aterrorizou a América do norte, através do drama radiofônico “Guerra dos Mundos”³⁵. Welles adaptou a obra do inglês Herbert George Wells de 1898, de nome homônimo, a mudança na adaptação parecia banal, pois consistia na interpretação apresentada na forma de sucessão de noticiários relatando uma verdadeira invasão de marcianos a Terra. A narração era realizada por personagens fictícios:

Welles interpretava o professor Richard Pierson, do Observatório Princeton, era apenas um entre personagens com diversos títulos e afiliações ilustres que apareceram. Outros professores e cientistas também falaram, e, em muitos momentos do drama, pessoas identificadas como secretário do Interior, vice-presidente da Cruz Vermelha e comandante de uma milícia estadual entraram na conversa.” (Glassner [1999] 2003, p. 326)

Utilizando os personagens “pseudo-especialistas” (Glassner [1999] 2003, p. 327), com conhecimento em diversas áreas do conhecimento, o intuito da mudança de Welles era potencializar o efeito dramático, entretanto, a peça no formato radiofônico, causou um pânico coletivo, nos ouvintes do programa na rádio CBS, em Nova Jersey, nos Estados Unidos, mesmo com avisos, espaçados de 40 em 40 minutos, de que tudo não passava de uma encenação. Dessa forma, quem perdeu o início do programa, só perceberia o aviso 40 minutos depois. Obviamente, o contexto social era outro, e o medo de uma invasão inimiga (principalmente de Hitler) aos Estados Unidos era um temor, haja vista que, a Segunda Guerra Mundial estava por eclodir a qualquer momento (e ocorreu em 1939). Na peça radiofônica, “Guerra dos Mundos” (1938) o pânico moral é explicitado de uma forma, cuja chamarei de “clássica”, pois, mesmo os ouvintes do programa sendo notificados (nos intervalos) que era um peça de ficção, desencadeou a onda de paranoia e histeria na costa leste dos Estados Unidos, é estimado que 6 milhões³⁶ de pessoas estavam ouvindo o programa, sendo que a metade havia ligado o rádio após a introdução, e desses 1,2 milhão de pessoas acreditou ser um fato real. A transmissão durou apenas uma hora, e ao final ficou esclarecido de que não

³⁴ Criador de um dos filmes clássicos do cinema, Cidadão Kane (1941) que narra a ascensão de um mito da imprensa americana.

³⁵ O vídeo através de sua narrativa ilustra melhor o acontecimento: <https://www.youtube.com/watch?v=9JJPE5JldU>, último acesso dia 01/10/13.

³⁶ Conforme: <http://www.dw.de/1938-p%C3%A2nico-ap%C3%B3s-transmiss%C3%A3o-de-guerra-dos-mundos/a-956037>, último acesso 02/10/2013.

passava de uma ficção, porém ficou gravado na história, como o dia em que marcianos invadiram a Terra.

Entretanto, o pânico moral pode ter outras facetas, variando por períodos e de local para local. Goode & Ben-Yehuda ([1994b] 2009) exemplificam o conceito de pânico moral:

O pânico moral é um susto sobre uma ameaça ou suposta ameaça de desviantes ou “*folks devil’s*” uma categoria de pessoas que, presumidamente, envolveu-se em práticas do mal e são acusados de cultura de uma sociedade ameaçadora, o modo de vida central de valores. A palavra susto implica que a preocupação com, o medo de, ou hostilidade para o “*folks devil’s*” é fora da proporção com a ameaça que é reivindicada.³⁷ (GOODE & BEN-YEHUDA [1994b] 2009), p. 2).

Na sequência, os autores alertam que mesmo sendo verdadeira, a informação pode ser amplificada ou distorcida para causar o pânico moral³⁸:

Há, sem dúvida, ocasiões de pânicos morais genuínos que ocorrem na América (o pânico sobre o abuso de crianças é um bom exemplo), onde os valores sociais amplamente compartilhados são perturbados pela conduta de um grupo desviante. Mas isto é muito menos comum do que cruzadas morais, política simbólica e guerras da cultura, onde grupos sociais específicos se envolvem em política moral, a fim de redistribuir *status* social e declarar uma forma de vida superior aos seus rivais.³⁹ (GARLAND, 2008, p. 17)

Na passagem acima, a discussão também retoma a problemática relacionada aos desviantes e empreendedores morais. Proponho-me a pesquisar tais questões, mas amplificadas e distorcidas por quem ou pelo quê? Mais adiante retomarei esse ponto.

Os estadunidenses Goode & Ben-Yehuda ([1994b] 2009) citam, em sua obra, a “Guerra de Canudos” (1896–1897), como exemplo de pânico moral. Ocorrida no nordeste do Brasil, um movimento social, tendo como líder Antônio Conselheiro, que fundou uma comunidade ancorada nos mandamentos de Deus, uma espécie de “Cidade Santa”, desafiando o modelo vigente da época, sendo até então, seus poderes e propriedades ameaçados pelos seguidores do Conselheiro, o que culminou em uma guerra, a qual os seguidores do Conselheiro inicialmente resistiram, mas acabaram sendo massacrados:

A resistência de Canudos – na verdade, sua própria existência, tinha gerado uma crise na sociedade brasileira. Realçado pelo fascínio universal com histórias sobre os fanáticos religiosos, o conflito de Canudos inundou a imprensa invadindo não

³⁷ Tradução livre do autor.

³⁸ O pânico moral raramente é dano físico, ele é relacionado ao simbólico.

³⁹ Tradução do autor do texto.

apenas editoriais, colunas e despacha notícias, mas mesmo reportagens e humor. Pela primeira vez no Brasil, jornais foram usados para criar uma sensação de pânico público”⁴⁰. (GOODE & BEN-YEHUDA [1994b] 2009, p. 4).

A união entre os grandes proprietários de terras e representantes da Igreja católica⁴¹, uma vez sentindo-se ameaçados, resultou na pressão ao governo da Bahia, para que interviesse e sufocasse a comunidade de Canudos, o que culminou, com a morte de todos os integrantes da comunidade, morrendo, dias antes, o Conselheiro, que mesmo sendo o líder, foi esquartejado e teve sua cabeça espetada, servindo como exemplo aos que fossem contra as normas ou a lei local. Esse fato elucidado como uma das maiores propagadoras do pânico moral se posicionou na época, a mídia (nesse caso, jornais). Há um consenso no que diz respeito ao estudo de pânimos morais, acerca do papel da mídia na difusão e propagação de notícias alarmantes nem sempre correspondentes à realidade, sendo ela apontada como difusora da “cultura do medo”. Assim:

Toda análise da cultura do medo que ignora a ação da imprensa ficaria evidentemente incompleta. Entre as diversas instituições com mais culpa por criar e sustentar o pânico, a imprensa ocupa indiscutivelmente um dos primeiros lugares. (GLASSNER, [1999] 2003, p. 33)

Gardner (2009) é mais um autor que corrobora com esse pensamento sobre o comportamento da mídia em relação a sua postura frente a problemas sociais e que a mesma acaba causando mais pânico ainda. Cohen (1972) considerou a imprensa principal ator do pânico moral, pois exagera na gravidade dos fenômenos, geralmente não buscando saber a veracidade dos fatos. Segundo Goode & Ben-Yehuda ([1994b] 2009), Cohen elencou cinco segmentos da sociedade que fazem parte do pânico moral: 1. a imprensa⁴², 2. o público, 3. agentes de controle social formal ou aplicadores da lei, 4. legisladores e políticos e 5. grupo de ação. É necessária a interação entre os segmentos abaixo:

- primeiro, a mídia exagerando, dedicando capas e reportagens de centro sobre de algum acontecimento,
- segundo, o público tem que causar uma dimensão de interesse social, motivando, assim, uma “aceitação” pelo fato e pendendo para uma reação dos mesmos.

⁴⁰ Tradução livre do autor.

⁴¹ “A Igreja Católica, lutando contra o que via como heterodoxia, apostasia e da influência de cultos afro-brasileiros.” (GOODE & BEN-YEHUDA [1994b] 2009, p. 4, Tradução livre do autor).

⁴² Que nesse caso, representa a(s) mídia(s).

– terceiro, a aplicação das leis pela polícia e por tribunais⁴³, “forças policiais estabelecem e fortalecem laços entre um e outro”⁴⁴ (GOODE & BEN-YEHUDA [1994b] 2009, p. 25), através de um processo que Cohen chama de “difusão”.

– quarto, políticos e legisladores, aqui, os criadores de regras sociais e leis,

– quinto, os grupos de ação, os líderes que lançam esses grupos que podemos chamar de “empreendedores morais”⁴⁵, segundo Becker ([1963] 2008).

Partindo de uma outra perspectiva, mas sempre no mesmo sentido, Goode & Ben-Yehuda, ([1994b] 2009), argumentam que “o conceito do pânico moral é definido por um quadro de, pelo menos cinco critérios ou itens cruciais”⁴⁶. (GOODE & BEN-YEHUDA [1994b] 2009, p. 37). São eles: 1. Preocupação, pois:

Pânicos morais costumam gerar ansiedade generalizada e ansiedade que se manifesta em fileiras mensuráveis de maneiras. Por exemplo, os americanos sentiram preocupação após o ataque terrorista contra a o World Trade Center e ao Pentágono, em 11 de setembro de 2001⁴⁷. (GOODE & BEN-YEHUDA [1994b] 2009, p. 37)

Sentiram tanto pânico que houve um frenesi, muitos estadunidenses não queriam viajar de avião e preferiam percorrer longas distâncias se deslocando de carro, porém, desconsiderando as estatísticas oficiais, as quais apontavam que seria mais provável que sofressem um acidente. Glassner ([1999] 2003) cita um exemplo, no qual o piloto de seu voo, ao chegar ao aeroporto de Baltimore, vindo de Los Angeles, anunciou:

a parte mais segura da sua viagem terminou. Dirijam com cuidado para casa. Ele estava certo. Tínhamos mais chances de morrer dirigindo, nos poucos quilômetros que separam o aeroporto de Baltimore de Washington, do que na viagem de quatro mil quilômetros através do continente. Em toda a história da aviação comercial, de 1914 em diante, menos de 13 mil pessoas morreram em acidentes aéreos. Em apenas um ano, três vezes mais americanos perdem suas vidas em acidentes automobilísticos. (GLASSNER, [1999] 2003, p. 295)

Por isso despertou a - 1. Preocupação (que nesse caso, é diferente de medo), em larga escala, da população, por causa dos atentados terroristas de 11 de Setembro de 2001.

⁴³ “Os impositores de regras” (BECKER [1963] 2008, p. 166).

⁴⁴ Tradução livre do autor.

⁴⁵ Criadores de regras, também chamados por Becker como “empresários morais” ou “reformador cruzado”. ([1963] 2008, p. 153)

⁴⁶ Tradução livre do autor.

⁴⁷ Tradução livre do autor.

2. A hostilidade é preciso ser elevado um grau de hostilidade com grupos ou categorias, encarados como “inimigos coletivos”⁴⁸. (GOODE & BEN-YEHUDA [1994b] 2009, p. 38), os terroristas são um bom exemplo, também, psicopatas sexuais são “inimigos coletivos” e é “importante ressaltar que muitos pânico morais são sobre sexo”⁴⁹ (GOODE & BEN-YEHUDA [1994b] 2009, p. 18), inclusive tendo a caça às bruxas sempre uma relação associada ao sexo⁵⁰. Sendo assim, o pânico moral divide a sociedade entre “eles” e “nós”, desviantes e cidadãos de bem. (Goode & Ben-Yehuda, [1994b] 2009, p. 33), introduzindo-nos em uma espécie de lógica maniqueísta, de um lado, os bons, e, do outro, os maus, aqueles que atentam contra os valores basilares de uma população. O ponto 3. é o consenso, uma espécie de acordo social, ou aval geral de que a ameaça realmente existe⁵¹.

Para se qualificar como um pânico moral, temos que ter acordo substancial generalizado ou consenso, isto é, pelo menos em certa medida mínima de consenso ou acordo, seja na sociedade como um todo ou em segmentos designados da sociedade - que a ameaça é real, séria e causada pelo membro do grupo e seu comportamento delituoso⁵². (GOODE & BEN-YEHUDA [1994b] 2009, p. 39).

Em nenhum momento exato, quero dizer que um pânico existe, no entanto, se o número não é substancial e medido pela emoção intensa e crenças de indivíduos dispersos, claramente, como um fenômeno sociológico, que necessita de uma aceitação popular, sem a qual, um pânico moral não existe. Um exemplo sobre a tentativa frustrada de inculcar o pânico moral são reportagens televisivas sobre a influência de alguns jogos eletrônicos (que causariam comportamento violento), nas ações de jovens que cometeram homicídios, conforme reportagens da mídia⁵³ em canais abertos. Essas reportagens não têm aceitação popular e sofrem muita rejeição por parte da população. Ponto 4 – desproporção é com

⁴⁸ Tradução livre do autor.

⁴⁹ Tradução livre do autor.

⁵⁰ Pois o casamento e o celibato, associados à Igreja, e a promiscuidade associada às bruxas. Dessa forma “as acusações de bruxaria eram geralmente levantadas por vizinhos indispostos contra mulheres específicas: as velhas, as solitárias, as impopulares, as neuróticas, as mal-humoradas, as promíscuas, as praticantes de medicina popular ou parteiras, mulheres que, por motivos variados, haviam se tornado alvo do ódio local” (RICHARDS, [1990] 1993, p. 94)

⁵¹ Entretanto Garland argumenta que: “A reação social envolvida em um pânico moral pode ser mais ou menos consensual, mais ou menos dividida” (GARLAND, 2008, p. 14)

⁵² Tradução livre do autor.

⁵³ http://www.youtube.com/watch?v=vim6Cn_Xkp8 Jornal Hoje, Rede Globo, data 04-11-09.

<http://www.youtube.com/watch?v=LYza5hQDmOk>, Domingo Espetacular Record, data 24-04-11

http://www.youtube.com/watch?v=wYflw_odaLg Record data 15-04-12

relação ao evento, sendo a repercussão muito maior que o próprio evento tido como trágico. Dessa maneira, desproporção centra-se na medida em que o “grau de preocupação pública sobre o comportamento em si, o problema que representa, ou condição que ele cria, é muito maior do que é verdadeiro para comparáveis, as ações ainda mais prejudiciais”⁵⁴. (Goode & Ben-Yehuda [1994b] 2009, p. 36).

Em suma, o termo pânico moral transmite a implicação de que a preocupação do público é de mais preocupação apropriada é o que se foram diretamente proporcionais ao dano objetivo. Em pânico moral, a geração e difusão de dados ou números é extremamente importante⁵⁵. (GOODE & BEN-YEHUDA [1994b] 2009, p. 41)

5. Volatilidade: os eventos têm uma erupção do nada e passam ou somem, sem deixar resquícios, o que pode ficar é o medo da população acerca dos eventos. No entanto, isso não quer dizer, que o pânico moral não tem nenhum efeito duradouro ou de impacto. Como explicado alhures, há ocasiões em que um caso de pânico moral que resultou em mudanças na política social ou legislação, sendo os Estados Unidos da América um bom exemplo, já que eles aumentam a segurança nos aeroportos, após o trágico acontecimento de 11 de Setembro. Portanto, calcado nos cinco elementos supracitados, como tipificação “ideal” do que seriam os componentes do pânico moral, o autor do presente texto estabeleceu um quadro de análise das reportagens da revista *Superinteressante*, com a finalidade de examinar o destaque dado pela revista *Superinteressante* aos conceitos relacionados ao “empreendedores morais”, risco, pânico moral e “MC”, através de orientações normativas nas suas reportagens/artigos.

2.3 Da emoção medo para o indicador “Medo do Crime”: o surgimento do conceito polissêmico como pré-condição para o pânico moral

Inicialmente, tecerei uma breve explicação sobre a diferença entre emoção e sensação. De acordo com TenHouten (2007), existe distinção entre emoção e sensação, sendo que as emoções dividem-se em emoções primárias e secundárias⁵⁶. As emoções primárias dividem-se em quatro pares de opostos, ou seja, oito: aceitação, desgosto, alegria, raiva, tristeza, medo, antecipação e surpresa, e as emoções secundárias dividem-se em 28:

⁵⁴ Tradução livre do autor.

⁵⁵ Tradução livre do autor.

⁵⁶ Existem as emoções terciárias, que são 56, porém esta não vem ao caso, no presente estudo.

Amor = aceitação & alegria
 Miséria, desamparo, solidão = desgosto & tristeza
 Orgulho = raiva & alegria
 Constrangimento, vergonha leve = medo & tristeza
 Agressão = raiva & antecipação
 Alarme, pavor = medo & surpresa
 Curiosidade = surpresa & aceitação, e
 Cinismo = antecipação & desgosto⁵⁷
 (TENHOUTEN, 2007, p. 34-35)

Descritas acima, as emoções primárias e secundárias, dessa forma “enquanto cada pessoa em cada cultura desenvolve as emoções primárias muito cedo na vida, os sentimentos surgem mais tarde”⁵⁸ (TENHOUTEN, 2007, p. 24). Exemplos de sentimentos: culpa, vergonha, nojo, repulsa, felicidade, dor, responsabilidade, etc. Segundo Borges (2011), “os sentimentos e as emoções têm como objetivo auxiliar as pessoas a classificar, conhecer e perceber as coisas do mundo real.” (BORGES, 2011, p. 55), ou seja, auxiliam o indivíduo em sua visão de mundo, enquanto a sensação é relacionada a algo estritamente físico, aos cinco sentidos. Feita essa ressalva inicial, posso interpretar que o medo “pertence a um grupo relativamente pequeno de ‘emoções primárias’, cada uma provocada por avaliações específicas de um evento” (ATKINSON, 2002, p. 420), é geralmente desencadeado por alguma ameaça (ou percepção dela). O medo, tratado aqui como uma emoção humana⁵⁹, que obviamente sempre existiu e, em certa proporção, é considerado normal, pode ser benéfico, à medida que nos mantém sob controle e garante que ajamos com certa restrição, evitando situações de risco à própria vida, mantendo, assim, a autopreservação individual ou da espécie. Delumeau ([1989] 2009) explica o que entende por medo:

No sentido estrito e estreito do termo, o medo (individual) é uma emoção-choque frequentemente precedida de surpresa, provocada pela tomada de consciência de um perigo presente e urgente que ameaça, cremos nós, nossa conservação. Colocado em estado de alerta, o hipotálamo reage mediante mobilização global do organismo, que desencadeia diversos tipos de comportamentos somáticos e provoca sobretudo modificações endócrinas. (DELUMEAU, [1989] 2009, p. 30).

Essa emoção descrita por Delumeau ([1989] 2009) pode variar de indivíduo para indivíduo, podendo ter influência da cultura e, assim alguns terem uma reação mais forte em

⁵⁷ Tradução livre do autor do texto.

⁵⁸ Tradução livre do autor do texto.

⁵⁹ Charles Darwin escreveu o livro “A expressão das emoções nos homens e nos animais” (1872), para complementar a teoria da evolução, que expôs no clássico “A origem das espécies” (1859), tentando explicar as emoções pela biologia, o que não é em momento algum o intuito do presente trabalho.

determinadas situações do que outros. Imaginemos que alguns indivíduos tenham medo de baratas, e outros são indiferentes. Provavelmente, quem tem medo de baratas, ao ver uma, gritará, subirá em algum móvel ou tentará matá-la, enquanto outro que não tenha medo, não vai se importar com a presença delas. São reações emocionais e físicas que variam, mesmo dentro da própria reação contra o medo, pois o indivíduo pode ter um comportamento de imobilização ou de exteriorização violenta, ou foge ou encara o causador do seu medo. O medo em si pode ter esse efeito de causar uma surpresa. Quando deparado com algo que lhe cause medo, o indivíduo pode gelar, inicialmente, porém ele poderá também reagir com raiva e externar um comportamento violento. Absolutamente, todos os indivíduos sentem medos dos mais diversos e diferenciados, em maior ou menor grau aceitável, socialmente, mas o sentem. O medo⁶⁰ pertencente aos indivíduos, com relação ao crime, não é algo exclusivo dos tempos modernos ou da alta modernidade, como diria Giddens. Desde os contratualistas, que tratavam do assunto, principalmente Hobbes (1587–1666), no *Leviatã*⁶¹ ([1651] 1979), “o homem seria o lobo do homem”, precisando assim, de um mediador político para manter a segurança (principalmente para evitar a morte violenta) e a ordem. Desde o início, coube ao Estado Moderno⁶² a atribuição de administrar o medo, colocando a segurança coletiva como tema central da obra de Hobbes ([1651] 1979). Entretanto, assim como ocorreram muitas transformações na esfera das relações sociais, a emoção medo também vem passando por transformações, até mesmo a própria concepção relacionada ao medo, pois “o homem abandona alguns medos e mantém ou recria outros” (BORGES, 2011, p. 59). Por exemplo, outrora (no medievo), um dos principais medos das populações era o da fome, atualmente podemos imaginar que seja o medo de engordar, provocando doenças modernas como a anorexia e bulimia, relacionadas à saúde ou até mesmo à estética, ou o medo exacerbado de terrorismo, que ronda a Europa⁶³, e principalmente, os estadunidenses após os ataques de 11 de setembro de 2001⁶⁴. Delumeau ([1989] 2009), que desenvolveu um estudo clássico sobre o medo nas sociedades ocidentais, expõe a importância de escrever a história sobre o medo, pois “o medo humano, filho da nossa imaginação, não é uno, mas múltiplo, não é fixo, mas

⁶⁰ O autor Zygmunt Bauman ([2006] 2008) também trata da temática do medo em seu livro, “Medo Líquido”.

⁶¹ Hobbes utiliza a metáfora bíblica, no qual o Estado seria o Leviatã, responsável por evitar a morte violenta dos indivíduos, tendo este o monopólio e uso legítimo da violência.

⁶² Que é entendido a partir de um contrato social.

⁶³ Chegando a polícia inglesa, no ano de 2005, a matar, por “engano”, o eletricitista brasileiro Jean Charles de Menezes, “confundido” com um terrorista, caso mundialmente conhecido por sua veiculação nas mídias mundiais, considerado um dos maiores erros da história da polícia londrina.

⁶⁴ Appadurai (2009) realiza um estudo após o 11 de setembro, no qual o medo as minorias (sendo que estas, não surgem pré-fabricadas, são produzidas) ou como argumenta, o medo ao pequeno número é algo crescente nos Estados Unidos, quase beirando a xenofobia.

perpetuamente cambiante” (DELUMEAU, [1989] 2009, p. 23). Sendo cambiante e com o aumento da informação, aparece a possibilidade de se pensar o “MC” como um indicador de fenômeno social, a partir do surgimento da estatística e dos primeiros semanários⁶⁵, nos quais era amplamente divulgado que o crime estava aumentando. Dessa forma, a população teve acesso às informações (que provavelmente não eram totalmente verídicas), sendo a estatística responsável por essa interpretação, porém há várias interpretações de diversos teóricos⁶⁶ sobre o “MC”. Começarei por Borges (2011) que realizou um estudo recente na cidade do Rio de Janeiro e explica que as percepções de risco e de ameaça não são novas:

No entanto, o termo contemporâneo “medo do crime” despontou como objeto de investigação científica num contexto de crescente interesse pelo tema por parte do governo norte-americano, que tinha como lemas a lei e a ordem (Lee, 1999, 2001) e caminhava, ademais, para tornar-se uma “sociedade do conhecimento” (Lee, 2001). Com a crescente sofisticação das coletas e análises estatísticas e uma maior vontade política para compreender e intervir vida da população, pesquisas sobre o crime tornaram-se mais preciosas que as estatísticas de prevalência informadas pela polícia então o medo do crime passou a ser percebido como um problema social. (BORGES, 2011, p. 66)

Os estadunidenses, no final dos anos sessenta do século XX, começam as pesquisas sobre o “MC” porque a criminalidade passa a ser visível, nesse momento, associada à delinquência juvenil que é um problema na sua sociedade. Borges (2011) argumenta que as pesquisas sobre o “MC” surgiram como apoio à “guerra contra o crime”, um programa de ponta do governo estadunidense. Nesse cenário, anos setenta do século XX, houve uma expansão das pesquisas sobre o “MC”, nos Estados Unidos da América, associado com o problema crescente da delinquência juvenil que é objeto (ou temática) de vários filmes de ficção, como, por exemplo, *Laranja Mecânica*⁶⁷ (1971) e *The Warriors*⁶⁸ (1979). A indústria cinematográfica aproveitou que o cinema era muito popular na construção do imaginário e retratava uma distopia, um futuro hipotético e preocupou-se com o problema da delinquência juvenil, pois poderia acontecer a nossos filhos (referindo-se a gangues e consumo de drogas, ócio e etc.). Para conter o avanço da delinquência juvenil e a consequência que ela poderia proporcionar, ou seja, o aumento desenfreado da criminalidade o fenômeno social “MC” foi

⁶⁵ Jornais, portanto mídia impressa.

⁶⁶ Segundo Gláucio Ary Dillon Soares, “há uma tradição anglo-americana de estudar o ‘MC’ “. (prefácio do livro de Borges (2011)

⁶⁷ Narrada pelo protagonista, o adolescente Alex DeLarge, esta perturbadora história cria uma sociedade futurista em que a violência atinge proporções gigantescas e provoca uma resposta igualmente agressiva de um governo totalitário. O filme é de origem britânica.

⁶⁸ O filme retrata, de forma bastante crua, o tema da violência entre gangues juvenis na cidade de Nova Iorque. A trama do filme se passa em um futuro indeterminado, onde há o enfrentamento entre gangues.

combatido pelos políticos e pelas autoridades estadunidenses. Garland (2008), também corrobora que, desde os anos de 1970, o “MC” adquiriu um novo destaque, e o que antes era tido como uma ansiedade localizada, que atingia e afligia as piores vizinhanças, “agora é encarado com um problema social de primeira magnitude e como característica da cultura contemporânea. O “MC” passou a ser visto como um problema por si só”. (GARLAND, 2008, p. 54). Na introdução da edição brasileira, do livro “Cultura do medo”⁶⁹, do sociólogo estadunidense Glassner⁷⁰ ([1999] 2003), o cientista político brasileiro Paulo Sérgio Pinheiro⁷¹ argumenta que o “MC” é um sentimento que está colado em nós desde a infância, referindo-se aos contos infantis. Segundo Pinheiro, o grande mérito de Glassner ([1999] 2003) é o de “revelar como se dá esta extraordinária manipulação de nossas atitudes e, a partir daí, como se deu o fantástico aumento de nossa percepção do medo”. (GLASSNER, [1999] 2003, p. 12) Após essa explicação de Pinheiro sobre como e o que preocupa, é o quanto a disseminação do medo influencia o comportamento dos cidadãos. Dando sequência, Glassner ([1999] 2003), no decorrer da sua obra, explica a tese que vivemos atualmente no que ele denomina de “cultura do medo”⁷², cujos medos são deslocados, contemplando o interesse de veículos midiáticos, e os verdadeiros perigos são sublimados. Outros trabalhos, além do de Glassner ([1999] 2003), também têm chamado atenção sobre o impacto da mídia (meios de comunicação de massa) na ampliação do “MC”. Entre eles, podemos destacar Warr (2004), Gardner (2009), Borges (2011) para os quais a mídia tem um papel fundamental na propagação dos medos. Há fortes indícios dessa correlação (mídia e “MC”), não somente nos Estados Unidos da América, mas também no Brasil. Um deles seria os teores apelativos dos noticiários jornalísticos sobre o crime (por exemplo, noticiários diários no estilo do Brasil urgente, da rede Band). Conforme Glassner ([1999] 2003), a mídia auxilia naquilo que ele denomina “ ‘a síndrome do mundo vil’, veja uma quantidade suficiente de brutalidade na TV e você começará a creditar que está vivendo em um mundo cruel e sombrio, em que você se sente vulnerável e inseguro”. (GLASSNER, [1999] 2003, p. 99–100). Ou seja, a mídia apresenta uma enxurrada de crimes bárbaros e idealizado para aumentarem a audiência,

⁶⁹ Livro que serviu de fio condutor para o documentário “*Tiros em Colombine*” de Michael Moore, vencedor do Oscar de melhor filme documentário em 2003, que trata da indústria do armamento nos EUA.

⁷⁰ Professor de Sociologia na Universidade da Califórnia do Sul. Suas análises são publicadas em jornais e revistas com grande circulação como o *The New York times*, *The Los Angeles Times* e *The Chicago Tribune*.

⁷¹ Ex-Secretário Nacional de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR), entre 2001 a 2003, no governo Fernando Henrique Cardoso.

⁷² Cornélia Eckert, realiza um trabalho na cidade de Porto Alegre – RS, no qual investiga a cultura do medo e as tensões do viver na cidade. A antropóloga, através de narrativas das experiências de vida que delinea trajetórias de vida, de uma classe média, que de alguma forma acompanhou as transformações urbanas. A narrativa das experiências que analisou “dizem respeito a configuração de uma cultura do medo na cidade, a partir do trabalho de memória”. (ECKERT, 2002, p. 1)

causando medos infundados. Sobre mídias, Rial (2003) escreveu sobre a guerra de imagens e como o 11 de Setembro de 2001 foi retratado na mídia “de tela” (RIAL, 2003, p. 5). A autora, alega que as imagens televisivas do 11 de Setembro são sem precedentes na história, e que “a repetição aliás é vista como uma característica central da mídia” (RIAL, 2003, p.7). Rial (2003) desenvolve um estudo, no qual aborda, como foi divulgado o 11 de Setembro na mídia, as estratégias retóricas, imagéticas e linguísticas. A socióloga explica que os alvos são “altamente simbólicos, o poder de militar, situado na capital de direito e o poder financeiro, situado na capital de fato do Império, erigida assim pela força do cinema e TV” (RIAL, 2003, p. 6). Segundo a autora, os alvos dos terroristas poderiam terem sido outros, por exemplo uma usina nuclear, que mataria muito pessoas, porém nenhuma usina nuclear possui dezenas de câmeras de televisões espalhadas estrategicamente nos altos edifícios nas cidades estadunidenses. Além do mais, no solo tem o apoio de câmeras de segurança, para o controle da polícia sobre a população, “dentro da estratégia do tolerância zero” (RIAL, 2003, p. 6) e graças a TV, as três mil pessoas morreram ao vivo. No estudo, Rial (2003) acompanhou por 2 anos “o jornal da noite ABC News, um dos mais assistidos nos Estados Unidos na TV aberta” (RIAL, 2003, p. 8), que tem um formato bem diferente do Jornal Nacional, dos jornais franceses⁷³ e dos ingleses. A diferença primeiramente é pela quantidade de notícias do ABC News, que é bem menor, variando entre 10 e 12 em 40 minutos de programa (aproximadamente 4 minutos para cada notícia), depois pelo espaço pequeno destinado a notícia internacionais⁷⁴ (tem mais ênfase quando tem estadunidenses envolvido diretamente na notícia). No entanto, em inúmeras edições do ABC News, não houveram nenhuma notícia que vinham do exterior, o jornal é apresentado como se fosse uma novela, a primeira notícia é nacional, geralmente uma transgressão da lei e termina com uma notícia “leve”, entretanto:

Pois bem, o ABC News creio, nunca mais será o mesmo depois do 11 de Setembro. Toda uma atitude norte-americana de supervalorizar o nacional e não ter olhos para o resto do mundo a não ser que os seus interesses estejam diretamente envolvidos, parece ter desabado junto com as torres do WTC. As alianças são necessárias e devem ser permanentes. (RIAL, 2003, p. 9)

⁷³ “Uma diferença da cobertura da TV francesa, não que ela desconsidere as manifestações de massa. Ela mostra, mas as acompanha de entrevistas, com estudantes, com mulheres afegãs, com intelectuais, enfim, com pessoas que não estão tão distantes assim do mundo do telespectador ou, se estão, ainda assim tem o seu ponto de vista expresso de modo a ser inteligível. Eles falam, portanto, pensam”. (RIAL, 2003, p.10)

⁷⁴ “O 11 de Setembro faz parte do noticiário internacional para os outros países, exceto os Estados Unidos” (RIAL, 2003, p. 8)

O que Rial (2003) apresenta é como e de que forma a mídia⁷⁵ (televisiva, nesse caso) se adapta, seleciona⁷⁶ e apresenta as notícias dando mais ou menos espaço para as reportagens. Um exemplo disso, em alguns casos, é um deslocamento da percepção sobre os crimes, uma vez que os veículos midiáticos apresentam crimes raros como se fossem corriqueiros e minimizam outros que acontecem a todo o momento (por exemplo, furto e sequestros relâmpagos), causando, assim, falsa impressão aos telespectadores ou leitores. Glassner ([1999] 2003) não elege única e exclusivamente a mídia como vilã⁷⁷, tampouco simplifica o seu complexo papel na maximização ou minimização do temor da população e, a partir disso, justifica que “toda análise da cultura do medo que ignora a ação da imprensa ficaria evidentemente incompleta”. (GLASSNER, [1999] 2003, p. 33). Gardner (2009) segue as mesmas pegadas de Glassner ([1999] 2003) e explica que “portanto, essa é a questão. A mídia influencia os pensamentos e os sentidos das pessoas. Os pensamentos e os sentimentos das pessoas influenciam a mídia. E aí a política entra em cena” (GARDNER, 2009, p. 224). A mídia elege casos para aumentar sua audiência, para tentar elucidar melhor como se dá a propagação dos medos através dos veículos midiáticos. Usarei, como exemplo, o capítulo dois, de “a cultura do medo” ([1999] 2003), cujo subtítulo é “Criminalidade no Noticiário, histórias inacreditáveis e estatísticas exageradas”, em que o autor nos apresenta o caso de um soldado estadunidense chamado Anthony Riggs, da cidade de *Detróit*⁷⁸, que havia regressado da Guerra do Golfo e fora assassinado com cinco tiros. Houve uma grande comoção em torno do fato⁷⁹, já que o soldado não havia morrido na Guerra do Golfo, e, logo que regressou, foi assassinado em seu próprio país, sendo o seu maior sonho revelado em uma carta postada da Arábia Saudita para sua mãe, “eu não vou morrer neste país desgraçado de jeito nenhum. Com a graça e orientação de Deus, vou voltar a caminhar em solo americano”. (GLASSNER, [1999] 2003, p. 76). A mídia provocou grande comoção nacional com esse fato, ao qual os jornalistas tiveram acesso, inclusive, à carta que o soldado havia mandado para sua mãe, coisas de ordem pessoal. Desse modo, a ideia em torno do assassinato passava a impressão de que um crime nesses moldes poderia acontecer com qualquer indivíduo que morasse em *Detróit*, a qualquer momento. Porém, como o assassinato teve tanta repercussão, no decorrer

⁷⁵ Sobre esse tópico em específico, creio que seja preciso um estudo específico e mais aprofundado, em um outro momento.

⁷⁶ “Ora, se sabe, o poder da câmera para criar o acontecimento. Na ausência de manifestação, a câmera gera; sua presença cria performance, faz com que a multidão atue como o esperado para ser filmada”. (RIAL, 2003, p. 10)

⁷⁷ Mas no decorrer de seu livro, se tem a impressão de que ele, veladamente “tendenciosa” a esse pensamento.

⁷⁸ “No *Federal Bureau of Investigation Uniform Crime Report* de 2006, *Detróit* foi considerada a cidade mais violenta dos EUA”. (BORGES, 2011, p. 56)

⁷⁹ A reportagem contém os elementos de pânico moral.

do aprofundamento das investigações, foi descoberto um detalhe que mudou toda a situação, a investigação policial apontou que a esposa havia encomendado a seu próprio irmão a morte do soldado, para que ela recebesse uma apólice de seguros, que ele havia feito antes de ir para a guerra e deixado em seu nome. Glassner ([1999] 2003), quando usa o exemplo citado, tenta mostrar que a mídia elege os casos que geram maior impacto ou maior apelo emocional, com a finalidade de aumentar a audiência e propagar o que ele denominou a “cultura do medo”, já que para ele o “MC” é intimamente influenciado pela mídia, sendo este o autor mais construcionista dessa gramática sobre o “MC”. Ao encontro dessa colocação, Borges (2011), alega que “acreditamos que a mídia pode ser um fator fundamental na construção da crença de que existe violência e criminalidade”. (BORGES, 2011, p. 89). A mídia, na sociedade atual, exerce grande papel de mediadora social, como também é um dos agentes de socialização, como a escola, a família, sendo, então, tida como influenciadora das opiniões sobre o “MC”. Warr (2004), por sua vez, não deixa por menos, concordando com o que Glassner ([1999] 2003), Gardner (2009) e Borges (2011) afirmam, porém, com um complemento, ele alega que “é justo dizer que deturpações da criminalidade na mídia são muitas vezes inadvertidas e não intencionais”⁸⁰ (WARR, 2004, p. 479) e atenta que há toda uma indústria, nos Estados Unidos da América, que conta com o “MC” para vender seus produtos. Para concluir, é notório um consenso entre os autores sobre a influência da mídia na propagação do “MC”. De acordo com Warr (2004), apesar de décadas de pesquisa e debate, os investigadores ainda têm de encontrar uma definição de “MC”. O conceito é chamado de polissêmico, no subtítulo, pois o “MC” é uma emoção relacionada à ansiedade, sobre a possibilidade de se ser vítima de um crime violento, tendo sempre a ver com o julgamento subjetivo da percepção de risco de ser vítima do crime. Ao longo dos anos, a definição de “MC” foi equiparada a uma variedade de estados emocionais como as atitudes ou percepções (incluindo a desconfiança dos outros, a ansiedade, a percepção de risco, o medo dos estranhos, ou a preocupação com deterioração dos bairros ou declínio da moralidade nacional). Warr (2004) argumenta que não existe nenhuma evidência que diferencia a emoção medo para o conceito “MC” que “é apenas o objeto ou o estímulo do medo” e que pode ser despertado por um perigo imediato. Os estudos iniciais acerca da temática do “MC” tiveram início nos Estados Unidos da América e se resumiam a meras medidas de investigar sobre a insegurança, ao transitar sozinho por áreas vizinhas, mas não continham elementos e nem informações suficientes para compreendê-lo, haja vista que não distinguiam as situações relacionadas com o risco percebido *versus* o risco

⁸⁰ Tradução livre do autor.

real (que foi discutido anteriormente) faltando, portanto, elementos para uma maior profundidade que abarcasse uma interpretação mais compreensível e confiável sobre o assunto. Segundo Warr (2004), eventos criminais sempre foram interessantes por si só e captam a atenção do público, pois emergem sobre questões dos conflitos humanos, de como o Estado gerencia e mantém a ordem e a presença ou a ausência de justiça nos assuntos humanos. Outra razão apontada por Warr (2004), pelo interesse público sobre crimes, é que:

Há outra razão, talvez mais importante, de crimes como geradores agudos de interesse público. Eventos criminais, em seu nível mais elementar, são eventos assustadores. São lembranças para todos que o mundo não é um lugar seguro, que o perigo pode atacar a qualquer momento ou local, e que a vida no final é tênue e preciosa⁸¹. (WARR, 2004, p. 452).

Inicialmente, nos Estados Unidos da América, o medo público do crime era tratado de forma trivial pelos criminalistas do século XIX, de acordo com Warr (2004) e não mudou muito no primeiro semestre do século XX. Warr (2004), explica que, cerca de três décadas atrás⁸², a Comissão Presidencial sobre Lei e Execução e Administração e justiça (1967, 3) ofereceu essa breve, mas incisiva observação: “O mais nocivo dos efeitos da criminalidade violenta é o medo, e que o medo não deve ser menosprezado”⁸³ (WARR, 2004, p. 452). A partir daí, houve uma mudança de como os criminologistas pensariam sobre as consequências do crime e que influenciou a investigação criminológica nos anos seguintes. De acordo com Warr (2004), para entender as consequências sociais da criminalidade, criminologistas perceberam que “os investigadores não podem se concentrar apenas sobre aqueles que se tornam vítimas diretas do crime”⁸⁴ (WARR, 2004, p. 452). Segundo Warr (2004), pesquisadores devem concentrar-se naqueles que sofrem as formas da vitimização indireta, estando, como o mais notório, o “MC”. O resultado da mudança de concepção foi confirmado por uma pesquisa de opinião apontando que, nos Estados Unidos da América, o “MC” é muito maior que a vitimização real e que os estadunidenses reagem a esse medo através de comportamentos variados de precaução. Isto pode vir a desencadear um conceito chamado de “vicária”, que seria você ficar sabendo de alguma situação em que indivíduos de suas relações (principalmente familiares ou amigos próximos) tenham sofrido algum crime e você passa a ter esse medo “por tabela”. Caldeira (2000) realiza um estudo sobre o aumento do crime

⁸¹ Tradução livre do autor.

⁸² Situando o leitor, Warr escreve o texto em 2004 e refere-se a 1974.

⁸³ Tradução livre do autor.

⁸⁴ Tradução livre do autor.

violento em meados dos anos oitenta (século XX) em São Paulo, o que gerou uma série de reações, sendo a construção dos muros a mais emblemática, cuja estratégia, tanto simbólica como materialmente, tem uma finalidade: separar, segregar, restringir movimentos. A autora explica que, para se chegar a essa situação, os indivíduos têm contato com outros agentes sociais e que são justificados no dia-a-dia o que a denomina de “fala do crime”, ou seja, um fator influenciador nas pessoas e que causa um sentimento de insegurança social:

As narrativas cotidianas, comentários, conversas e até mesmo brincadeiras e piadas que têm o crime como tema contrapõem-se ao medo e à experiência de ser de ser uma vítima do crime ao mesmo tempo, fazem o medo proliferar. A fala do crime promove uma reorganização simbólica de um universo que foi perturbado tanto pelo crescimento do crime quanto por uma série de processos que têm afetado profundamente a sociedade brasileira. (CALDEIRA, 2000, p. 9).

A “fala do crime”, segundo Caldeira (2000), é responsável direto por algumas atitudes da população e constrói uma elaboração simbólica do mundo, elaborando preconceitos e naturalizando certos grupos como perigosos. A partir daí, podemos interpretar que influenciam na percepção do “MC”. Caldeira (2000) elege a “fala do crime” como forte aliada a intensificar a “cultura do medo” (Glassner [1999] 2003), pois a “fala do crime” parece contagiante. Borges (2011), ao estudar o “MC” na cidade do Rio de Janeiro, propõe uma abordagem mais recente sobre o assunto, uma ideia de análise sobre as perspectivas das “crenças de perigo”. O autor parte da concepção de que as fontes de experiências (conhecimento, informação, percepção, etc.) levam a uma crença que, por consequência, leva a um sentimento (que pode ser medo, felicidade, amor, tristeza), que passa a orientar a vida dos indivíduos. Em suma, a argumentação da tese exposta por Borges (2011), no decorrer de seu livro, é que as “crenças de perigo”, que são derivadas da experiência, como já foi dito, são determinantes na percepção sobre o “MC”. O autor também define o “MC” da seguinte forma:

O MC é um fenômeno resultante de múltiplos processos, **fruto das relações sociais**⁸⁵, das condições reais de vida dos sujeitos e da forma concreta com que se expressa para as pessoas. Ou seja, trata-se de um objeto que pode ser entendido a partir da dinâmica da própria realidade social e, sobretudo, da forma como a violência se constitui. Ademais o “medo do crime” cria novas formas de sociabilidade, alcançando o cotidiano dos indivíduos, alterando o modo de ser e de agir das pessoas...(BORGES, 2011, p. 141)

⁸⁵ Grifos meus.

Sendo fruto das relações sociais, como explana Borges (2011), qual a percepção de indivíduos que leem a revista *Superinteressante* sobre o “MC” e a sua percepção sobre o risco de estarem sujeitas a algum crime? Para o autor, com a maior vontade política associada à sofisticação dos meios e coletas e análises estatísticas, as pesquisas sobre o crime tornaram-se mais precisas e, “então, o ‘MC’ passou a ser percebido como um problema social”. (BORGES, 2011, p. 66). Devido à nova percepção como problema social, houve uma expansão de estudos sobre o “MC”, no próprio Estados Unidos da América, por Ferraro (1995), e, mais recentemente, por Glassner ([1999] 2003) e Warr (2004), na Europa, por Hale (1996), e no Brasil, por Soares. Borges (2011) cita Roché (1994) que estudou o caso francês e diz que o “MC” é resultado da dependência da sociedade à proteção recebida pelo Estado e enfraquecimento da coesão social, assim temos mais uma concepção sobre o conceito. O “MC” também é relacionado à percepção de insegurança, relacionada com o risco constante de ser vítima do crime, seja ele qual for. Contrapondo a isso, a segurança é algo que está relacionada à vida dos indivíduos, a tranquilidade. Assim sendo, Garland (2008) argumenta que a deterioração do controle social, tem influência sobre as percepções sociais acerca do risco do crime, ou seja, quando o controle social é percebido, quer pela polícia ou pelos cidadãos, as pessoas se sentem mais seguras. Ferraro (1995), o precursor nos estudos sobre “MC” nos Estados Unidos da América, realizou uma pesquisa, por telefone, de representatividade nacional a qual defendia que as “incivilidades” produzem percepções que aumentam as chances de vitimização, ele (1995) também “reconhece a definição psicológica do medo, entendendo-o como uma emoção física que é uma resposta a algo identificado como perigoso”. (BORGES, 2011, p. 75). Portanto, de uma forma mais sintética, apresento tais classificações: Ferraro (1995) e Borges (2011) explicam que o “MC” tem relação direta com a criminalidade, o primeiro, através dos estudos e de seu conceito de “incivilidades” que colaboram para isso, o segundo, que as “Crenças de Perigo”, derivadas das experiências dos indivíduos, influenciam a percepção do “MC”. No entanto, Garland (2008) alega que políticas específicas têm sido desenvolvidas mais com o objetivo de reduzir os níveis de medo do que reduzir o crime, e o “MC” passou a ser visto como um problema por si só. Glassner ([1999] 2003), através de seu conceito de “cultura do medo”, alega que o “MC” seja amplamente influenciado pela mídia, que distorce a realidade uma vez que a criminalidade cai, mas as notícias aumentam e nunca vivemos em um mundo tão seguro como estamos vivendo. Como trabalho com os conceitos de “MC” e de pânico moral, a pesquisa tem caráter qualitativo, apoiando-me nos construcionistas. O medo na Sociologia é percebido como um fenômeno (que pode ser real ou imaginário), “o debate nas ciências sociais sobre o papel da

emoção em grandes unidades e processos sociais tem-se centrado, por norma nas manifestações patológicas das emoções que têm consequências destrutivas”. (BARBALET, 1998, p. 16). O autor indica que o debate sobre o assunto deve ser centrado no social. Em um plano mais recente, alguns sociólogos retomam uma exploração mais explícita da emoção em suas pesquisas, ou seja, um redirecionamento sobre as emoções no âmbito sociológico e no estrutural. A partir dessa concepção, para a sequência do trabalho, basear-me-ei nos conceitos de Borges (2011) e Glassner ([1999] 2003) no que se referir ao “MC”, uma vez que sendo que os dois autores compartilham a opinião, que o fenômeno social “MC” é um construção social, complementando, eu argumento que é um indicador de um fenômeno social.

Portanto, argumento que o “MC” é um sentimento de ansiedade acerca da possibilidade de se ser vítima de um crime, e é uma pré-condição para o pânico moral, no qual este encontra o solo fértil para germinar e se propagar. Enquanto o pânico moral é um sentimento perene que mantém essa pré-condição. O próximo capítulo tem como objetivo a análise de conteúdo qualitativa para assim interpretar as reportagens estudadas na presente pesquisa.

CAPÍTULO 3. ANÁLISE DE CONTEÚDO DE REPORTAGENS/ARTIGOS DO SUPERARQUIVO DA REVISTA *SUPERINTERESSANTE ONLINE*, ENTRE OS ANOS DE 2008 A 2012.

Introdução

No terceiro capítulo, inicialmente, discorro sobre a revista *Superinteressante*, cuja justificativa de sua escolha, para o desenvolvimento do trabalho, é baseada em quatro aspectos: sua popularidade e consolidação no mercado nacional de revistas, a disponibilização *online* em formato digital, de todos seus exemplares, desde a primeira publicação, sendo também uma revista que se denomina como científica, praticando um jornalismo científico e, por fim, porque a revista abre espaço para *experts*, que, em algumas reportagens, cumprem (na visão do autor do texto) a função de “empreendedores morais”, de acordo com o conceito de Howard Becker ([1963] 2008). Dessa forma, é um capítulo analítico, em que, lançando mão do “*corpus*” da pesquisa, desenvolvo quadros que me possibilitaram interpretar, através de passagens nas reportagens da revista *Superinteressante*, nas quais se encontram relacionados, primeiramente, o empreendedorismo moral, risco, pânico moral e “MC”. Proponho, a discussão sobre os mesmos, calcada nas reportagens/artigos, para, assim, argumentar e pontuar, baseado na literatura pesquisada, o que em cada situação se caracteriza como risco, pânico moral e “MC”.

Portanto, tenho como ponto de partida, as análises de algumas reportagens/artigos, selecionados de acordo com o conceito que está sendo discutido para buscar uma interpretação que dê conta dos anseios iniciais da dissertação, ou seja, investigar se existe alguma relação entre os fenômenos pânico moral e “MC”, perpassando também pelo conceito de risco, o qual acredito ser companheiro invisível tanto na percepção do pânico moral como no “MC”.

3.1 Breve histórico sobre a revista *Superinteressante* e sua importância no mercado nacional de revistas.

A revista *Superinteressante*⁸⁶ pertence à Editora Abril⁸⁷, integrante do Grupo Abril, tendo a editora sete entre as dez revistas mais vendidas do país⁸⁸. A revista *Superinteressante* pratica um jornalismo científico⁸⁹ e está no mercado nacional desde Setembro de 1987 (quase 26 anos). Inicialmente, até o ano de 1990, ela era estritamente direcionada para o público científico, chegando a ganhar prêmios como revista científica, e, atualmente, ainda é premiada, mesmo por outras categorias⁹⁰. Uma mudança significativa ocorreu a partir de 1990, quando a revista pendeu para a popularização da ciência, que se deve ao fato de ela utilizar uma linguagem a qual o leitor leigo (que não seja da área da ciência) possa entender o conteúdo das reportagens, conquistando, assim, mais leitores e, obviamente, buscando alavancar as vendas da revista, o que deu certo pelo visto. A escolha da revista *Superinteressante* para o estudo de caso deve-se ao fato de que, a partir das suas reportagens foi montado o *corpus* da pesquisa, por quatro motivos: O primeiro deles deve-se a sua popularidade, já que ela é uma revista muito lida no cenário nacional e por estar há vários anos no mercado de revistas.

Atualmente, a sua tiragem, de acordo com dados do Instituto Verificador de Circulação (IVC) de novembro de 2012, disponibilizados no *site* pluriabril⁹¹, é de 407.221 exemplares, como a quarta colocada em número de vendas do ranking nacional de revistas, perdendo apenas para as revistas Veja (1.204.024), Nova Escola (646.739) e Cláudia (471.250) respectivamente, sendo as três que vêm a sua frente, da mesma editora. O segundo motivo foi pela revista *Superinteressante* disponibilizar todas as suas edições *online* em formato digital, através de seu superarquivo, favorecendo o acesso de escrutínio público, desde o primeiro exemplar (09/1987) até o presente mês. O terceiro motivo é que a revista *Superinteressante* também outorga para si ser uma revista de cunho científico, trazendo sempre o embasamento em suas reportagens, depoimentos de *experts* ou cientistas renomados

⁸⁶ Também conhecida como “SUPER”.

⁸⁷ Outras revistas da editora: Veja, Nova Escola, Cláudia, 4 Rodas, Contigo, Info, Caras, Placar, Você S.A, *Playboy* (franquia no Brasil)...

⁸⁸ Fonte: pesquisas na *internet*.

⁸⁹ De um modo sucinto, Jornalismo científico (JC) seria, nos dias atuais, relacionado às tecnologias e a descobrimentos científicos que estão cada vez mais em avanços acelerados, do que, por ex., há 25 anos. A função do JC é acompanhar os avanços divulgando as novidades da ciência.

⁹⁰ Fontes: <http://super.abril.com.br/blogs/superblog/super-ganha-premio-abril-de-jornalismo-em-tres-categorias/>

<http://www.publiabril.com.br/noticias/587>, último acesso em 04-03-13.

⁹¹ Fonte: <http://publicidade.abril.com.br/tabelas-gerais/revistas/circulacao-geral>, ultimo acesso 09-03-13.

(ou não) para dar mais confiabilidade as suas reportagens. Por último, e, sobretudo, muito relevante para a dissertação, o fato de que a revista *Superinteressante* abre espaço e geralmente traz a opinião de *experts*, que, em algumas situações, se enquadram perfeitamente como os “empreendedores morais” (BECKER, [1963] 2008). Com essa postura, apontada no decorrer de algumas reportagens/artigos, mostra como você deve proceder em diversas situações, através de conselhos e orientações explícitas, agindo assim, de forma normativa.

Esse ponto sobre os “empreendedores morais” (BECKER, [1963] 2008) será tratado no tópico seguinte. Igualmente, a outras revistas científicas, a revista *Superinteressante* lança mão de dados oficiais de instituições públicas (por ex. pesquisas feitas por Universidades brasileiras ou estrangeiras) ou pessoas jurídicas (ex., OMS⁹², OTAN⁹³, etc.), sempre com o intuito de comprovar que os dados são verídicos para aguçar mais ainda a curiosidade do leitor. A revista *Superinteressante* é uma revista que tem tiragem mensal, exceção feita ao mês de dezembro, que tem duas edições e algumas edições especiais, com alguma temática específica que esteja em voga no momento.

Dessa forma, foram pesquisados os arquivos da revista *Superinteressante* dos últimos cinco anos, começando em 2008, e terminando em 2012 (deixando de fora o ano de 2013, por terem poucas edições), adicionados de uma edição especial (ano de 2009), a qual trata, especificamente, de psicopatas, sendo, estes, criminosos, enquadraram-se perfeitamente para enriquecer a pesquisa da análise de conteúdo, tendo reportagens ricas para o *corpus*⁹⁴ da pesquisa.

3.2 A função dos empreendedores morais de normatização na conduta dos indivíduos e sua relação com o pânico moral

O sociólogo Howard Becker ([1963] 2008), ao tratar sobre a temática do desvio, nos traz a categoria dos empreendedores morais⁹⁵, que têm, por instância primeira, criar ou impor regras sociais, “as regras são produtos da iniciativa de alguém e podemos pensar nas pessoas que exibem esta iniciativa como empreendedores morais” (BECKER, [1963] 2008, p.153). Os empreendedores morais dividem-se em dois grupos, os criadores de regras (cruzado moral) e impositores de regras (profissionais). Becker ([1963] 2008) deu ênfase à função dos agentes de controle social –

⁹² Organização Mundial da Saúde.

⁹³ Organização do Tratado do Atlântico Norte.

⁹⁴ Procede-se dessa maneira em acordo com a orientação de Bauer & Gaskell.

⁹⁵ Chamados também de “empresários morais ou “cruzado moral”. (Becker, [1963] 2008)

empresários morais, na formatação do comportamento desviante. Pensemos como Durkheim, que alega que sociedades são morais, baseadas no sistema de ideias, partem da moral as descrições de regras de conduta, a moral importa como obrigação e produz desejabilidade e, da realidade moral, parte para o fato moral. Assim sendo, os cruzados morais desejam que determinados estilos de vida sejam levado ao restante da população, pois o cruzado moral tem uma crença individual nos objetivos nos quais ele acredita, por isso, tenta criar novas regras para serem impostas por outrem. Nesse caso, os impositores de regras, são profissionais representando instituições, como, por exemplo, a polícia especializada. Becker explica que:

Sugerem que o cruzado moral é um intrometido, interessado em impor sua própria moral aos outros. Mas esta é uma visão unilateral. Muitos cruzados morais têm fortes motivações humanitárias. O cruzado não está interessado apenas em levar outras pessoas a fazerem o que julga certo. Ele acredita que se fizerem o que é certo será bom para elas. Ou pode pensar que sua reforma evitará certos tipos de exploração de uma pessoa por outra. Os defensores da Lei Seca não pensavam que estavam simplesmente impondo sua moral aos outros, mas que criavam condições para melhorar o modo de viver das pessoas impedidas pelo álcool de gozar de uma vida realmente boa. (BECKER, [1963] 2008, p. 153-154)

A cruzada moral tem sempre uma alegação alicerçada na tríade, religião, igualitarismo e humanitarismo, no seu discurso, que está agindo em nome da consciência e dos interesses coletivos. Porém, prevalece a crença individual do empreendedor moral, haja vista que as ideias norteiam esses indivíduos, guiados por ideias fixas e que acreditam piamente no que defendem. Dessas ideias, vem a motivação para suas causas, para assim agirem de uma forma normativa, orientando como se deve proceder para viver melhor ou não atrapalhar a vida dos outros indivíduos, sendo esse um traço essencial das “cruzadas morais” (BECKER, [1963] 2008), ancoradas em valores normativos. Cabe uma ressalva, pânico moral e empreendimento moral, mesmo sendo semelhantes, não são necessariamente a mesma coisa. A cruzada moral requer uma organização em forma escancarada de Movimento, no entanto, não necessita da existência de uma preocupação social disseminada, patrocinada, sobretudo, pelos meios de comunicação, condição *sine qua non* para o pânico moral. Feita dessa distinção, posso propor que conceitos de pânico moral e “cruzadas morais” podem coincidir, mas não são excludentes. Dessa forma, Becker ([1963] 2008), ao explicar que não há desviante⁹⁶ sem uma regra social que o defina como tal, cabe ao empreendedor moral criar essas novas regras sociais que distingam quem são os desviantes, os marginalizados, criando, então, uma nova categoria de desviantes, chamada, pelo autor, de *outsiders*⁹⁷.

⁹⁶ Sendo o desviante uma construção social, também.

⁹⁷ O termo tem dois significados: O primeiro, “quando uma regra é imposta, a pessoa que presumidamente a infringiu pode ser vista como um tipo especial, alguém de quem não se espera viver de acordo com as regras estipuladas pelo grupo” e o “segundo significado do termo: aquele que infringe a regra pode pensar que seus juízes são *outsiders*.” (BECKER, [1963] 2008, p. 15)

Comumente, o empreendedor moral requer um profissional habilitado para endossar ou “legitimar”, suas ideias, e “ele com frequência recorre ao conselho de especialistas” (BECKER [1963] 2008, p. 155) os quais desempenham um papel de “*experts*”, pois são profissionais habilitados e com formação/titulação que lhes faculta confiabilidade junto à população, para dar seu parecer ou emitir sua opinião. É o caso da revista *Superinteressante*, que, sempre, em suas reportagens recorre a esse tipo de recurso, trazendo depoimentos, entrevistas, dados científicos de Universidades ou de Institutos dos mais variados, ora maximizando⁹⁸ os problemas ora minimizando-os⁹⁹, mas servindo na maioria das vezes para “orientar” ou “aconselhar” seus leitores como agir (ou evitar) uma dada situação. Esses *experts*, no decorrer das reportagens/artigos, baseiam-se em normas e leis da ciência para defender o argumento moral. Dessa forma, baseado na colocação dos *experts*, em algumas entrevistas analisadas, fica clara essa posição de o que fazer ou como você pode ajudar o planeta. Foram analisadas duas reportagens/artigos da revista *Superinteressante*, para apontar onde se pode notar a presença do empreendedorismo moral.

3.2.1 Imperativos morais para um planeta sustentável: os *experts* como empreendedores morais

Na primeira reportagem examinada¹⁰⁰, “efeito estufa, do jeito que está não dá para ficar”, de dezembro 2008, a revista dá ênfase aos fatores climáticos, sobretudo, o aquecimento global. A revista *Superinteressante* trouxe uma entrevista com um mestre em Filosofia e PhD em Física¹⁰¹, aqui desempenhando, na opinião do autor do texto, a função de empreendedor moral, que, em um sistema de perguntas abertas, aponta o que está acontecendo de errado na conduta dos seres humanos em relação ao planeta Terra. O mesmo observa que o crescimento desenfreado da economia de uma forma não sustentável poderá prejudicar mais ainda as gerações futuras, sendo uma mudança de comportamento essencial para uma mudança de rumo na catástrofe que se apresenta atualmente. Abaixo, podemos notar as orientações do *expert*.

⁹⁸ Podemos imaginar o que Giddens ([1990] 1991) propõe, ou seja, uma transferência do risco para o indivíduo.

⁹⁹ Assim podemos pensar em Ulrich Beck ([1986]2010), na pacificação do risco que estamos todos expostos.

¹⁰⁰ Na tabela de todas as reportagens, que está no apêndice, ela é a número 4.

¹⁰¹ Ao final da reportagem, tem uma descrição específica e mais ampla sobre a atuação do entrevistado, e prêmios conquistados pelo mesmo.

Reportagem 4*: Efeito estufa: do jeito que está não, dá pra ficar.

<p>Empreen_ dedores Morais</p>	<p>“Faça sua parte: como você pode contribuir para um mundo mais sustentável, segundo Tim Jackson.”</p> <p>– <u>“Compre com moderação</u></p> <p>Pense duas vezes antes de comprar um produto. Você realmente precisa dele? Consumir menos é a atitude individual mais importante que você pode tomar para diminuir as emissões de gases causadores do efeito estufa”.</p> <p>– <u>“Dedique-se a ações comunitárias</u></p> <p>Não se deixe influenciar pelos anúncios publicitários. Para tirar da cabeça a ideia de fazer compras, você pode, por exemplo, passar mais tempo com a família e dedicar-se a atividades comunitárias”.</p> <p>– <u>“Escolha bem os produtos</u></p> <p>Já que vai comprar, dê preferência a produtos sustentáveis, como os eletro_ domésticos que consomem menos energia. Evite o uso de sacolas plásticas e colabore para aumentar a reciclagem de embalagens”.</p> <p>– <u>“Selecione o fabricante,</u></p> <p>Consuma produtos éticos, fabricados por empresas reconhecidas por adotar boas práticas no seu relacionamento com os parceiros de negócios, aí incluídos os clientes e os fornecedores”.</p> <p>– <u>“Use o transporte coletivo e caminhe</u></p> <p>Evite o transporte individual e utilize mais o transporte público. Se tiver de usar o carro para locomover-se no dia-a-dia, procure compartilhar a viagem com outras pessoas que fazem o mesmo roteiro. Caminhe mais”.</p>
---	--

Quadro desenvolvido pelo autor do texto.

* {a numeração referente às reportagens não está na ordem cronológica, pois ela corresponde à tabela de controle das reportagens pelo autor do texto, que está disponibilizada no apêndice.}

Certamente, seguindo as instruções da reportagem/artigo, “comprando com moderação”, você estará agindo de uma forma ecologicamente correta e a qual estará contribuindo com o meio ambiente. “Dedicando-se a ações comunitárias”, você ocupará seu tempo de uma forma a ajudar o próximo, passando mais tempo com a família, você curtirá mais o lado afetivo e deixará o seu impulso de compras em segundo plano, agindo assim; você fortalece os laços humanos e afetivos. “Escolhendo bem os fabricantes”, você consome menos energia e, dessa forma, já que vai comprar, contribui com empresas que valorizam a produção ecologicamente correta como as empresas que fabricam produtos “ecologicamente corretos” ou empresas que tenham o selo verde. “Usando transporte coletivo” ou indo para o trabalho de carona com amigos, você deixa seu carro na garagem e diminui a emissão de monóxido de carbono, que afeta diretamente a camada de ozônio; andando a pé, você ainda contribui com exercícios que fazem bem a sua saúde. Seguindo os conselhos do *expert*, você estará contribuindo para uma vida mais segura e mais feliz para todos, lembrando-nos de uma das premissas que o empreendedor moral prega, “O cruzado não está interessado apenas em levar outras pessoas a fazerem o que julga certo. Ele acredita que, se fizerem o que é certo, será bom para elas”. (BECKER ([1963] 2008, p. 153).

Portanto, comportando-se da forma orientada na reportagem, o mundo seria mais feliz e o planeta agradeceria. Entretanto, agindo de forma contrária, os indivíduos têm propensão a não serem vistos com “bons olhos” e, daqui a pouco, poderão ser considerados desviantes, uma vez que é esse um dos inimigos em que o “empreendedor moral” centraliza toda a sua energia.

3.2.2 Como reconhecer parasitas sociais e como livrar-se deles

O segundo exemplo está na reportagem/artigo: “O parasita mora ao lado”, de julho de 2009, uma edição especial, que trata da temática sobre psicopatas. A reportagem/artigo explica que a maioria dos psicopatas não quer fazer picadinho de você, eles (ou elas) se aproximam no trabalho, nas amizades e na vida amorosa, para se dar bem as suas custas e, depois de usurpá-lo (ou usurpá-la), vão embora sem sentir remorso. Nessa reportagem, a revista *Superinteressante* traz a opinião de *experts*:

O psicopata com postura criminoso é o do tipo predatório, que satisfaz suas necessidades por meio de uma ação destruidora, agressiva e fria, diz **Antônio de Pádua Serafim, coordenador do programa forense do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da USP**¹⁰². Mas há o psicopata parasitário, que só se aproveita das pessoas mais vulneráveis para conseguir o que quer. Esse não adotará, necessariamente, uma conduta criminoso, mas provocará um estrago no ambiente social, afirma. (*Superinteressante*, Julho, 2009, edição especial)

¹⁰² Grifos meus.

O coordenador do programa forense do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da USP, nesse artigo, representa a opinião científica sobre o “novo” psicopata, pois, quando se fala em psicopata, a associação a mortes é inevitável. No decorrer da reportagem/artigo, vem traçando um perfil para que o leitor se previna desse tipo de bandido, um manipulador, aproveitador, que age sem fazer alarde e vive quase no anonimato. Na sequência da reportagem/artigo, a opinião de outro especialista:

Os psicopatas estão entre nós e não é fácil identificá-los. A dissimulação é um dos principais sintomas que compõem a psicopatia, diz **Geraldo José Ballone, professor de psiquiatria da PUC de Campinas**¹⁰³. A simpatia e o carisma encobrem seu verdadeiro perfil. Em geral, quando percebemos a possibilidade de um conhecido ser psicopata, o dano já está feito, diz Ballone. (*Superinteressante*, Julho, 2009, edição especial)

Após esses dois especialistas supracitados, a revista *Superinteressante* ainda recorre à opinião de mais dois autores como Sandra L. Brown “*Womem love Psychopats*” (Mulheres que amam psicopatas) e Paul Babiak¹⁰⁴ “*Snakes in suits*” (Cobras de terno), que, no final da reportagem, têm um texto explicando os cinco passos do parasita corporativo) para explicar mais a postura e como os psicopatas agem e como prestar a atenção em alguns traços de psicopatia e ensina como lidar com um amor ou amigo psicopata:

Reportagem 14 : O parasita mora ao lado.

CATEGORIA	Passagem na reportagem/artigo
Empreendedores Morais	<p>– “Desconfie quando a esmola for muita,</p> <p>Nos primeiros encontros, sua cara metade é a gentileza em pessoa? Quer jogar golfe com o seu pai? Adorou o filme iraquiano de que só você gosta? Diz que não pode falar do seu trabalho porque é um agente secreto? Ou você ganhou na Megassena ou arrumou um psicopata”.</p> <p>– “Não tenha pena,</p> <p>Psicopata que é psicopata adora se fazer de coitado. Se enche sua cara de porrada, é porque você o mata de ciúme. Se rouba sua grana, diz que mandou para a avó doente no interior. Às vezes, até chora enquanto</p>

¹⁰³ Grifos meus.

¹⁰⁴ Este psicólogo (especialista) aparece dando opiniões em outras reportagens na revista *Superinteressante*, entre elas, “psicopatas S.A.” de maio 2011.

<p>Empreendedores</p> <p>Morais</p>	<p>dispara as lorotas. Tadinho...”</p> <p>– “Não tente mudá-lo,</p> <p>Coloque uma coisa na cabeça: psicopatas não têm cura”.</p> <p>– “Não vacile,</p> <p>Se desconfia de que seu amorzão é um baita psicopata, não dê sopa para o azar. Conta conjunta, só por cima do seu cadáver. E suma com machados, serras elétricas e outras ferramentas que viram armas. Resumindo: se ele ainda não pensou em fazer picadinho de você, não dê ideia”.</p> <p>– “Compre um cachorro,</p> <p>É batata. Dez entre dez psicopatas treinam maldades no vira-lata mais próximo. Fique atento ao modo como seu par trata o cãozinho”.</p> <p>– “Caia fora,</p> <p>Descobriu o que todo mundo via, menos você? Então dê no pé enquanto é tempo. Só lembrando: psicopatas não reagem bem quando levam um fora. Troque o número do telefone e a fechadura da casa. Também é hora para aquela viagem que você tanto adiava para a Oceania”.</p>
---	--

Quadro desenvolvido pelo autor do texto.

Na reportagem/artigo, algumas orientações são para desconfiar, “quando a esmola for muita”, pois o psicopata tenta impressionar e ser a cara metade que faltava, sendo a gentileza em pessoa e apreciador do mesmo tipo de cinema que você, no exemplo, o cinema iraquiano ou pratica o mesmo esporte favorito do seu pai, então, vá com calma. “Não tenha pena”, pois esse tipo de psicopata adora bancar o coitado e sempre tem uma historinha triste para lhe contar com o intuito de sensibilizá-la, ou melhor, de extorqui-la financeiramente. “Não tente mudá-lo”, desista, ele não tem cura. “Não vacile”, isso, baseado no exemplo, serve para o aspecto financeiro, para o qual o artigo orienta você a, em hipótese alguma, abrir uma conta conjunta com o seu amor psicopata e nem deixar ferramentas a mão. “Compre um cãozinho”, pois certamente os traços do psicopata irão aflorar, porque ele, segundo o

artigo, tem uma tendência à malvadeza com animais, um exemplo que é retratado também nas películas cinematográficas no filme “Precisamos Falar Sobre o Kelvin” (2012), que mostra a malvadeza com animais, (nesse caso) não apenas com os cãesinhos, mas com qualquer bichinho de estimação alvo de suas malvadezas. “Caia fora”, quando você “cair na real” e pular fora, a dica de ir tirar o tempo longe pode lhe ser muito útil, uma vez que estes não aceitam e não lidam muito bem com a rejeição. Sendo assim, desempenhando o trabalho clássico dos empreendedores morais (BECKER [1963] 2008), os *experts* traçam o perfil de como agem os psicopatas parasitas e dão orientações sobre eles, uma espécie de como detectá-los (as). Um traço característico dos empreendedores morais é sobre a dualidade entre o eu e o *Outro*, sendo este, a quem se direciona a cruzada moral, uma vez que, o *Outro* pertence a grupos frágeis, considerados desviantes pela população, lembremo-nos do filósofo francês Jean Paul Sartre, o qual disse que: “o inferno são os outros”.

Portanto, agora que você leu a reportagem da revista *Superinteressante*, tem todos os elementos que lhe permitem, de alguma forma, evitar ou se livrar desse tipo de bandido que é o psicopata parasita. A seguir, examinarei as reportagens/artigos na revista *Superinteressante* nas quais o pânico moral está presente na reportagem/artigo, indicando, de acordo com a metodologia do autor do texto, por que o mesmo se enquadra como pânico moral.

3.3 Análise de reportagens/artigos da revista *Superinteressante* relacionadas ao pânico moral

A partir de agora, serão analisadas reportagens/artigos da revista *Superinteressante*, que tenham relação com o pânico moral. Realizada a classificação das reportagens/artigos, pelo autor do texto, serão apontadas as respectivas reportagens nas quais se percebem elementos relativos ao pânico moral, embasados na tipificação de Goode & Ben-Yehuda ([1994b] 2009), orientada pelos cinco elementos citados no subtópico 2.3 – pânico moral: Análise pelo viés sociológico”, que, lembrando, são: preocupação, hostilidade, consenso, desproporção e volatilidade. Para tal finalidade, foram analisadas 2 reportagens/artigos, sendo um número expressivo, haja vista que o presente trabalho investiga se existe relação entre o pânico moral e o “MC”. Pode também ocorrer da reportagem ter mais de um dos conceitos basilares (risco, pânico moral e “MC”).

3.3.1 Uma relação improvável: triângulos e pedófilos

A reportagem/artigo: “O código dos pedófilos”, fevereiro de 2008, pertence ao primeiro ano das análises de conteúdo, sendo a mesma relacionada com pânico moral. A reportagem/artigo tem, como principal argumento, que pedófilos têm um código secreto, desvendado pelo *FBI*¹⁰⁵, sempre “relacionado a triângulos”. (*Superinteressante*, Fevereiro, 2008). Ele contempla os cinco elementos, utilizados no presente texto: a preocupação da revista *Superinteressante*, em explicar, minuciosamente os símbolos que eles (pedófilos) usam, sempre relacionados a triângulos. Observe as passagens, na reportagem abaixo, que permitem a interpretação da mesma como pânico moral.

Reportagem 01: O código dos pedófilos.

Elementos do pânico moral	Passagem na reportagem/artigo
1. Preocupação	<p>– “Pois não é que a regra vale também para os pedófilos? Eles criam símbolos que distinguem quem gosta de meninos, de meninas ou ambos”.</p> <p>– “O triângulo, em forma de espiral, é usado por homens que gostam de abusar de meninos. O triângulo maior simboliza o homem adulto, que envolve o triângulo, o menor, a criança”.</p> <p>– “Quase igual ao anterior, a não ser por um detalhe sutil: as linhas do triângulo são mais tênues, para explicitar que o pedófilo, em questão, tem preferência por garotos realmente muito jovens”.</p> <p>– “Obedece à mesma lógica que o símbolo dos amantes de meninos – O adulto envolvendo a criança, mas com corações no lugar de triângulos. É usado por pedófilos de ambos os sexos”.</p> <p>– “Há duas figuras para pedófilos que abusam de crianças de ambos os sexos: uma mistura os molestadores de meninos com o dos amantes de</p>

¹⁰⁵ *FBI* é a sigla de *Federal Bureau of Investigation* que significa "Departamento Federal de Investigação". O *FBI* é uma agência que pertence ao Departamento de Justiça dos Estados Unidos e atua na investigação de crimes de âmbito federal. Fonte: *Internet*, site: <http://www.significados.com.br/fbi/>, último acesso 26-03-13.

	meninas; a outra representa uma borboleta”.
2. Hostilidade	“Pedófilos”
3. Consenso	“Como mostrou um relatório feito pelo <i>FBI</i> ...”
4. Desproporção	“ <i>FBI</i> desmonta a comunicação secreta dos molestadores de crianças” (subtítulo)
5. Volatilidade	“Não houve reportagens nos próximos meses relativas à temática”.

Quadro desenvolvido pelo autor do texto.

O consenso: o *FBI* decifrou a linguagem secreta dos molestadores de crianças, *FBI* = especialistas. Como é o *FBI*, formado por profissionais treinados, que podem ser considerados *experts* em desvendar crimes, há um consenso entre eles sobre os símbolos secretos dos pedófilos, ou seja, um embasamento, em fontes confiáveis, ou alguém duvidaria do *FBI*? A hostilidade: contra uma categoria de “inimigos sociais”, nesse caso, os pedófilos. A desproporção: o subtítulo da reportagem/artigo: “*FBI* desmonta a comunicação secreta dos molestadores de crianças”, cria a impressão de ser bem mais amplo que o que aponta o texto, ou seja, a chamada não é proporcional ao texto e assim, a “tempestade num copo d’água” é uma característica peculiar do pânico moral também. E, para finalizar, a volatilidade: reportagens relacionadas à temática não aparecem nos próximos três ou seis meses, configurando assim volatilidade sobre o assunto, o assunto vem e depois evapora.

Portanto, a repetição, no texto, das palavras-chave: amantes (5 vezes), pedófilos (4 vezes) e triângulo (5 vezes), vai, a todo momento, (re) lembrando o leitor, que os pedófilos são amantes de meninos ou meninas e que têm o triângulo como seu símbolo de identificação.

3.3.2 Terrorismo e medo entre os estadunidenses

A reportagem: “11 de setembro 10 anos depois”, setembro 2011, traz como argumento os efeitos de 11 de setembro de 2001, em *Nova York*, após uma década. Uma reportagem a que posso chamar de “clássica”. Contém a preocupação em explicar sobre o reflexo dos atentados de 11 de setembro, na economia, que ficou estagnada, e a criação de uma nova

empresa que controla os aeroportos de todo os EUA, a *Transportation Security Authority* (TSA), com mais de 50 mil funcionários. O governo grampeou e-mails e telefonemas da população e foram criadas novas prisões à margem da lei. Observe as passagens, na reportagem abaixo:

Reportagem 41: 11 de setembro 10 anos depois.

Elementos do pânico moral	Passagem na reportagem/artigo
1. Preocupação	<p>– “mas a economia continuava paralisada - com medo de novos ataques, ninguém queria investir em nada”.</p> <p>– “Para impedir que alguém voltasse a sequestrar ou explodir aviões, os EUA criaram a <i>Transportation Security Authority</i> (TSA), uma agência com 55 mil funcionários (5 vezes o número de todos os funcionários da Infraero, que administra os aeroportos brasileiros) só para cuidar da segurança aérea nos EUA”.</p> <p>– “determinados a combater o terrorismo a qualquer preço, os EUA tomaram medidas radicais. O governo passou a grampear secretamente e-mails e telefonemas da população. Criou cadeias à margem da lei (como de Guantánamo, que não obedece às regras jurídicas do país) e usou tortura contra suspeito de terrorismo – que pode ser presos por tempo indeterminado mesmo em provas ou sequer uma acusação concreta”.</p>
2. Hostilidade	<p>– “Só que, além de barrar os terroristas, isso também teve um lado ruim: transformou o ato de viajar num inferno”.</p>
3. Consenso	<p>– “Os EUA se tornaram um Estado policial”.</p>
4. Desproporção	<p>– “O escâner nudista, que já está presente em 78 aeroportos dos EUA, é considerado por alguns a maior invasão de privacidade de todos os tempos: nunca, nem durante a Segunda Guerra Mundial, um governo exigiu a nudez pública de milhões de pessoas”.</p> <p>– “A paranoia é tão intensa que, às vezes, chega a ser engraçada. Como</p>

	<p>no caso de Tammy Banovac, loira, 52 anos de idade e ex-coelhinha da <i>Playboy</i>, que foi até o aeroporto de <i>Oklahoma</i> com uma passagem de avião para <i>Phoenix</i>. Vestindo uma capa de chuva, se recusou a passar pelo escâner e logo tirou a capa mostrando que usava apenas calcinha e sutiã. Foi interrogada e perdeu o voo”.</p> <p>– “Tudo, em meio a placas, com um aviso intimidante: ‘Fazer piadas durante a revista pode resultar penalidades civis e criminais’. Em 2004 dois brasileiros ficaram um mês presos e tiveram de pagar US\$ 15 mil por brincar com um agente do Aeroporto de Miami: Já encontrou a bomba na nossa mala?”</p>
5.Volatilidade	– “Não houve reportagens nos próximos meses relativas à temática”.

Quadro desenvolvido pelo autor do texto.

A hostilidade contra um grupo específico, os terroristas, e dessa forma, segundo Goode & Ben-Yehuda, ([1994b] 2009) “demonizando” os árabes e muçulmanos. O consenso, na reportagem é que “Os EUA se tornaram um Estado policial”. A desproporção, elencando episódios em que os passageiros tenham passado por situações constrangedoras nos aeroportos, inclusive um funcionário da própria companhia que teve de passar pelo escâner nudista, e sendo motivo de piada dos colegas, chegando a agredir um companheiro de trabalho. A volatilidade é que não foram encontradas reportagens sobre o assunto nos próximos meses.

Retomando a discussão sobre o pânico moral, que se torna uma paranoia, mesmo tendo uma situação de risco real para a população, sendo que o pânico moral encontra acolhida no “MC” para se desenvolver e se alastrar. Glassner ([1999] 2003) cita o exemplo em que, depois de 11 de setembro, os estadunidenses preferiam andar de carro, mesmo para longas distâncias, ignorando, assim, o fato de que correm muitas vezes mais o “risco” de sofrer um acidente fatal do que em uma queda de avião.

Portanto, a percepção e o “MC” são mais fortes que a própria razão ou dados estatísticos, reverberando, assim, nos indivíduos da sociedade estadunidense, mexendo com o seu comportamento e a sua conduta.

3.4 Análise de reportagens/artigos da revista *Superinteressante* relacionadas ao risco

A revista *Superinteressante*, em suas reportagens/artigos, traz temáticas relacionadas ao risco, presente em várias delas, cabendo ao autor texto apontar, nos quadros abaixo, onde eles estão localizados. A partir de agora, serão analisadas reportagens/artigos da revista *Superinteressante* que tenham relação com o risco. Analisei duas reportagens: “nação Rivotril” e “a nova vacina”, para pesquisar como o conceito de risco é tratado nas reportagens.

3.4.1 O risco de dependência de medicamentos controlados

A primeira reportagem a ser analisada é “nação Rivotril”, de julho de 2010. Percebe-se um risco à saúde, relacionado ao uso do medicamento de tarja preta, Rivotril, que só pode ser comprado nas farmácias com a receita do médico em mãos, a qual fica retida no estabelecimento. A reportagem tem, como argumento central, que o uso de Rivotril pode causar dependência química e psíquica. Observe as passagens, na reportagem abaixo, que permitem a interpretação da mesma como conceito de risco.

Reportagem 26: Nação Rivotril.

CONCEITO	Passagem na reportagem/artigo
Risco	<ul style="list-style-type: none"> – “Os barbitúricos têm indicação semelhante à dos benzo. Mas são mais perigosos: a linha entre dosagem indicada para o tratamento e aquela considerada tóxica é muito tênue”. – “Tudo faz o pessoal esquecer a tarja preta do remédio. Mas ela está lá por um motivo, é claro. E esse motivo é o risco de dependência”. – “O risco é o mesmo de outros benzodiazepínicos. São dois, aliás. O de dependência química e o de dependência psicológica”. – “Em casos mais graves, a abstinência pode levar o paciente a uma internação”.

Quadro desenvolvido pelo autor do texto.

No quadro acima, alguns problemas que o medicamento Rivotril pode apresentar ao seu usuário, que oscilam entre a dosagem certa (remédio) e a superdosagem (tornando-se um veneno), sendo tênue essa fronteira. Também perpassando pelo risco de o indivíduo ser internado por causa da dependência, nesse caso, abstinência. O risco, citado no texto, deriva da opinião de especialistas: Elisardo Carlini, diretor do centro brasileiro de informações sobre drogas psicotrópicas, da UNESP, Alexandre Saadeh, professor do Instituto de Psiquiatria da USP, Maurício Lima, diretor-médico da Roche¹⁰⁶, Carlos Hubner, professor de psiquiatria do curso de medicina da PUC de São Paulo, André Gustavo Silva Costa, psiquiatra especialista em tratamento de dependentes químicos, José Carlos Galduroz, psiquiatra da Unifesp, Anthony Wong, diretor do Centro de Assistência Toxicológica do Hospital das Clínicas, de São Paulo.

Enfim, depois de ouvir sete profissionais, especialistas¹⁰⁷, que aqui representariam a opinião relativa ao risco real, sendo esse da alçada de especialistas, como nos ensinou Adams ([1995] 2009). O risco real é praticamente ignorado pelos usuários, que em muitos casos, tomam o medicamento há anos, que, obviamente, não seria uma indicação dos especialistas entrevistados pela revista *Superinteressante*. A reportagem pende para um risco mais individual, relacionado com o que o autor do texto, baseado em Giddens ([1990] 1991), chamou de risco individual. Quando se fala em risco, nas reportagens, não é especificada a diferença entre risco real e risco percebido, o que pode confundir o leitor, telespectador ou internauta, parecendo que são idênticos, o que não corresponde à realidade.

3.4.2 Vale a pena correr risco?

A reportagem/artigo, “a nova vacina”, outubro de 2009, traz como argumento central que a ciência já sabe como vencer a gripe suína, e que teria que realizar a maior imunização da história, porém, por trás disso tudo, há um passado polêmico. De acordo com a reportagem, o passado polêmico refere-se aos efeitos colaterais relativos à vacinação em massa contra a H1N1. No ano de 1976, em Nova Jersey, nos Estados Unidos da América, um soldado pega uma gripe forte e morre dois dias depois. Foi diagnosticado que era a H1N1 (o

¹⁰⁶ Grande laboratório farmacêutico, fabricante do rivotril.

¹⁰⁷ Especialistas enquanto detentores de conhecimentos em determinadas áreas de formação ou graduação profissional.

mesmo vírus que havia arrasado o mundo em 1918¹⁰⁸) e muitas pessoas que foram imunizadas desenvolveram a chamada “Síndrome de *Guillain-Barré*” (SGB) que causa danos neurológicos e graus variados de paralisia. Mesmo sendo uma síndrome muito rara, ela foi associada e suspeita de ter relação direta com a aplicação da vacina para imunizar a gripe suína de meados dos anos 70 do século passado. Confira as passagens na reportagem abaixo:

Reportagem 11: A nova vacina.

CONCEITO	Passagem na reportagem/artigo
Risco	<ul style="list-style-type: none"> – “Antigamente, as vacinas eram produzidas com vírus atenuados, porém vivos, que apresentavam maior risco de reações adversas.” – “No Brasil, o regime de testes ainda não foi definido. É claro que isso envolve riscos. São riscos que precisamos correr em caso de emergência.” – “E os riscos de complicações em decorrência da vacina é muito baixo.” – “Tomar ou não tomar a vacina? “É importante vacinar sim. Eu vou me vacinar, e minhas filhas também. Os riscos da gripe suína são muito maiores que possíveis efeitos colaterais da vacina, afirma a neurologista Patrícia Lins.”

Quadro desenvolvido pelo autor do texto.

De acordo com a reportagem, existe uma divisão de opiniões acerca da imunização em massa, sendo que, de acordo com o depoimento na reportagem da revista de uma neurologista, os riscos são muito menores que possíveis efeitos colaterais da vacina, aqui também se percebe a visão de uma especialista, opinando sobre o risco real de um efeito colateral, especificamente a *Síndrome de Guillain-Barré*. Entretanto, contrapondo a isso, a população tem acesso a informações via imprensa, sobre os efeitos colaterais que poderiam ocorrer em indivíduos que tomaram a vacina no ano de 1976, nos Estados Unidos da América, que em alguns casos, ficaram paraplégicos e foram inclusive, a óbito. Sendo assim, existe o que chamei de percepção de risco social, uma vez que, mesmo sendo baixas as probabilidades estatísticas de que esses efeitos possam se manifestar, não são aceitas pelos indivíduos da população, pois, em caso de ocorrerem as reações, os mesmos estariam tão ou mais expostos a

¹⁰⁸ Durante a Primeira Guerra Mundial, a chamada gripe espanhola. A gripe recebeu esse nome de espanhola porque a Espanha, neutra no conflito, expôs seus casos.” (*Superinteressante*, maio, 2010).

irem a óbito por causa da vacina. Novamente surge a tensão entre o que Adams ([1995] 2009) chamou de risco real e risco percebido, e a reportagem/artigo aponta claramente os cientistas defendendo que devemos correr esse risco, em caso de emergência, e, do outro lado, indivíduos não querendo correr esse risco e não querendo fazer a vacina. Portanto, assim sendo, o medo de perder os movimentos do corpo (ficar paraplégico) ou morrer, o mais seguro mesmo é não correr esse baixo risco defendido pelos cientistas.

3.5 Análise de reportagens/artigos da revista *Superinteressante* relacionadas ao “Medo do Crime”

Nesses subtópicos, serão apresentadas reportagens/artigos que contenham elementos de “MC”. Para tal finalidade também será traçado um quadro apontando as passagens interpretadas nas reportagens/artigos. Analisei as reportagens: “conheça a história de crianças que já nascem más”, “ciência contra o crime”, “escola proíbe alunos de levar lápis” e “mapa da morte”, para identificar como o “MC” está presente nas mesmas.

3.5.1 A naturalização da psicopatia

A reportagem/artigo, “conheça a história de crianças que já nascem más”, maio de 2012, tem como argumentos principais a naturalização dos psicopatas e a maldade que realmente existe e se manifesta na infância. Traz depoimentos de pais e mães que percebem “coisas estranhas” no comportamento dos filhos desde a infância, entretanto, o texto explica que a psicopatia só pode ser diagnosticada formalmente após os 18 anos, o que é de conhecimento dos indivíduos. No entanto, a reportagem elenca situações nas quais os pais e as mães das ditas crianças psicopatas desconfiavam de que elas seriam no futuro, adultos psicopatas. Um exemplo clássico de “MC”. No primeiro exemplo, a reportagem sugere que a possibilidade da psicopatia, em uma criança de 6 anos, pode ser causada por problemas na estrutura do cérebro e nem uma boa educação a anularia. A reportagem/artigo traz vários depoimentos de mães e pais sobre crianças com perfis psicopatas desde o nascimento, quando eles apontavam suas suspeitas de psicopatia nas crianças, que variavam de muitas mentiras a agressões físicas a outras crianças e aos próprios pais. De acordo com a reportagem, existem vários tipos/perfis de pequenos psicopatas, sendo eles o impulsivo, o predador, o indiferente,

o suicida, o incendiário, o sádico, o assassino serial, o torturador, o pedófilo e o perverso. Analisarei alguns desses casos no quadro abaixo.

Reportagem 46: Conheça a história de crianças que já nascem más.

INDICADOR	Passagem na reportagem/artigo
<p>“MC”</p>	<p><u>Gustavo, (o impulsivo)</u></p> <ul style="list-style-type: none"> – “podem queimar um cachorro ou estripar um gato”. – “mais tarde na adolescência, podem praticar vários tipos de crimes, de simples roubos ou atos de violência sexual e homicídios com requintes macabros.” – “às vezes, eu acordava no meio da noite e ele estava nos observando ao dormir. Percebi que nos mataria a qualquer momento”. – “O casal expulsou o filho de casa de medo de ser assassinado”. – “muitas mães continuam carregando esta situação nos ombros. Outras morrem nas mãos dos filhos”. <p><u>Gordon, (o predador)</u></p> <ul style="list-style-type: none"> – “Os pais de Gordon suspeitavam cedo de seu caráter anormal. Desde que ele mamava no peito, eu percebi que não estabelecia um vínculo afetivo”. – “Aos 7 anos, vi que algo realmente estava mal: eu tinha que mantê-lo longe dos dois irmãos mais novos para evitar que os agredisse”. – “E o peguei abusando sexualmente da gata do vizinho”. – “Aos 12, Gordon foi acusado de abuso sexual contra uma mulher. Passou alguns anos detido por essa e mais 7 ações do mesmo tipo”. – “Hoje, aos 24 anos, Gordon é pai de um menino de 4 anos. Meu maior medo é que ele faça mal a meu neto que vive com a mãe a 3200 km da

	<p>cidade onde vivemos”.</p> <p>– “Há filhos que são assim. Não importa o que você fizer, eles vão sempre desrespeitar, ameaçar, desprezar e odiar você.” (Bárbara, mãe de Gordon, EUA).</p> <p><u>Jason Massey (o torturador)</u></p> <p>– “O americano Jason Massey tinha 9 anos quando matou o primeiro gato. Gostou. Nos anos seguintes, dissecou dezenas de outros, que pegava perto de casa. Psicopatas têm uma curiosidade mórbida por animais domésticos. Espetam os olhos de tartarugas, estripam pássaros para ver o que há dentro, botam fogo num cão só para vê-lo correr”.</p>
--	---

Quadro desenvolvido pelo autor do texto.

Nas situações supracitadas, que estavam na reportagem/artigo da revista *Superinteressante*, é evidente que a simples possibilidade de serem pequenos psicopatas despertou em seus pais medo de que fossem assassinados pelos filhos, certamente, quando fossem maiores, como, por exemplo, no primeiro caso, no qual a mãe narra que acordava com ele (Gustavo¹⁰⁹) vigiando-os, chegando a dizer que sentia que ele iria mata-los a qualquer momento. Ela diz que, quando ele completou 21 anos, e ela já havia cumprido a lei de criá-lo até a maioridade, sua primeira atitude foi expulsá-lo de casa, com medo de que os matasse. O “MC” pode levar indivíduos a situações extremadas, como no exemplo citado, uma vez que a opção de seus pais foi livrar-se do filho quando ele atingiu a maioridade penal, pois os mesmos temiam muito serem vítimas de um filho psicopata. O “MC”, como indicador de um fenômeno social e encontrando reverberação para o mesmo, possibilita retomar a discussão sobre o pânico moral, visto que os pais “detectaram” o comportamento “estranho” dos filhos, baseados em situações a que tiveram acesso, pois “não podemos jamais concluir que crianças com distúrbios de comportamentos serão psicopatas no futuro. Por isso, não se dá o diagnóstico de psicopatia antes dos 18 anos, diz o psiquiatra forense, Guido Palomba”. (*Superinteressante*, Maio, 2012). Dessa forma, a naturalização feita pelos pais, com relação as suas percepções, deixa claramente o “MC” sobrepor-se, inclusive aos diagnósticos de profissionais da área da medicina, que, como alega o psiquiatra forense citado no texto, jamais

¹⁰⁹ Todos os nomes das crianças utilizados pela reportagem em questão da revista *Superinteressante* são fictícios ou foram trocados.

faria um diagnóstico na infância, o que seria considerado um desvio de conduta, e o diagnóstico de psicopatia só sendo identificado, determinado aos 18 anos. Há também a discussão que uma criança, antes dos 8 anos de idade, não tem noção exata de seus atos, por isso fica explícito que o “MC” não leva em conta a ciência e diagnósticos de profissionais, por isso, a naturalização do psicopata nada mais é que os medos individuais de serem vítimas do crime.

3.5.2 A tecnologia contra o crime

A reportagem “ciência contra o crime”, de outubro de 2008, tem como argumento a facilidade, de desvendar crimes que pareciam perfeitos, tendo a tecnologia como aliada. Começa explicando sobre a dificuldade que a perícia estadunidense encontrou para identificar os corpos de indivíduos vítimas na tragédia do *World Trade Center* (WTC), e que, mesmo com toda a tecnologia, não foi possível reconhecer todos os corpos. Entretanto, a tecnologia facilita, e muito na identificação dos criminosos e, segundo o autor da reportagem, ela evoluiu bastante de 15 anos para cá. Observe as passagens na reportagem abaixo:

Reportagem 03: Ciência contra o crime.

INDICADOR	Passagem na reportagem/artigo
“MC”	<p><u>Testes de DNA</u></p> <p>– “Simon Moran, 38 anos, costumava ser um bom assaltante. Ele tinha uma experiência profissional adequada, como ex-funcionário de uma empresa de instalação de portas e janelas, sempre usava luvas e só arrombava casa de velinhos. A combinação de competências e cuidado fez com que ele só fosse preso uma vez, apesar de ter cometido mais de 100 assaltos”.</p> <p>– “O susto só veio dias mais tarde, ao saber que uma gota de suor havia sido suficiente para revelar sua identidade: depois de secar a testa com a luva, ele mexeu num saco plástico onde a octogenária costumava guardar a bolsa”.</p>

	<p><u>Perícia de campo</u></p> <p>– “Os novos Sherlock Holmes trocaram lupas por luzes forenses. São lanternas portáteis, lâmpadas de maior porte que emitem luzes de diferentes comprimentos de onda, ajudando a revelar coisas que normalmente passariam despercebidas. As fibras sintéticas ficam fluorescentes na maioria dos comprimentos de onda, especialmente nos 300 nanômetros da luz ultravioleta. Já materiais orgânicos, como fibras de algodão, saliva, urina, sêmen e ossos, ficam opacos e esbranquiçados sob a luz negra. “Investigando um caso de estupro, analisei o banco de um carro que não tinha sinais evidentes. Com a luz, pude ver e coletar uma amostra que incriminou um suspeito”, diz Rosângela Monteiro, da Polícia Científica de São Paulo”.</p> <p><u>Reconstrução de imagens</u></p> <p>– “Arquivos de imagens, por sinal, são pistas corriqueiras, e preciosas nas mãos de peritos modernos. Uma simples cena captada pela câmera do elevador do seu prédio já é bem útil na investigação de um suspeito”.</p> <p>– “O projeto para o futuro é bem mais ousado: construir retratos falados a partir de amostras de DNA”.</p> <p><u>Banco de dados</u></p> <p>– “Nada disso seria possível se, por trás de cada pista colhida, não existissem bancos de dados gigantescos guardados em computadores capazes de cruzar e interpretar milhares de informações”.</p> <p>– “Nos EUA, o catálogo informatizado de perfis genéticos ajudou a resolver 72 mil casos só nos primeiros 6 meses de 2008. Em algumas situações, o catálogo de genes tem potencial para, até mesmo, prevenir crimes, especialmente os cometidos por criminosos seriais...”</p>
--	---

Quadro desenvolvido pelo autor do texto.

A ciência contra o crime está composta por exames de DNA, perícia de campo, reconstrução de imagens e banco de dados. O exame de DNA está cada vez mais preciso para

desvendar os crimes considerados mais perfeitos, como no primeiro exemplo, no qual o criminoso foi descoberto por uma gotícula de suor deixada em um local onde a vítima guardava a bolsa. A perícia de campo, utilizando aparelhos mais modernos, como luzes que permitem encontrar provas invisíveis a olho nu, como no caso do carro, no qual a investigadora descobriu sêmen, levou à prisão do suspeito. A reconstrução de imagens está muito desenvolvida, uma vez que os peritos já possuem novos *softwares*, que lhes possibilitam limpar a imagem e identificar a face dos suspeitos e até placas de carros, utilizados em assaltos. A próxima tecnologia será a construção de retrato falado a partir das amostras de DNA, e não estamos falando de ficção científica, tudo para desvendar os crimes e assim tentar coibir, pois os criminosos, sabendo que não ficarão impunes, pensarão duas vezes antes de cometer um delito. O banco de dados é fundamental para os cruzamentos das evidências coletadas. Isso aconteceu em 1986, na Inglaterra, quando a polícia inglesa decidiu usar, pela primeira vez, uma amostra de DNA, encontrada na cena do crime para desvendá-lo. Uma década depois, o Reino Unido criou o seu banco de dados genéticos, em seguida os EUA, França, Noruega, Alemanha, Holanda, Nova Zelândia e Suécia. Em um dos exemplos, os EUA, nos 6 meses após o cadastramento genético, resolveram 72 mil casos em apenas 6 meses. O “MC” desenvolve mecanismos, cada vez mais modernos, para ajudar os policiais a desvendar e, dessa forma, tentar minimizar os crimes.

3.5.3 A Paranoia do “Medo do Crime”

A próxima reportagem, “escola proíbe alunos de levar lápis”, janeiro de 2011, tem um título intrigante e diretamente ligado ao “MC”, pois chega a ser uma atitude extremada a simples cogitação de proibição, por parte da escola, de vetar que seus alunos levem lápis e canetas próprios. Agindo assim, a escola está indo na contramão de como é em qualquer lugar do mundo, postando-se, dessa maneira, de forma preventiva para que os alunos não utilizem os objetos como armas para machucar ou ferir, de forma letal, um colega ou professor. Conforme a reportagem:

Reportagem 32: Escola proíbe alunos de levar lápis

INDICADOR	Passagem na reportagem/artigo
-----------	-------------------------------

“MC”	– “A escola <i>Noth Brookfield Elementary</i> , em <i>Massachusetts</i> , quer proibir seus alunos de carregar lápis e canetas no material escolar, pois teme que esses objetos possam ser usados “na fabricação de armas”. A escola pretende fornecer seus próprios lápis, que só poderão ser manuseados em sala de aula”.
------	---

Quadro desenvolvido pelo autor do texto.

A maior preocupação, pelo que percebo na reportagem, está, antes, nos intervalos e na saída da escola. As principais preocupações relativas ao uso de lápis e de caneta, haja vista que o uso dos materiais escolares é fornecido, pela própria escola, durante o horário de aula para que os alunos desenvolvam suas atividades estudantis.

Portanto, a reportagem permite retomar a discussão e pensar novamente sobre as teorias contratualistas, na oposição entre Rousseau e Hobbes. Pendendo a discussão inteiramente para uma perspectiva hobbesiana, em que “o homem é lobo do homem”, a escola porta-se de forma preventiva, agindo como mediadora política e fazendo a contenção das pulsões humanas, proibindo que trouxessem de casa o material pontiagudo para que os alunos não machuquem os outros indivíduos. Soando como uma paranoia provocada pelo do “MC”, Glassner ([1999] 2003) novamente nos diria que tememos coisas erradas, pois a chance de que venha a ocorrer algum crime, por causa de lápis e de canetas, é infimamente pequeno em relação a outros tipos de problemas mais frequentes, mas que não ganham espaço e não são mostrados na mídia.

3.5.4 Geografia da morte no Brasil.

A reportagem “mapa da morte”, fevereiro de 2010, traz um apontamento dos locais, nos quais há maior índice de morte no Brasil. As formas de homicídios que consta na pesquisa da revista *Superinteressante* são: com arma de fogo, arma branca ou por agressão física, estrangulamento e outros. O “MC” leva a este tipo de investigação, ou seja, o mapeamento e as formas como são cometidos os assassinatos.

Reportagem 06: mapa da morte.

INDICADOR	Passagem na reportagem/artigo
“MC”	A melhor medida de uma epidemia é o número de mortes. A de violência, que assola o Brasil, causa 47 mil homicídios por ano. Veja como a morte matada ¹¹⁰ se distribui pelo 4º país mais mortal do mundo.

Quadro desenvolvido pelo autor do texto.

O “mapa da morte” se divide pelas 5 regiões do Brasil e traça uma geografia dos homicídios da seguinte forma: a região onde mais ocorrem homicídios é a sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo), com 21.693, o que não é surpresa nenhuma, já que a região mais rica e mais populosa do país. Os homicídios são divididos em: 74% com arma de fogo, 9 %, com objetos cortantes, 4%, com objeto contundente, 1%, estrangulamento e, 12%, outros. A população dessa região é mais propensa a ser morta por arma de fogo, pois 3 a cada 4 mortes acontecem assim, logo não é de se admirar que o “MC”, com relação a armas de fogo, deve ser o principal medo da população, o qual se propaga, surgindo assim as “crenças de perigo” (Borges) com relação a esta região brasileira.

A segunda região é o nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe), com 12.986 homicídios, 70%, com arma de fogo, 18%, com objeto cortante, 5%, com objeto contundente, 1%, estrangulamento, 6 %, outros. Os índices de mortes com arma de fogo caem um pouco, mesmo assim são altos e os moradores dessa região também têm que ter “MC” com armas de fogo. No entanto, Recife (PE), é a capital mais mortal do país, com um índice superior a 90,5% homicídios, o triplo de São Paulo, por exemplo. De um modo geral, a morte por arma de fogo é a primeira causa de homicídios nas 5 regiões pesquisadas, no entanto, existem variações significativas nos percentuais, principalmente em homicídios com objeto cortante.

Nesse quesito, a última região colocada na pesquisa (5ª) é a norte (Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins), que tem o índice mais elevado de homicídios por objeto cortante, 32% (contrastando com os 9% da região sudeste). O “MC” deve girar em torno de um resguardo maior em relação a frequentar determinados locais, pois, pelo que se percebe na pesquisa, os indivíduos têm por tendência usar objetos cortantes (especialmente faca ou facão) para resolver alguma divergência.

¹¹⁰ Termo utilizado na reportagem.

Portanto, a reportagem permite retornar a discussão sobre risco, pois os moradores da região norte estão expostos a um risco real muito maior que qualquer indivíduo de outras regiões, o de serem mortos por alguém portando objeto cortante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação procurou identificar a relação entre os fenômenos sociais de pânico moral e “Medo do Crime” perpassados pelo conceito de risco, a partir de um estudo de caso da revista *Superinteressante* no período de 2008 a 2012.

Também, durante a pesquisa, foram apontadas passagens, nas reportagens, nas quais os *experts* da revista *Superinteressante* desempenharam a função de “empreendedores morais”, de acordo com a minha opinião, baseado no conceito de “empreendedores morais” de Becker ([1963] 2008) e explicitadas no quadro que desenvolvi.

Para atingir o objetivo proposto, expliquei a importância do estudo das emoções nas Ciências Sociais. Fiz isso, identificando, nos escritos de autores, entre eles, os clássicos da Sociologia, que, mesmo não tendo a intenção de fundarem a “Sociologia das emoções”, trazem as emoções como pano de fundo em seus textos, Durkheim (1858–1917), Marx (1864–1920), Simmel (1858–1918) e Weber (1818–1883), além de Halbwachs ([1947] 2009) e Barbalet (1998). Dessa forma, justifiquei o estudo da emoção medo, que passa a ser concebido nos Estados Unidos da América, nos anos 70 do século passado, como conceito de “MC”, que surgiu como apoio à polícia para combater a delinquência juvenil, um problema sério dos estadunidenses e passando o “MC” a ser tratado como fenômeno de relevância.

O pânico moral, um fenômeno mais conciso e mais conhecido, teve sua utilização por Young (1971), mas ganhou notoriedade e se desenvolveu nos estudos de Cohen (1972) como conceito sociológico. No entanto, para o desenvolvimento do trabalho, foram utilizados os conceitos de Goode & Ben-Yehuda ([1994b] 2009) porque, me proporcionaram constituir uma classificação ideal-típica, sobre o pânico moral, sendo esse, composto, por cinco elementos: preocupação, consenso, hostilidade, desproporcionalidade e volatilidade.

A partir dessa tipificação “ideal” foi possível identificar nas reportagens da revista *Superinteressante*, passagens que estivessem relacionadas com os elementos que apontassem a presença do conceito pânico moral. Após a identificação nas reportagens, e, análise em um quadro, no qual especifiquei a passagem no texto, o intuito foi realizar uma discussão sobre a possível relação entre pânico moral e “MC”, estando presente também a discussão sobre o conceito de risco. Sobre o conceito de risco, investigado nas reportagens/artigos, em momento algum, é feito pela revista *Superinteressante* uma explicação exata (ou mínima que seja), sobre a diferença entre o risco real e o risco percebido. Para esclarecer isso, busquei historicizar sobre como era concebido o risco (relacionado a possibilidades), no medievo,

traçando em uma espécie de linha do tempo, e apresentando o conceito de risco, esse, um conceito moderno. Baseado em probabilidades estatísticas avançadas, sendo assim, calculado como probabilidades. Ou seja, o risco real, da alçada de especialistas, segundo Adams ([1995] 2009) contrastando com o risco percebido, sendo este da alçada e da percepção dos indivíduos do restante da população. Após isso, realizei um cotejamento entre as reportagens e a literatura estudada, visando, assim, responder ao objetivo específico do trabalho, por uma ótica sociológica, que é, sobre, a relação entre “Medo do Crime” e pânico moral (dois fenômenos sociais), baseados na análise de conteúdo das reportagens da revista *Superinteressante* entre os anos de 2008 a 2012.

As principais contribuições do trabalho estão, a partir da análise de conteúdo, sobre como se relacionam os conceitos pânico moral e “MC” nas reportagens da revista *Superinteressante*, estando o risco presente como companheiro invisível na discussão. A explicação, sobre os conceitos, sendo o pânico moral, a partir de uma ideal tipificação, alicerçada em Goode & Ben-Yehuda ([1994b] 2009), o “MC”, como conceito sociológico baseando na “cultura do medo” e nas “crenças de perigo” e a diferenciação entre a percepção do conceito risco, sendo este um conceito recente, e a explicação sobre o que é o risco real e o que é o risco percebido.

Como resultado da pesquisa, ficou confirmada, portanto, a existência da relação direta entre os fenômenos sociais pânico moral e “MC”, corroborando, assim, a hipótese de pesquisa. O pânico moral recebe, então, acolhida no “MC”, sendo, esse, um sentimento perene, propiciando, assim, o solo fértil para a germinação do pânico moral. Sobre a resposta ao objetivo geral da pesquisa, acerca da influência da mídia impressa ou *online*, especificamente da revista *Superinteressante* na sua influência negativa da concepção dos indivíduos sobre o risco, é notório, na literatura estudada e nas passagens dos textos examinados, seu tom sensacionalista (mesmo não sendo a revista *Superinteressante*, sensacionalista), porém, compete com outras que são. No entanto, friso, que a mídia não é a única propagadora do pânico moral e do “MC”, mas é a principal, levando em conta seus tons apelativos, ou na forma arbitrária como são apresentadas e selecionadas em algumas reportagens.

Portanto, espero através desse estudo ter contribuído para a discussão sobre os conceitos de risco, pânico moral e “MC”, para que apareçam, mais trabalhos nesse mesmo viés.

Como indicação para futuras pesquisas, deixo a sugestão, de que sejam realizados estudos mais aprofundados sobre o que propulsiona o maciço interesse da mídia com pânico moral e o “MC”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, John. **Risco**. São Paulo: Editora Senac : São Paulo, 2009.

APPADURAI, Arjun. **Medo ao pequeno número: ensaio sobre a geografia da raiva**. – São Paulo : Iluminuras : Itaú Cultural, 2009.

ATKINSON, RITA L. et alli. **Introdução à psicologia de Hilgard**. 13. Ed. – Porto Alegre: Artemed, 2002.

BARBALET, J.M. **Emoção, teoria social e estrutura social: uma abordagem macrossocial**. Coleção Epistemologia e Sociedade, Instituto Piaget, 1998.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo : Edições 70, 2011.

BARTHES, R. **Elements of Semiology**. New York : Hill and Wang, The Noonday press, 1967.

BAUER, Martin W. & GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. – 7 ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2008.

BAUMANN, Zygmunt. **Medo líquido**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 2008.

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade** – São Paulo : Ed. 34, 2010.

BECKER, Howard S.. **Segredos e truques da pesquisa** - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2007.

_____ **Outsiders. Estudos de sociologia do desvio**. 1. ed. – Rio de Janeiro : Jorge Zahar ed., 2008.

BORGES, DORIAM. **O medo do crime na cidade do Rio de Janeiro: uma análise sob a perspectiva das crenças de perigo**. 1 ed. Curitiba : Appris, 2011.

CALDEIRA, TERESA. **A cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo : Ed. 34/ EDUSP, 2000.

COHEN, STANLEY. **Folks devil`s and Moral Panics: The Creation of Mods and Rockers**. London, MacGibbon & Kee, 1972

COLLINS, HARRY. **Repensando a expertise**. Fabrefactum, 2010.

DELUMEAU, JEAN. **A história do medo no ocidente 1300–1800: uma cidade sitiada** – São Paulo : Companhia das letras, 2009.

DOUGLAS, M. & WILDASKY, A. **Risk and culture. An essay on the selection of technical and environmental dangers**. Berkeley, CA: University of California Press, 1982.

DOUGLAS, M. & WILDASKY, A. **Risco e cultura: Um ensaio sobre a seleção de riscos tecnológicos e ambientais**. Rio de Janeiro : Elsevier, 2012, recurso digital, formato pdf.

_____ **Risk and Blame: Essays in Cultural Theory**. London: Routledge, 1992.

DURKHEIM, ÉMILE. **As regras do método sociológico**. 17 ed. – São Paulo : Companhia Editora Nacional, 2002.

_____ **O Suicídio**. – São Paulo : Abril Cultural, 1978 (Os Pensadores)

_____ **As formas elementares da vida religiosa : o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo : Martins Fontes , 1996. – (coleção tópicos)

ECKERT, CORNÉLIA. **A cultura do medo e as tensões de viver na cidade: narrativas e trajetória de velhos moradores de Porto Alegre**. Iluminuras, 2002. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9141/5251>

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo : Perspectiva, 2010. 23. Ed.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador : uma história dos costumes**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1994. Vol. 1.

_____ **O processo civilizador : formação do Estado e civilização**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1993. Vol. 2

FERRARO, Kenneh. **Fear of Crime**. New York, Suny, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. Curso no Collège de France (1975-1976), São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____ **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 38 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro : Vozes, 2010.

GARDNER, Dan. **Risco: A ciência e a política do medo**. Editora Odisséia Editorial, 2009.

GARLAND, David. **A cultura do controle: crime e ordem social na sociedade contemporânea**. – Rio de Janeiro : Revan, 2008.

_____ **On the Concept of Moral Panic**. Crime Media Culture 4(1): 9 – 30, 2008.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo : Editora UNESP, 1991.

GLASSNER, Barry. **Cultura do medo**. São Paulo: Francis, 2003.

GOODE, E. & BEN-YEHUDA, N. **Moral Panics: The Social Construction of Deviance**. Oxford: Blackwell Publishers. 2009.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 17 ed. – Petrópolis, Vozes, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A Expressão das emoções e a sociedade**. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 8, n. 22, pp. 201 a 218, abril de 2009.

HALE. C. **Fear of crime : A review of the literature**. International Review of criminology, n 4, p. 79-150.

HACKING, Ian. **The Emergence of Probability: A Philosophical Study of Early Ideas about Probability, Induction and Statistical Inference** (Cambridge Series on Statistical and Probabilistic Mathematic), 2009.

HOBBS, Thomas. **Leviatã ou Matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil**. – 2. Ed. – São Paulo : Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores)

LARANJA mecânica. Direção: Stanley Kubrick. Reino Unido/EUA, 1972, duração: 136 minutos.

LE BRETON, David. **Condutas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver**. Campinas, SP : Autores associados, 2009.

_____ **As paixões ordinárias. Antropologia das emoções**. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2009.

LUHMANN. Nikolas. **La Sociologia del riesgo**. Guadalajara: Universidad Ibero-americana Universidad de Guadalajara, 1992.

LUPTON, Déborah. **Risk**. Routledge. 29 West 35 th Street, New York, NY 10001, 1999.

LYOTARD, Jean F. **A condição pós-moderna**. 10ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Crime e costume na sociedade selvagem**. Brasília, Editora : Universidade de Brasília; 2ª ed. 2008.

MARX, Karl. **Escritos filosófico-econômicos**. São Paulo : Boitempo, 2004.

MAUSS, Marcel. **A expressão obrigatória de sentimentos.** – São Paulo : Coleção Grandes Cientistas Sociais ;11, Ática, 1979.

MORE, Thomas. **A utopia.** 3 ed. São Paulo : Martins Fontes, 2009.

MUCHEMBLED, R. **Popular culture and elite culture in France. 1400- 1750.** Baton Rouge : Louisiana State University Press, 1985.

PRECISAMOS falar sobre o Kelvin. Direção: Lynne Ramsay, Reino Unido/EUA, 2012, duração: 112 minutos.

RIAL, Carmén. **Guerra de imagens: o 11 de Setembro na mídia.** 2003. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~antropos/64.%20carmen-11set.pdf>

RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

ROCHÉ, S. **Insécurité et libertés.** Paris : Seuil, 1994.

SIMMEL, Georg. **A Filosofia do amor.** São Paulo : Martins Fontes, 1993. – (coleção tópicos).

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23 ed. São Paulo : Cortez, 2007.

TENHOUTEN, Warren D. **A General Theory of Emotions and Social Life.** Routledge, 2007.

TIROS em Columbine. Direção: Michael Moore, EUA/Canadá, 2003, duração: 123 minutos.

TORRES, Marieze Rosa. **Hóspedes incômodas? Emoções na Sociologia norte-americana.** Tese, UFBA, 2009.

Vários autores. **A pesquisa qualitativa em Ciências Sociais: enfoques epistemológicos e metodológicos.** 2 ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, Coleção Sociologia, 2010.

WARR, Mark. **Fear of crime in the United States: avenues for research and policy.** Measurement and Analysis of Crime And Justice, Vol. 4, 2004.

WARRIORS: os selvagens da noite. Direção: Walter Hill, 1979, duração: 90 minutos.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo.** – São Paulo : Companhia das Letras, 2004.

_____ **Ciência e Política: duas vocações.** Editora Cultrix, São Paulo, 1967 e 1968.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 4 ed., Porto Alegre : Bookman, 2010.

YOUNG, Jock. **The Role of the Police as Amplifiers of Deviancy,** in S. Cohen (ed.) Images of Deviance, pp. 27–61. Harmondsworth: Penguin, 1971.

APÊNDICE

Ano		Mês	Título	Categoria	Relacionado	Argumento
2008	1	Fevereiro	O código dos pedófilos	Crime	“PM”	Os pedófilos têm um código secreto, desvendado pelo <i>FBI</i> , sempre relacionado com triângulos
	2	Março	Cidades tão violentas quanto a Europa	Crime	“MC”	Brasil é mais violento que a Europa
	3	Outubro	Ciência contra o crime	Crime	“MC”	Está cada vez mais fácil desvendar crimes, tendo a tecnologia como aliada para a diminuição dos mesmos.
	4	Dezembro	Efeito estufa: do jeito que está não pode ficar	Clima	“EM”	Que o crescimento da economia, de uma forma não sustentável, vai comprometer a camada de ozônio
2009/ 1	5	Janeiro	A Aids está vencendo	Epidemia	“PM” e Risco	Ainda não foi encontrada a cura para a Aids
	6	Fevereiro	Mapa da morte	Crime	“MC”	Apontamento dos locais, nos quais há maior índice de morte no Brasil.
	7	Junho	Games violentos fazem mal?	Games	Risco	Games violentos reproduzem risco de comportamento agressivo
	8	Agosto	Máscara contra a gripe suína	Epidemia	“PM”	Ensinando a usar a máscara contra H1N1
	9	Agosto	Maconha não é mais tabu	Drogas	“PM”	Legalização da maconha nos EUA
	10	Agosto	Donos do mundo	Epidemia	“PM”	Os vírus estão cada vez mais resistentes
	11	Outubro	A nova vacina	Saúde	Risco	Que a ciência já sabe como vencer a gripe suína, e que teria que realizar a

						maior imunização da história, porém, por trás disso tudo, há um passado polêmico
2009/2 Edição especial	12	Julho	Cérebro em transe	Crime	“PM”	O cérebro dos psicopatas é diferente de um cérebro “normal” havendo uma falha no que tange às emoções
	13	Julho	Todos nós somos um pouco psicopatas	Crime	“PM”	Psicopatas têm uma lesão no cérebro
	14	Julho	O parasita mora ao lado	Crime	“EM”	Como identificar psicopatas e como agir para livrar-se deles
	15	Julho	Os malditos – o bom moço	Crime	“PM”	O bom moço pode ser um <i>serial killer</i>
	16	Julho	Máquinas do crime	Crime	“PM”	Os psicopatas têm uma falha na consciência moral
	17	Julho	Os Malditos – Pega, mata e come	Crime	“PM”	Todo psicopata é mentiroso e bom de lábia
	18	Julho	Anjos malvados	Crime	Risco	Não é possível diagnosticar a psicopatia antes dos 18 anos, pois a personalidade ainda não está formada. Recebe o diagnóstico de transtorno de conduta.
	19	Julho	Abaixo o monopólio do mal	Crime	“MC”	Ser cruel não é exclusividade de psicopatas
	20	Julho	Sem pena nem perdão	Crime	“PM”	3% dos homens e 1% das mulheres são incapazes de internalizar regras
2010	21	Janeiro	Mundo vai ter recorde de calor em 2010	Clima	Risco	Aquecimento global
	22	Maio	Tão mortais quanto misteriosas	Epidemia	“PM”	As epidemias deixaram um rastro de morte por onde passaram e já foram viradas do avesso pelos pesquisadores. Mas ainda guardam segredos que

						desafiam a ciência
	23	Junho	Vírus de planta ataca humanos	Epidemia	“PM”	Vírus que ataca certos tipos de pimenteira também podem atacar humanos
	24	Junho	Celular vai combater terrorismo	Crime	“MC”	Monitoramento de eventuais terroristas
	25	Julho	Legalize... já?	Drogas	Risco	Alguns médicos defendem o uso de medicamentos à base de maconha, no Brasil.
	26	Julho	Nação rivotril	Saúde	Risco	O uso de rivotril pode causar dependência química e psíquica
	27	Agosto	Tempestade solar pode afetar a Terra em 2013	Clima	“PM”	Tempestades solares podem causar pane em equipamentos eletrônicos em 2013
	28	Novembro	Vírus ataca usina nuclear do Irã	Epidemia	“MC”	Vírus fabricado invade usina nuclear
	29	Dezembro	Ele (quase) nasceu psicopata	Clima	Risco	Neurocientista que estuda cérebro de psicopatas tem cérebro semelhante
	30	Dezembro	Antidepressivo pode causar depressão	Saúde	Risco	Excesso de serotonina
	31	Dezembro	A verdadeira superbactéria	Epidemia	“PM”	A existência de bactérias que resistem a praticamente todos os antibióticos
2011	32	Janeiro	Escola proíbe alunos de levar lápis	Crime	“MC”	Lápis e canetas podem virar armas contra os outros alunos
	33	Fevereiro	Twittar pode te envolver em golpes de estado e terrorismo	Crime	Risco	Twittar e encurtar <i>links</i> podem te colocar em problemas com a polícia
	34	Março	Doença da vaca louca se espalha pelo ar	Epidemia	Risco	Doença da vaca louca pode contaminar pelo ar
	35	Abril	Catástrofes que podem acabar com o mundo	Clima	“PM” e risco	A natureza contra o homem
	36	Maiο	Psicopatas S.A	Crime	“PM”, e Risco	Empresas são solo fértil para psicopatas

	37	Junho	A nova arena do terror	Crime	Risco	Você pode estar sendo roubado pela <i>internet</i>
	38	Junho	Maconha faz mal?	Drogas	Risco	Opiniões de “ <i>experts</i> ”
	39	Agosto	O problema do mundo sem <i>Bullying</i>	Crime	“MC”	O <i>Bullying</i> faz parte do desenvolvimento das crianças
	40	Setembro	Salário no bolso aumenta o risco de morte	Crime	“MC” e Risco	Na semana seguinte ao recebimento do salário, a taxa de mortalidade sobe 10%
	41	Setembro	11 de setembro 10 anos depois	Crime	“PM”	Efeitos do 11 de setembro uma década depois
	42	Dezembro	Cigarro induz ao vício em cocaína	Drogas	Risco	O cigarro como porta de entrada para drogas mais pesadas
	43	Dezembro	12 receitas para o fim do mundo	Apocalipse	“PM”	As possibilidades prováveis para o fim do mundo
2012	44	Março	Cientistas voltam a trabalhar em supervírus	Epidemia	“PM” e Risco	Novo H1N1 fabricado em laboratório nos EUA e na Holanda
	45	Abril	Remédio para dormir aumenta o risco de câncer	Saúde	“PM” e Risco	Quem usa medicamentos hipnóticos tem mais propensão a ter câncer
	46	Maio	Conheça a história de crianças que já nascem más	Crime	“MC”	Naturalizam os psicopatas
	47	Julho	Maconha sintética e a era das drogas de laboratório	Drogas	“PM”	As drogas sintéticas são muito mais potentes
	48	Outubro	Jovem fuma mais maconha que cigarro	Drogas	Risco	Nos EUA, alunos do ensino médio fumam mais cigarro de maconha do que cigarro normal

Quadro desenvolvido pelo autor do texto.

ANEXO 1

Superinteressante, dezembro de 2008.

Efeito estufa: do jeito que está não dá para ficar

É impossível reduzir as emissões de gases do efeito estufa sem pôr um freio no crescimento da economia, afirma o inglês Tim Jackson

por Estela Silva

A atual crise financeira global vem tirando o sono de muita gente – de trabalhadores angustiados com o fantasma do desemprego a investidores que amargam prejuízos com a queda da bolsa de valores, de empresários que estão arrancando os cabelos por causa da diminuição de seus lucros a governantes preocupados com a ameaça da recessão. Esse cenário sombrio, no entanto, é uma excelente oportunidade para as pessoas refletirem sobre as armadilhas do atual modelo econômico, baseado na busca obsessiva do crescimento. É o que diz o matemático e filósofo inglês Tim Jackson, professor de desenvolvimento sustentável da Universidade de *Surrey*, na região de Londres. Para Jackson – um estudioso das relações entre o estilo de vida e o ambiente –, se a economia mundial continuar a crescer no mesmo ritmo dos últimos anos, será impossível garantir a sustentabilidade das próximas gerações. Segundo ele, a atitude mais sensata que cada um de nós pode adotar para um mundo mais sustentável é comprar menos – já que as medidas adotadas até agora têm sido insuficientes para neutralizar as emissões de gases que causam o efeito estufa. “Acreditar que as emissões vão diminuir enquanto a economia continuar crescendo sem limites é a receita do desastre”, afirma Jackson na entrevista a seguir.

Qual é o papel da economia para a sustentabilidade do mundo?

Em geral, a economia trata do gerenciamento de recursos – humanos, naturais e financeiros. Uma sociedade justa e saudável, que viva dentro de limites ambientais definidos, precisa ter sustentabilidade econômica, na qual se concentram os recursos apropriados para várias gerações. No momento, nossa teoria econômica não funciona bem dessa forma.

Como ela funciona?

A crise financeira é um exemplo e um grande alerta. Ela demonstra que ainda não sabemos como lidar com a economia. A única maneira com que fazemos a economia funcionar é

estimular cada vez mais consumidores a gastar com coisas de que eles realmente não precisam, o que compromete os recursos naturais e polui o ambiente. O problema financeiro mundial que veio à tona agora mostra que estamos na armadilha de um modelo econômico falido. E também se trata de um desastre em termos ecológicos.

A boa notícia é que temos uma oportunidade única de tirar lições da crise e construir algo melhor.

O capitalismo é negativo para a sustentabilidade?

Sim. Generalizando, a ideia do capitalismo irrestrito é uma das responsáveis por este caos que estamos vivendo. Achar que isso pode ser uma saída é um pensamento extremamente otimista.

Qual é a saída então?

O crescimento é essencial para o desenvolvimento das economias. A ideia de que podemos tirar 2 bilhões de pessoas no planeta da mais absoluta pobreza sem crescimento é claramente problemática.

Isso significa que cada país pode continuar crescendo sem limites? Não acredito nisso. No momento, o crescimento é estruturalmente importante. Mas isso acontece porque uma economia em crescimento é estável, enquanto uma economia que para de crescer corre o risco de entrar em colapso. É realmente importante construir novas macroeconomias, que encontrem uma forma de estabilidade que não esteja baseada no crescimento ilimitado.

Não parece tão simples. Em sua opinião, como deve ser a construção dessas macroeconomias?

Esse é possivelmente o problema mais importante do nosso tempo, mas ainda posso contar os dedos de uma mão o número de pessoas que estão trabalhando com esse objetivo! A ideia mais aceita é que devemos continuar crescendo, mas isso não faz sentido. A crise financeira nos mostra que nem economicamente faz sentido. Imagine, então, ecologicamente. Para mobilizar uma mudança de fato na economia, o governo tem de liderar a iniciativa de diminuição de consumo e do crescimento. Não faz sentido pensar nisso se não houver uma

contribuição das empresas e dos consumidores, pois cada um tem o seu papel. O papel do governo é a responsabilidade pela formulação da macroeconomia.

Esta é uma das lições muito claras desta crise: quando as coisas vão mal, o Estado é o agente que está habilitado a resolver.

É possível fazer a economia crescer e, ao mesmo tempo, reduzir as emissões de gases nocivos?

Sim, acredito que seja possível. Em algumas nações desenvolvidas já podemos observar algumas dessas tendências. Globalmente, o melhor que se observa é algo que está ainda em processo, onde as emissões vêm sendo controladas e seu aumento tem sido mais lento do que o ritmo do crescimento econômico. Temos como exemplo alguns dos países signatários do Protocolo de Kyoto, como o Reino Unido, que vem seguindo as regras de diminuição mundial, mas ainda não está atendendo às expectativas internas. Porém, em alguns segmentos produtivos, como nas indústrias de cimento, metais e bauxita, a tendência é pior que essa. Esses crescem acima da taxa de expansão da economia.

Estamos indo para a direção errada! Acreditar que as emissões vão diminuir enquanto a economia continua crescendo é a receita do desastre.

Os recursos tecnológicos criados com o objetivo de diminuir a poluição e as emissões estão esgotados? Como eles podem contribuir para melhorar a sustentabilidade dos países?

Os avanços tecnológicos e de produtividade, em particular, são absolutamente vitais. Não podemos pensar em sustentabilidade sem eles. Mas eles são limitados em termos da eficiência que podem atingir. A má notícia é que, apesar dessas melhorias, não estamos diminuindo nossas emissões ou o consumo de recursos que impactam o ambiente. Seria necessário concentrar mais esforços numa política de investimentos para aumentar essa eficiência, a fim de substituir produtos e processos mais poluentes por outros menos poluentes.

Quanto deveria ser o crescimento mundial por ano para um ambiente sustentável?

Muito difícil responder. O crescimento é claramente necessário por várias décadas ainda na maioria dos países em desenvolvimento, mas o ambiente de negócios atual, que acredita que o crescimento econômico deve ser 10 vezes maior até 2100, não tem credibilidade em termos

ecológicos. Atualmente, já estamos acima do limite de emissões, já que, de acordo com o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), deveríamos reduzir as emissões de carbono em 80% em relação à quantidade do ano de 1990 para prevenirmos a interferência no clima mundial.

Há muitas diferenças entre os países desenvolvidos e os em desenvolvimento?

Sim, as diferenças são enormes. Os países desenvolvidos deveriam assumir a liderança na busca de soluções reais para os problemas de sustentabilidade. Afinal, eles ainda são os maiores consumidores per capita de recursos e em emissões de poluentes. Os países pobres lutam com os poucos recursos que têm para aumentar os padrões básicos de sobrevivência. Os países ricos precisam dar o exemplo de crescimento às nações em desenvolvimento, se quisermos viver num mundo sustentável onde as pessoas possam ter um padrão de vida decente em qualquer lugar do planeta.

Você concorda com a maneira como os políticos vêm lidando com a questão da sustentabilidade?

Não, eles não têm feito o suficiente pela sustentabilidade. Embora as mudanças climáticas, finalmente, estejam recebendo a atenção merecida, ninguém está tratando com seriedade as limitações de recursos, como a biodiversidade, a segurança da água, o uso da terra, a segurança alimentar, o gerenciamento das florestas ou a conservação dos oceanos. E, certamente, estamos longe de dar atenção aos impactos sociais das economias não sustentáveis.

Qual seria sua proposta para promover sustentabilidade e evitar a recessão global?

Ninguém sabe ao certo, mas alguns caminhos ajudariam, como redesenhar toda a economia, principalmente a macro. Não podemos acreditar num sistema de aceleração de consumo com o aumento de dívidas. Poderíamos também buscar mais equilíbrio entre consumo e investimento, mais flexibilidade no mercado de trabalho para facilitar o pleno emprego sem a necessidade de contínuo crescimento.

Seria importante também desenvolver instituições internacionais fortes para regular o fluxo econômico e dar amplo apoio às nações em desenvolvimento na transferência de tecnologias

que ajudem na diminuição de emissões. Outra sugestão seria ajustar procedimentos contábeis, nacionais e internacionais, para que se tornem adequados e beneficiem tanto as finanças quanto o ambiente, e reestruturar a sociedade para dar suporte aos produtos e serviços importantes para as comunidades, que devem estar capacitadas para prosperar – dentro de limites ecológicos claros. Talvez a recessão não seja o pior que vá acontecer para nós...

O que poderia ser pior que a recessão?

Pergunte à Rússia e à África. Um colapso no sistema social realmente traz perdas para o bem-estar humano, diminuindo a expectativa de vida, aumentando a mortalidade infantil e trazendo perdas para a unidade social, entre outros problemas. A longo prazo, isso é o que teremos de enfrentar se não construirmos um sistema econômico robusto e sustentável em termos ecológicos.

O que as pessoas podem fazer individualmente para que isso não aconteça?

Comprar menos, ser mais eficiente no uso da energia, viajar menos de carro e de avião, economizar, fazer investimentos éticos e protestar!

Faça a sua parte

Como você pode contribuir para um mundo mais sustentável, segundo Tim Jackson

Compre com moderação

Pense duas vezes antes de comprar um produto. Você realmente precisa dele? Consumir menos é a atitude individual mais importante que você pode tomar para diminuir as emissões de gases causadores do efeito estufa.

Dedique-se a ações comunitárias

Não se deixe influenciar pelos anúncios publicitários. Para tirar da cabeça a ideia de fazer compras, você pode, por exemplo, passar mais tempo com a família e dedicar-se a atividades comunitárias.

Escolha bem os produtos

Já que vai comprar, dê preferência a produtos sustentáveis, como os eletrodomésticos que consomem menos energia. Evite o uso de sacolas plásticas e colabore para aumentar a reciclagem de embalagens.

Selecione o fabricante

Consuma produtos éticos, fabricados por empresas reconhecidas por adotar boas práticas no seu relacionamento com os parceiros de negócios, aí incluídos os clientes, os funcionários e os fornecedores.

Use o transporte coletivo e caminhe

Evite o transporte individual e utilize mais o transporte público. Se tiver de usar o carro para locomover-se no dia-a-dia, procure compartilhar a viagem com outras pessoas que fazem o mesmo roteiro. Caminhe mais.

Tim Jackson

- É mestre em filosofia pela Universidade de Western Ontario, no Canadá, e Ph.D. em física pela Universidade de St. Andrews, na Escócia.
- Publicou estudos sobre a relação entre consumo, estilo de vida, bem-estar e ambiente.
- Desde 2000 é professor de desenvolvimento sustentável da Universidade de *Surrey* (a primeira instituição na Grã- Bretanha a criar um departamento voltado para questões de sustentabilidade).
- Paralelamente ao trabalho científico, é um premiado autor de dramas para rádio, as peças radiofônicas.

ANEXO 2

Superinteressante, julho 2009.

O parasita mora ao lado

A maioria dos psicopatas não mata - são pessoas que se aproximam no trabalho, nas amizades e na cama para se dar bem às custas de você. Saiba como detectá-los

por **Texto Alexandre Carvalho dos Santos**

Psicopata que faz picadinho de quem pega carona. Psicopata que tortura uma família inteira num feriado. Psicopata líder de seita assassina. Psicopata canibal. Se todos os psicopatas usassem a máscara do Jason do Sexta-Feira 13, seria mais fácil mudar de calçada na mesma hora. Só que na vida real a maioria deles não tem a fachada nem os modos de um assassino sanguinário. E mais: poucos são os que matam ou aparecem nas manchetes.

“O psicopata com uma postura criminosa é o do tipo predatório, que satisfaz suas necessidades por meio de uma ação destruidora, agressiva e fria”, diz Antônio de Pádua Serafim, coordenador do programa forense do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da USP. “Mas há o psicopata parasitário, que só se aproveita das pessoas mais vulneráveis para conseguir o que ele quer. Esse não adotará, necessariamente, uma conduta criminosa, mas provocará estrago no ambiente social”, afirma.

O parasita pode passar a vida inteira sem chamar a atenção, apenas fazendo a especialidade do psicopata: manipular os outros, aproveitar-se do próximo, desestabilizar famílias, passar a rasteira em alguém para se dar bem.

E onde está essa gente mal- mal-intencionada? Talvez no seu escritório, decidindo que ninguém vai ter participação nos lucros do ano - só ele. Ou entre os seus amigos, pedindo que banquem a conta da noitada (esqueceu a carteira...). Ou pior: talvez esteja na sua cama.

Caiu a ficha? Os psicopatas estão entre nós, e não é nada fácil identificá-los. “A dissimulação é um dos principais sintomas que compõem a psicopatia”, diz Geraldo José Ballone, professor de psiquiatria da PUC de Campinas. “A simpatia e o carisma encobrem o seu verdadeiro perfil. Em geral, quando percebemos a possibilidade de um conhecido ser psicopata, o dano já está feito”, diz Ballone.

Então, em quem confiar? Se você não quer ter um parasita manipulador azucrinando a sua vida, preste atenção às características de colegas, amantes e amigos psicopatas.

NA AMIZADE

É fácil confundir aquele amigo grudento e folgado com um psicopata. Os dois estão sempre telefonando em horas impróprias, não saem da sua casa, bebem a sua cerveja, pedem os seus livros emprestados e não devolvem. Mas o chato de galocha tem fácil solução: você o ignora, dá um chega para lá, e isso resolve. Mas, se for um psicopata de verdade, pode rezar.

No começo, é o amigo de fé. De tanto estudar a sua personalidade, projeta em si uma imagem que bate com tudo o que você espera de um irmão camarada. Assim, conquista a sua confiança e participa cada vez mais da sua vida. “Ele suga tudo que o relacionamento pode oferecer, de dinheiro e bens materiais à submissão quase escravista”, diz o psiquiatra Geraldo José Ballone. Grudado no companheiro saudável, consegue tudo do amigo para si: status, dinheiro na conta, casa na praia, geladeira cheia, carro novo...

E os empréstimos sempre são acompanhados de uma história comovente.

A marcação cerrada do “melhor amigo” custa à vítima a vida própria: lá se vão o namoro e outras amizades. Quando se dá conta, já é tarde demais.

Na hora de dar um basta no camarada sacana, o amigo ainda fica com pena. “Isso ocorre porque, quase sempre, a vítima é a última a acreditar na índole sociopática do amigo”, afirma Ballone. Mas a recíproca não é verdadeira: quando já arruinou suas relações, o psicopata vem com a história de que precisa comprar cigarros... e some. Ele pode não arrancar pedaços do seu fígado para comer no café-da-manhã, mas vai tirar um bocado do que você tem de autoestima, dignidade e confiança no próximo.

NO AMOR

Num relacionamento amoroso o psicopata também extrai tudo de aproveitável da outra pessoa, até só sobrar o bagaço. Se a namorada for famosa, é para ganhar status. Se a esposa for bonita-bacana-inteligente, é para exibir como troféu. Se tiver dinheiro, então...

Foi o caso da americana Donna Andersen, uma mulher que, perto dos 40 anos, conheceu pela internet a versão melhorada do Sean Connery. Pelo menos era como o viúvo James Montgomery se descrevia.

Militar das Forças Especiais da Austrália foi condecorado por atos de bravura no Vietnã. Já distante da troca de tiros com vietcongues, entrou para a indústria de entretenimento dos EUA. Após algum tempo de e-mails, casaram-se.

Apesar de se dizer tão bem de vida, Montgomery logo convenceu a mulher a patrocinar os seus negócios. Um deles: vender restos do Titanic num show itinerante. O “itinerante” significava que Montgomery tinha gastos estratosféricos com passagens aéreas, contas de celular e outras despesas.

Tudo bancado pela dedicada esposa, que tinha um negócio próprio e foi se endividando até chegar ao fundo do poço.

Somente quando o prejuízo beirou os US\$ 300 mil, a moça descobriu com quem se casara. Montgomery era maridão de mulheres em outras cidades - daí tantas viagens. E o harém todo pagava pelas aventuras extraconjugais.

Mas como um veterano do Vietnã seria capaz disso? Sua mente teria sido afetada pelos horrores do campo de batalha? Não. Apesar de dar palestras sobre a guerra em escolas, participar de desfiles de veteranos e passear com o cachorro de boina verde, Montgomery nunca tinha sido do Exército.

DO CÉU AO INFERNO

“Não há jeito de manter um relacionamento com um psicopata sem se ferir de algum modo”, afirma Sandra L. Brown, autora do livro *Women Who Love Psychopaths* (“Mulheres Que Amam Psicopatas”).

“Não existe uma cartilha do tipo “como ter uma relação feliz e sadia com um psicopata”. As pessoas normais são sempre afetadas pela patologia dos seus parceiros.” E por que insistir num romance que inevitavelmente vai deixar cicatrizes?

Porque o coração é cego e burro, e isso dá espaço para o psicopata pôr em prática sua estratégia de abordagem.

Funciona assim: enquanto conhece a vítima, ele se empenha em descobrir seu calcanhar-de-aquiles. Se a garota tem complexo de inferioridade, trata de apontar beleza onde o resto do mundo vê a Betty, a Feia. Se a garota procura um cara bem de vida para apresentar aos pais, ele diz que herdará 5 fazendas no Mato Grosso. Tudo mentira claro. Mesmo que nunca pague a conta nos restaurantes, ele disfarça com tanto charme que a cara-metade nem se importa.

Uma vez estabelecida a relação, o psicopata começa a mostrar as garras. Vive às custas do outro, mantém casos extraconjugais, só pensa na própria satisfação e impõe uma relação de posse. E, por mais que apronte, ele sempre transfere a sua culpa à vítima. Se abusar do dinheiro da namorada rica e mais velha, será porque sua infância foi difícil e miserável; se for pego pulando a cerca, será porque a mulher não lhe dá a atenção de vida.

Se você descobriu que se casou com um psicopata, prepare-se, pois não vai ser fácil romper com ele.

Quando não precisa mais do relacionamento, o psicopata novamente sai para comprar cigarros e nunca mais dá as caras. Mas, se a situação for inversa e sentir que perdeu um brinquedo que lhe pertencia, o cara vai dar trabalho. “O psicopata vai ignorar a vontade da vítima. Poderá segui-la, arquitetar uma vingança e chegar até a ameaçar a vida da pessoa”, diz Sandra Brown. “Quem deseja terminar uma relação com um psicopata precisa de ajuda para traçar um plano seguro de saída. “

NO TRABALHO

O ambiente das grandes empresas é um cenário convidativo para o psicopata montar seu teatro - principalmente a partir dos anos 90, numa competitiva era de aquisições, fusões e falências em que, para sobreviver, organizações se tornaram menos burocráticas e controladoras e muito mais agressivas.

Segundo Paul Babiak em seu livro *Snakes in Suits* (“Cobras de Terno”), a autoconfiança, a força e a frieza que caracterizam os psicopatas fez a cabeça de muitos caçadores de talentos que buscavam funcionários “proativos” e dispostos a assumir riscos. “Egocentrismo e insensibilidade tornaram-se repentinamente defeitos toleráveis na hora de buscar talentos necessários para sobreviver num mundo de negócios acelerado”, diz Babiak.

Mas, ao procurar pessoas com senso de liderança - isto é, que assumem metas, tomam decisões sem, medo e obtêm dos outros o necessário para tais metas -, tornou-se fácil confundi-las com um pacote de coerção, dominação e manipulação ocultado por uma bela embalagem.

E como um departamento de RH bem estruturado deixa passar um psicopata após tantas análises de currículos, entrevistas e dinâmicas?

Simple: o psicopata tem um talento enorme para enganar. Se ele colocar na cabeça que quer ser piloto de uma companhia aérea, vai dar um jeito de forjar um comprovante da Nasa dizendo que já foi até astronauta. Vai mentir no currículo, vai mentir nas entrevistas e vai fazer tudo isso com o sangue frio e o charme. Psicopatas são convincentes, encantadores e conseguem transformar um punhado de conhecimentos superficiais numa tese de doutorado.

E o que pode resultar da contratação de um psicopata? Dificilmente algo que preste. Para começo de conversa, ele não tem espírito de equipe. Muito pelo contrário: se for preciso puxar o tapete de um colega para promover-se, não vai pensar duas vezes. Outro lado da questão é que o psicopata não tem o menor interesse no futuro da empresa. Para ele importa o aqui-e-agora, a satisfação rápida e intransferível.

Além disso, psicopata não compartilha dos mesmos valores da companhia e de seus colegas. A diretoria quer gente que dê duro, todo dia, das 8 às 18 horas, e que vista a camisa da empresa? Pode esquecer.

Ele até consegue encarar essa rotina por um certo tempo, sempre com a intenção de passar uma imagem falsa. Mas os únicos valores que lhe dizem respeito são só os que estão na própria cabeça.

Como regras sociais não lhe dizem nada, ele frequentemente comete atos ilegais, o que joga a reputação da empresa no buraco. Desvio de grana, assédio moral e sexual são corriqueiros. Por isso, não dura muito na empresa. No entanto, sua passagem é um vendaval (veja o quadro à esquerda).

Se a trajetória do psicopata não prejudicar a empresa como um todo, no mínimo alguém vai sofrer com seu convívio. Nas mãos de um mestre da mentira e da manipulação, seu colega

precisa passar o expediente todo com os olhos nas costas - caso contrário, vai acabar fazendo o trabalho que o psicopata deixa de lado (sem levar os créditos por isso), além de ser envolvido numa teia de intrigas.

Esse é o seu caso? Então fique contente por ele não ser seu chefe. Em algum momento você já disse que seu chefe é um carrasco. Pode ser verdade, mas daí para ele ser um psicopata são outros quinhentos.

Ele vai sentir prazer físico em humilhá-lo na frente de colegas e de outros chefes; vai culpá-lo por qualquer porcaria que ele mesmo fez, e vai assumir o crédito por qualquer trabalho bacana que você produzir.

Sim, abusos de autoridade e falta de ética não são exclusividades de chefes psicopatas. A diferença é que, para o psicopata, esse é o padrão.

Como lidar com um amigo psicopata

Ligue o detector de mentiras

Psicopata mente mais que político em campanha. É um especialista no assunto, mas a constância das papagaiadas acaba entregando o sujeito. Se 90% do que seu amigo diz parece cascata da brava, mantenha os dois pés atrás.

Ouçã a voz da razão

Sua namorada não vai com a cara do seu amigo, diz que é folgado, que só se aproveita de você e não merece um pingão da sua dedicação? Ok, namorada diz isso de todos os nossos amigos. Mas, se a turma toda concordar, fique com a pulga atrás da orelha.

Esconda a grana

Só empreste dinheiro para seu amigo se tiver certeza de que não é um psicopata. Se for e concluir que você é um cofre ambulante, prepare-se para ver sua conta no fundo do poço. Ele sempre vai convencê-lo de que pagará tudo, com juro, no fim do mês. Só não vai dizer de qual mês.

Não seja cúmplice

“Uma mão lava a outra”, “te devo uma” e “só pediria uma coisa dessas a você” são clássicos do psicopata.

Mas nunca negocie com o Diabo. Se fizerem bobagem juntos e forem descobertos, adivinhe para quem vai apontar o dedo...

Feche a porta de casa

O pior que você pode fazer, numa amizade com um psicopata, é dividir a sua casa. Enquanto você mantiver a geladeira cheia e pagar o aluguel sozinho, ele não vai ter motivo para procurar outro teto. A não ser que arrume alguém mais trouxa.

Imponha regras

Ignorou a dica aí de cima? Enquanto não arruma uma boa desculpa para despejá-lo, mostre quem manda na casa. Sujou, limpou. E o que é seu é seu. Para casos extremos, coloque etiquetas nos seus xampus, iogurtes, cds preferidos.

Caia fora

Você só tem a perder na amizade com um psicopata. Além de se aproveitar de você, ele vive num mundo fora das regras sociais, o que torna qualquer relacionamento perigoso. Se sua casa ainda está inteira e você não perdeu a namorada ou os outros amigos, considere-se um sortudo e corte o mal pela raiz. Agora! Já!

O que fazer quando seu amor é um psicopata

Desconfie quando a esmola for muita.

Nos primeiros encontros, sua cara-metade é a gentileza em pessoa? Quer jogar golfe com o seu pai?

Adorou o filme iraniano de que só você gosta? Diz que tem dinheiro à beça, mas não pode falar sobre o trabalho porque é agente secreto? Ou você acertou na Megassena ou arrumou um psicopata.

Banque o Sherlock

Psicopata legítimo já vem de berço. E ninguém melhor que os parentes e os amigos (se ele tiver) para revelar seus podres. Chame a sogrona de canto e comece o questionário. Se não der

certo, tente o irmão caçula. Esse deve ter uns quinhentos motivos para dedurar as torturas do mais velho.

Não tenha pena

Psicopata que é psicopata adora se fazer de coitado. Se enche a sua cara de porrada, é porque você o mata de ciúme. Se rouba a sua grana, diz que mandou para a avó doente que mora no interior. Às vezes, até chora enquanto dispara as lorotas. Tadinho...

Não tente mudá-lo

Coloque uma coisa na cabeça: psicopatas não têm cura. Não adianta rezar, fazer simpatia, levar à mãe-de-santo. Muito menos achar que a força do amor vai regenerá-lo. Uma hora, a pessoa vai aprontar, e vai sobrar para você.

Não vacile

Se desconfia que o amorzão é um baita de um psicopata, não dê sopa para o azar. Conta conjunta, só por cima do seu cadáver. E suma com machados, serras elétricas e outras ferramentas que viram armas.

Resumindo: se ele ainda não pensou em fazer picadinho de você, não dê ideia.

Compre um cachorro

É batata. Dez entre dez psicopatas treinam suas maldades no vira-lata mais próximo. Fique atento ao modo como seu par trata o cãozinho. Se vibra de prazer ao amarrar rojão no rabo do cachorro, imagine o que ele pode fazer com você.

Caia fora

Descobriu o que todo mundo via, menos você? Então dê no pé enquanto é tempo. Só lembrando: psicopatas não reagem bem quando levam um fora. Troque o número do telefone e a fechadura da casa.

Também é boa hora para aquela viagem que você tanto adiava para a Oceania.

Como sobreviver a um chefe psicopata

Seja um Top Gun.

Qualquer desempenho abaixo da perfeição é o sonho do chefe psicopata. Ele é pago para avaliar o seu trabalho e vai explorar suas deficiências ao máximo. Qualquer pequeno deslize pode virar um tsunami.

Mas, se você for um ninja em tudo o que faz, ele vai escolher outro alvo.

Deixe por escrito

Tudo de que o psicopata precisa é um escritório em que ninguém consegue provar as suas sacanagens.

Será a sua palavra contra a dele. E ele é o chefe, o lado mais forte da corda. Então guarde os e-mails trocados, faça atas de reunião, registre tudo o que puder. Assim, as mentiras dele terão perna curta.

Conte até 100

Brigar com o chefe nunca é uma boa ideia. Com o psicopata, então, é suicídio; ele é mestre em trazer o seu pior lado à tona. Evite atritos e, quando for inevitável, não perca a cabeça. Ah, e não desconte no cachorro ou no irmão caçula quando voltar do trampo.

Ponha a boca no mundo

Procure o RH e faça as suas queixas. Em algumas empresas, você pode até manter anonimato, mas lembre-se de que isso enfraquece a sua história; tem que haver outras reclamações parecidas para o bicho pegar para ele.

Peça uma transferência

O psicopata do seu chefe resolveu pegar bem no seu pé? Busque alternativas para ficar longe dele. Pode haver uma vaga em outro departamento. E pode ser do outro lado da cidade.

Caia fora

Emprego não é casamento. Se nada funcionar, atualize o currículo e avise sua rede de contatos que está à caça de “novos desafios”. Melhor que passar o resto da vida deprimido no domingo à noite, antecipando os sofrimentos da semana.

Os passos do parasita engravatado

Segundo Babiak, o aminho do psicopata no mundo corporativo tem 5 fases

1. CONTRATAÇÃO

Sua capacidade de contar lorotas e seduzir está a todo vapor. A incapacidade de se emocionar também vai contar pontos na comparação com outros candidatos, prejudicados pelo nervosismo natural das entrevistas de emprego.

2. ACLIMATAÇÃO

Agora o psicopata tenta descobrir quais são as pessoas mais importantes da empresa. Seu objetivo é ficar íntimo delas para influenciá-las em decisões que o beneficiem.

3. MANIPULAÇÃO

Começa o seu joguinho. Faz fofocas sobre potenciais concorrentes a uma promoção, joga informações falsas na “rádio peão”. Quanto maior o caos, mais ele se sente em casa.

4. CONFRONTAÇÃO

O psicopata começa a tirar a máscara, pois precisa livrar-se dos que usou para avançar na empresa. O colega que foi confidente e cúmplice passa a ser humilhado e ameaçado.

5. PROMOÇÃO

Depois de muito mexer as peças de um xadrez perverso, o psicopata avança na empresa, conquistando um posto de maior poder e deixando um rastro de destruição atrás de si. Pronto, o estrago está feito.

ANEXO 3

Superinteressante, fevereiro de 2008.

O código dos pedófilos

FBI desmonta a comunicação secreta dos molestadores de crianças

por **Texto Marcos Nogueira**

Toda subcultura tem seus códigos de identificação: os católicos carregam a cruz (literalmente) em correntes no pescoço, os gays penduram bandeiras de arco-íris na fachada de suas casas e assim por diante. Pois não é que a regra vale também para os pedófilos? Eles criaram símbolos que distinguem quem gosta de meninos, de meninas ou de ambos. Esses ícones são tatuados, usados em joias e até em moedas, como mostrou um relatório feito pelo *FBI*, que decifrou a linguagem secreta dos molestadores de crianças.

AMANTES DE MENINOS

O triângulo em forma de espiral é usado por homens que gostam de abusar de meninos. O triângulo maior simboliza o homem adulto, que envolve o triângulo menor – a criança.

AMANTES DE MENINOS PEQUENOS

Quase igual ao anterior, a não ser por um detalhe sutil: as linhas dos triângulos são bem mais tênues, para explicitar que o pedófilo em questão tem preferência por garotos realmente muito jovens.

AMANTES DE MENINAS

Obedece à mesma lógica que o símbolo dos amantes de meninos – o adulto envolvendo a criança –, mas com corações no lugar dos triângulos. É usado por pedófilos de ambos os sexos.

AMANTES DE CRIANÇAS

Há duas figuras para pedófilos que abusam de crianças de ambos os sexos: uma mistura o símbolo dos molestadores de meninos com o dos amantes de meninas; a outra representa uma borboleta.

ANEXO 4

Superinteressante, setembro 2011.

11 de setembro 10 anos depois

O ataque terrorista contra os EUA chocou o mundo e deu origem às guerras do Afeganistão e do Iraque. Mas também ajudou muita gente a comprar casa própria, mudou a programação dos cinemas e fez a alegria de banqueiros, nudistas e até de fabricantes de talheres. Veja quais são os efeitos menos conhecidos - e mais surpreendentes - dos atentados de 11 de Setembro.

por Tiago Cordeiro e Bruno Garattoni

Entre as 8h46 e as 10h28 do dia 11 de setembro de 2001, dois aviões atingiram o *World Trade Center*, em Nova York. Um terceiro foi jogado contra o Pentágono, nos arredores de *Washington*, e o último caiu em um campo na Pensilvânia. Morreram 2 993 pessoas e mais de 6 200 ficaram feridas. O maior ataque terrorista da história resultou na invasão do Afeganistão, na segunda Guerra do Iraque e no que alguns especialistas consideram o início de uma nova era para a humanidade, marcada pelo confronto entre o Ocidente cristão e o Islã. Tudo isso já está nos livros de história. Mas o que não está - e que só agora, com os atentados completando 10 anos, começa a ficar claro - são as consequências do 11 de setembro para o dia a dia da maioria das pessoas, de quem só viu tudo de longe, pela TV. Sim, a queda das Torres Gêmeas provavelmente mudou sua vida para sempre. Veja como.

Os ataques de 11 de setembro provocaram um baque econômico gigantesco. A Bolsa de Nova York fechou, o que não acontecia desde a Segunda Guerra Mundial, e só nos 3 dias seguintes aos atentados o governo dos EUA injetou US\$ 300 bilhões no mercado financeiro para tentar evitar uma crise. Nos meses seguintes, Nova York ganhou US\$ 20 bilhões para obras de reconstrução, e os militares viram seu orçamento anual crescer 25% e chegar a avassaladores US\$ 500 bilhões (5 vezes o que o governo federal brasileiro gasta com saúde e educação). Mas a economia continuava paralisada - com medo de novos ataques, ninguém queria investir em nada.

Quando isso acontece, só existe uma maneira de forçá-la a andar: dar dinheiro para que as pessoas consumam. E a Casa Branca decidiu ajudá-las a comprar o bem mais valioso de

qualquer família, a casa própria. “Havia uma demanda muito grande por imóveis nos EUA. Era um mercado estrangulado”, explica o economista britânico Richard Youngs, da Universidade de Warwick. Então o governo abaixou os juros, e os bancos começaram a emprestar cada vez mais dinheiro para financiamentos imobiliários.

Funcionou: contrariando as piores previsões, os EUA nem chegaram a entrar em recessão.

Só que mesmo quem já tinha casa ou não tinha dinheiro recebia crédito, até que o pior acabou acontecendo. As pessoas pararam de pagar. E, como os bancos tinham o hábito de revender os financiamentos uns para os outros (prática que tinham inventado para ganhar mais), isso gerou uma reação em cadeia que fez vários deles quebrarem e provocou a crise financeira global que abalou o mundo inteiro em 2008 e 2009. Aí, o governo deu dinheiro para salvar os bancos - e sua dívida explodiu, o que quase fez os EUA darem calote em agosto.

Ou seja: sem saber, Osama acabou ajudando milhões de americanos, provocou uma crise econômica mundial e quase levou os EUA à bancarrota. “A crise imobiliária só surgiu porque havia crédito em excesso e um espírito de reconstrução dos EUA. Fazia todo sentido responder à barbárie terrorista com uma era de crescimento”, diz o economista Simão Davi Silber, da Universidade de São Paulo (USP).

Determinados a combater o terrorismo a qualquer preço, os EUA tomaram medidas radicais. O governo passou a grampear secretamente e-mails e telefonemas da população. Criou cadeias à margem da lei (como a de Guantánamo, que não obedece às regras jurídicas do país) e usou tortura contra suspeitos de terrorismo - que podem ser presos por tempo indeterminado, mesmo sem provas ou sequer uma acusação concreta. Por tudo isso, há quem diga que os EUA se tornaram um Estado policial. Mas, enquanto isso, sua polícia ia para o brejo.

No primeiro semestre de 2002, 500 agentes do *FBI* foram transferidos do combate ao crime para as ações antiterrorismo e foi criado o Homeland Security, um gabinete de segurança nacional com US\$ 38 bilhões de orçamento. Enquanto isso, os crimes nas ruas dos EUA simplesmente dispararam: pularam de 800 mil casos em 2000 para 1,28 milhão em 2003 e 1,43 milhão em 2006. “Nós abandonamos os programas de combate ao crime”, diz o ex-policial e consultor de segurança americano William Bratton. “Muitas delegacias sofreram cortes bruscos no orçamento, e o número de policiais nas ruas caiu”, diz. O nível de roubos e furtos nos EUA só parou de crescer em 2007 e continua muito acima dos índices de 2000.

Enquanto perseguiram duramente seus inimigos no exterior, os americanos foram surpreendidos pelo crime doméstico - simplesmente porque descuidaram dele. Até a cidade de Nova York, onde todos os tipos de crime caíram durante a última década, parece sofrer um reflexo dessa onda de violência urbana: em 2010, o número de homicídios na cidade cresceu 16%.

Garfos, facas e nudez

A queda das Torres Gêmeas deixou uma montanha inacreditável de entulho, com centenas de milhares de toneladas. Mas, dentro dela, havia um material valioso: aço, que formava boa parte da estrutura das torres. Aproximadamente 185 milhões de quilos desse metal foram extraídos das ruínas. A maior parte acabou no lixo, mas 60 milhões de quilos tiveram um destino incrível. Foram vendidos para siderurgias da China e da Índia, que compraram o metal para reciclar e utilizar em vários produtos, entre eles talheres e utensílios de cozinha. Talvez você tenha um pedaço do *World Trade Center* em casa e nem saiba.

Mas os americanos também tinham consciência da importância histórica e espiritual dos destroços. Vários pedaços foram guardados como registro histórico, e aproximadamente 170 quilos do entulho foram recolhidos pelo exército dos EUA, que o distribuiu entre os soldados enviados para a Guerra do Afeganistão. O objetivo era lembrá-los do motivo pelo qual estavam lutando.

Quem não foi à guerra sentiu o clima bélico nos aeroportos, onde muita coisa mudou. Para impedir que alguém voltasse a sequestrar ou explodir aviões, os EUA criaram a *Transportation Security Authority* (TSA), uma agência com 55 mil funcionários (5 vezes o número de todos os funcionários da Infraero, que administra os aeroportos brasileiros) só para cuidar da segurança aérea nos EUA. Deu certo. Desde 2001, os americanos não sofreram mais nenhum grande atentado. Só que, além de barrar os terroristas, isso também teve um lado ruim: transformou o ato de viajar num inferno. Leva-se em média 3 horas para fazer o *check-in* e passar por todas as verificações de segurança exigidas pela TSA, que podem incluir até nudez (mais sobre isso daqui a pouco). Tudo em meio a placas com um aviso intimidante: “Fazer piadas durante a revista pode resultar em penalidades civis e criminais”. Em 2004, dois

brasileiros ficaram um mês presos e tiveram de pagar US\$ 15 mil por brincar com um agente do Aeroporto de Miami: “Já encontrou a bomba na nossa mala?”

Já houve prisão até entre os próprios empregados da TSA. Rolando Negrin, de 44 anos, é um típico funcionário da agência. Trabalha muito, ganha pouco e é despreparado - conclusões do próprio governo americano. Durante um treinamento, Negrin teve de passar por um novo tipo de escâner: o *backscatter* (escâner corporal), um raio X de alta tecnologia que gera imagens da pessoa nua. Fora o rosto, dá para ver absolutamente tudo - é como ficar pelado na frente dos seguranças. Um deles riu do pênis de Negrin, que partiu para a agressão.

O escâner nudista, que já está presente em 78 aeroportos dos EUA, é considerado por alguns a maior invasão de privacidade de todos os tempos: nunca, nem durante a Segunda Guerra Mundial, um governo exigiu a nudez pública de milhões de pessoas. Mas os passageiros podem se recusar a passar pela máquina. Nesse caso, a pessoa é encaminhada para um apalpamento. É uma resposta ao caso de Umar Abdulmutallab, que em 2009 tentou explodir um avião da Northwest Airlines com explosivos na cueca. O problema é que a revista é bastante, digamos, intensa - o agente aperta e toca demoradamente as partes íntimas da pessoa. Isso gerou múltiplas acusações de abuso sexual e até de pedofilia contra os agentes da TSA, que já protagonizaram absurdos como apalpar uma criança de 3 anos e exigir que uma velhinha de 95 anos tirasse a fralda geriátrica.

A paranoia é tão intensa que às vezes chega a ser engraçada. Como no caso de Tammy Banovac. Loira, 52 anos de idade e ex-coelhinha da *Playboy*, ela foi até o Aeroporto de *Oklahoma* com uma passagem de avião para *Phoenix*. Vestindo uma capa de chuva, se recusou a passar pelo escâner e logo tirou a capa, mostrando que usava apenas calcinha e sutiã. Foi interrogada e perdeu o voo. O escâner corporal também foi aplaudido pela Associação Americana de Nudismo, que viu nele um apoio à sua causa.

Inimigos patetas

“Petróleo é dinheiro. E gera uma onda de corrupção que vai de Houston até o Oriente Médio, engolfando empresários, príncipes, espões, operários e terroristas”. Parece a sinopse de um filme que ganharia o Oscar? *Syriana* (2005) tem um roteiro denso e complexo, que junta fundamentalismo, multinacionais e ações clandestinas da CIA. É cabeça - mas ganhou, sim,

um Oscar (dado a George Clooney, que faz o papel de agente do governo). “É o tipo de obra que, antes de 2001, não seria nem indicada”, diz Richard Jackson, professor da Universidade de *Aberystwyth* e autor de um estudo sobre terrorismo no cinema. Depois do 11 de setembro, o número de filmes que tratavam do assunto disparou. E a abordagem mudou.

Fora dos EUA, os terroristas são tratados como ameaça. Um bom exemplo é *Guerra ao Terror*, de 2008, que se passa no Iraque. Mas, quando o filme se passa em solo americano, tudo muda - e eles viram um bando de incompetentes cujos ataques nunca dão certo.

“Os americanos não veem nenhum problema em mostrar a Casa Branca destruída por ETs. É porque não acreditam que isso possa acontecer. Por outro lado, nunca mais houve algo como *Nova York Sitiada* [filme de 1998 em que a cidade sofre atentados], pois esse medo existe de verdade”, explica o crítico inglês Alec Charles, professor da Universidade de Belfordshire. Até o polêmico diretor Oliver Stone, que no passado ousou retratar a morte de John Kennedy como uma conspiração, foi cauteloso com o 11 de setembro. Em *As Torres Gêmeas*, de 2005, só conta a história de dois sobreviventes (não mostra nem o choque dos aviões). Ou seja: ao mesmo tempo que abraçou o terrorismo como assunto, Hollywood descaracterizou os terroristas.

Uma das cenas divulgadas pelos EUA após a morte de Osama bin Laden mostra o terrorista observando a si próprio numa pequena TV. Mas ele jamais poderia prever qual seria sua real influência nas telas.

Duas pilhas e um segredo

Dívida do governo americano

ANO 2000: US\$ 4 trilhões

2011: US\$ 14,5 trilhões

Fonte Departamento do Tesouro Americano

A Al Qaeda mora ao lado

Número de crimes cometidos nas cidades dos EUA, em milhões

2000 - 0,89

2009 - 1,32

Fonte FBI Uniform Crime Report

Oscar Bin Laden

Número de filmes de *hollywood* com temática terrorista

Década de 1970: 39 filmes

Anos 2000: 79 filmes

Fontes Richard Jackson, professor de política internacional da Universidade de *Aberystwyth*, e Martin Barker, professor de estudos de teatro, filmes e cinema da Universidade de *Aberystwyth*

ANEXO 5

Superinteressante, julho 2010.

Nação Rivotril

O Brasil é o maior consumidor de Rivotril do mundo. Saiba como um calmante tarja preta tem sido usado para aplacar os sentimentos ruins de jovens, trabalhadores e donas de casa

por **Bruno Versolato**

Todo mundo tem um refúgio a que costuma recorrer para aliviar o peso dos problemas. Pode ser um lugar tranquilo, talvez a praia. O pensamento em uma pessoa querida. Uma extravagância, como compras ou aquele prato proibido pelo médico.

Ou pode ser o armarinho de remédios de casa.

Na farmácia não se encontra produto descrito como “paz em drágeas” ou “xarope de paz”. Mas muita gente acha que é isso o que deveria dizer o rótulo do Rivotril, um ansiolítico (ou, popularmente, um calmante). Rivotril é prescrito por psiquiatras a pacientes em crise de ansiedade - nos casos em que o sofrimento tenha causa bem definida. Mas tem sido usado pelos brasileiros como elixir contra as pressões banais do dia a dia: insônia, prazos, conflitos em relacionamentos. Um arqui-inimigo dos dilemas do mundo moderno.

Tanto que o Brasil é o maior consumidor do mundo em volume de clonazepam, o princípio ativo do remédio. Serão 2,1 toneladas em 2010, o que coloca o Rivotril no topo das paradas farmacêuticas daqui. É o 2º Remédio mais vendido no país, à frente de nomes como Hipoglós e Buscopan Composto - em 2004, era o 4º da lista. Só perde agora para o Microvlar, anticoncepcional com consumo atrelado à distribuição pelo governo via Sistema Único de Saúde (SUS).

E olhe que o Rivotril é um remédio tarja preta. Só pode ser comprado na farmácia com a receita do médico em mãos. “A maior parte das vendas desse medicamento acontece via prescrição. Mas muitos conseguem o remédio com receita em nome de outros pacientes ou até pela internet” afirma Elisardo Carlini, diretor do Centro Brasileiro de Informações sobre

Drogas Psicotrópicas, da Unifesp. Em alguns casos, até há a prescrição - mas de um médico não especialista, segundo Alexandre Saadeh, professor do Instituto de Psiquiatria da USP. “Ginecologistas costumam prescrever Rivotril para pacientes que sofrem fortes crises de TPM”, diz. Até porque poucos brasileiros vão ao psiquiatra, de acordo com a Roche, laboratório responsável pelo Rivotril. “Grande parte dos brasileiros tem dificuldade de acesso a psiquiatras, e isso está relacionado à prescrição do Rivotril por médicos não especialistas”, afirma Maurício Lima, diretor-médico da Roche.

Foi assim, por via não ortodoxa, que a popularidade do Rivotril cresceu. Não é difícil ouvir donas de casa recomendando o remédio a uma amiga que tem tido problemas para dormir. “Quem nunca ouviu que uma tia ou uma vizinha toma Rivotril há 20 anos e só dorme com isso?”, pergunta o professor de psiquiatria do curso de medicina da PUC de São Paulo, Carlos Hubner. Ou achar relatos do tipo “Rivotril é meu melhor amigo” no Orkut e no Facebook. Nessas histórias, o Rivotril aparece sempre como um freio para sentimentos como medo, rejeição, angústia, tristeza e ansiedade. “Houve Big Brother em que eu estava com muita ansiedade e usava Rivotril para entrar no ar”, disse Pedro Bial em entrevista à revista *Playboy*. O remédio tem sido usado até para cortar o efeito de outras drogas, segundo o psiquiatra André Gustavo Silva Costa, especialista em tratamento de dependentes químicos. “Jovens têm tomado o Rivotril para cortar o efeito de drogas como cocaína. Eles querem dormir bem para conseguir trabalhar no dia seguinte”, diz.

O que é que o Rivotril tem?

Mas que mágica é essa? Quando somos pressionados, algumas áreas do cérebro passam a trabalhar mais. Vem a ansiedade. O Rivotril age estimulando justamente os mecanismos que equilibram esse estado de tensão - inibindo o que estava funcionando demais. A pessoa passa a responder menos aos estímulos externos. Fica tranquila. Ainda que o bicho esteja pegando no trabalho, o casamento indo de mal a pior e as contas se acumulando na porta. É essa sensação de paz que atrai tanta gente. Afinal, a ansiedade traz muito incômodo: suor, calafrios, insônia, taquicardia... “Muitas vezes o sofrimento se torna insuportável. O remédio é valioso quando o paciente piora”, diz Silva Costa. Para a carioca Bruna Paixão, de 32 anos, funcionou. “Um dia tomei uma bronca do meu chefe e fiquei péssima. Só pensava nisso. Aí resolvi tomar Rivotril para dormir. Tinha uma caixa em casa, dada por um amigo médico. Assisti um pouco de TV, conversei com um amigo no telefone e fui ficando bem”, diz.

Justamente por trazer essa calma toda, o Rivotril não é recomendado a qualquer um. Seu consumo por profissionais que têm de se manter ágeis e em estado de alerta - como pilotos de avião e operadores de máquinas, por exemplo - é desaconselhado por médicos. “O Rivotril dá a falsa impressão de que a pessoa produz mais, mas a verdade é que o remédio só deixa mais calmo”, diz José Carlos Galduroz, psiquiatra da Unifesp.

Não é só com o Rivotril que isso acontece. Os calmantes da família dele - os chamados benzodiazepínicos - têm o mesmo papel. São remédios como Lexotan, Diazepam e Lorax. Em parte, o Rivotril ficou famoso ao pegar carona na onda dos “benzo”. Eles surgiram na década de 1950, e logo viraram os substitutos para os barbitúricos, como o Gardenal. Os barbitúricos têm indicação semelhante à dos benzo. Mas são mais perigosos: a linha entre a dosagem indicada para o tratamento e aquela considerada tóxica é muito tênue. A mais famosa vítima dos excessos de barbitúricos foi Marilyn Monroe (embora haja dúvidas sobre o envenenamento acidental da atriz). Quando surgiram os benzodiazepínicos, o mundo achou um combate mais seguro à ansiedade. “Uma overdose de remédios como o Rivotril é praticamente impossível”, diz Saadeh, da USP.

É verdade, o Rivotril tem berço, vem de uma família benquista pelos médicos. Isso já garante uma popularidade. Mas ele tem uma vantagem extra em relação aos parentes. Seu tempo de ação é de, em média, 18 horas no organismo, entre o início do relaxamento, o pico do efeito e a saída do corpo. É o que os médicos chamam de meia-vida. “A meia-vida do Rivotril é uma das mais confortáveis para o paciente, porque fica no meio-termo em relação aos outros remédios para a ansiedade e facilita a adaptação”, diz Saadeh. Na prática, esse meio-termo significa que o efeito do Rivotril não termina nem cedo demais - o que poderia fazer o paciente acordar de uma noite de sono já ansioso - nem tarde demais - o que não prolonga a sedação por um período maior que o desejado.

No, Brasil o Rivotril tem ainda outra vantagem importante. Repare: somos os maiores consumidores mundiais do remédio, mas estamos apenas na 51ª colocação na lista global de consumo de benzodiazepínicos. Ou seja: o mundo consome muitos benzo, nós consumimos muito Rivotril. Por quê?

Por causa do preço. Uma caixa de Rivotril com 30 comprimidos (considerando a versão de 0,5 miligrama) custa em torno de R\$ 8. O principal concorrente, o Frontal, da *Pfizer*, custa cerca de R\$ 29.

Tudo isso faz o pessoal se esquecer da tarja preta do remédio. Mas ela está lá por um motivo, é claro.

E esse motivo é o risco de dependência.

O risco é o mesmo visto em outros benzodiazepínicos. São dois, aliás. O de dependência química e o de dependência psicológica. Na química, o processo é parecido com o gerado por drogas como álcool e cocaína. O uso prolongado torna o cérebro dependente daquela substância para funcionar corretamente. A outra dependência é a psicológica. A pessoa até para de tomar o remédio, mas mantém uma caixa sempre no bolso como precaução. “Cerca de 80% das pessoas que usam benzodiazepínicos ficam dependentes em 2 ou 3 meses de uso”, diz Anthony Wong, diretor do Centro e Assistência Toxicológica do Hospital das Clínicas, de São Paulo. “E a maioria tem síndrome de abstinência se o remédio for tirado de uma hora para outra. “

Em casos mais graves, a abstinência pode levar o paciente a uma internação. A pessoa pode ver, ouvir e sentir coisas que não existem, apresentar delírios (como ser perseguida por extraterrestres), agitação, depressão, apatia, entre outros sintomas. E para cortar a dependência? “O paciente precisa querer parar. Há drogas que tratam os sintomas da abstinência em no máximo 4 semanas”, afirma Carlo Hubner, a PUC. Livrar-se do Rivotril é duro porque é preciso enfrentar todos os fantasmas de que o paciente queria se livrar quando buscou o remédio. Afinal, o Rivotril só esconde os problemas. Eles continuarão lá, à espera de solução. O verdadeiro adeus é o momento em que se aprende a lidar com a ansiedade. Sozinho. Ou talvez com uma passadinha rápida na praia. Pensando no namorado. Ou com a ajuda daquela lasanha (bem gorda).

ANEXO 6

Superinteressante, outubro de 2009.

A nova vacina

A ciência já sabe como vencer a gripe suína: vacinar bilhões de pessoas. É a maior operação da história da saúde pública. Mas por trás disso tudo há um passado polêmico

por Gisela Blanco

Nos próximos meses, o mundo vai viver a maior ação de saúde pública da história. Para enfrentar uma epidemia que classificou como "incontrolável", a Organização Mundial da Saúde mobilizou todos os laboratórios farmacêuticos na tentativa de produzir uma vacina contra a gripe suína. Eles estão fazendo sua parte - já fabricaram mais de 1 bilhão de doses da vacina, que é produzida injetando-se o vírus em ovos de galinha. O próximo passo é mobilizar todos os países, o que também já está acontecendo: as nações do hemisfério norte estão correndo para vacinar sua população antes que o inverno comece por lá. No Brasil e demais países do sul, a vacina será distribuída no primeiro semestre de 2010. A OMS diz que o mundo tem capacidade para produzir 4,8 bilhões de doses da vacina até o final do ano que vem. Se o H1N1 não desaparecer, cedo ou tarde vai chegar a sua vez de tomar a injeção. Quando você estiver com a seringa espetada no ombro, vai estar participando dessa história toda - e sua saúde estará a salvo. O que você não sabe é que, ao tomar a vacina, você também estará se envolvendo numa das histórias mais polêmicas e misteriosas da medicina moderna.

Fevereiro de 1976. É inverno nos EUA, faz muito frio e David Lewis, um soldado de 19 anos, pega uma gripe forte. Dois dias depois, está morto. E os sintomas começam a se alastrar - na base militar em que Lewis trabalhava, em Nova Jersey, 200 militares são infectados. O Exército isola a base e chama o poderosíssimo Centro de Controle de Doenças, órgão do governo americano que combate epidemias (e geralmente é retratado em filmes sobre apocalipse). Os cientistas coletam amostras do vírus e concluem: trata-se do H1N1, o mesmo que havia arrasado o mundo em 1918 - e é o responsável pela atual pandemia de gripe suína. Assustados com a possibilidade de uma nova catástrofe, os EUA decidem fazer uma vacinação de emergência. "Em apenas 10 semanas, pelo menos 40 milhões de pessoas foram imunizadas - quase 25% da população do país na época", conta o cientista político Richard

Neustadt no livro *The Epidemic That Never Was* (sem versão em português). Até que uma coisa estranha começou a acontecer.

Algumas pessoas que haviam tomado a vacina desenvolveram a síndrome de *Guillain-Barré* (SGB), que causa danos neurológicos e graus variados de paralisia. A SGB é uma doença extremamente rara, que afeta 1 em cada 100 mil pessoas por ano - 37 vezes menos que a aids, por exemplo. Mas, nas semanas que se seguiram à vacinação nos EUA, os casos aumentaram 680%. Como o da americana Judy Roberts, que desenvolveu *Guillain-Barré* alguns dias após tomar a vacina - e ficou tetraplégica. Ela acabou recuperando parcialmente os movimentos, e apareceu no 60 Minutes (programa jornalístico mais assistido dos EUA) contando sua história. Outros não tiveram a mesma sorte: 30 americanos que tomaram a vacina morreram de SGB poucas semanas depois.

Guillain-Barré é uma doença autoimune, ou seja, em que o sistema imunológico agride o próprio organismo. Ele produz um excesso de anticorpos, que acaba danificando a bainha de mielina (um revestimento que protege os neurônios). Daí a suposta relação da síndrome com as vacinas. Afinal, elas estimulam o sistema imunológico - que poderia ficar, por causa disso, hiperativo e descontrolado. Parece haver alguma relação entre vacinas (em geral) e a síndrome de *Guillain-Barré*, tanto é que o Ministério da Saúde desaconselha a vacinação para quem já teve a síndrome. Mas não há evidências conclusivas.

"Não há nenhum estudo definitivo provando que os casos da síndrome tenham sido provocados pela vacina", afirma o médico Howard Markel, que é epidemiologista da Universidade de Michigan e consultor do Centro de Controle de Doenças. Apesar do forte aumento nos casos da síndrome nos EUA, ninguém conseguiu provar que eles foram efetivamente causado pela vacina - e não por outro motivo qualquer, como uma infecção por bactérias. Mas o estrago estava feito. Os casos de *Guillain-Barré* detonaram uma onda de pânico em 1976 e milhares de pessoas decidiram processar o governo americano, que interrompeu bruscamente a vacinação e acabou pagando mais de US\$ 4 bilhões em indenizações. A epidemia de gripe suína nunca se confirmou - a única morte registrada foi mesmo a daquele soldado -, e a vacina foi esquecida. Até agora.

Galinha orgânica e sangue importado

Julho de 2009. A Organização Mundial da Saúde admite que o H1N1 está além do controle, e governos e laboratórios do mundo inteiro se agilizam para produzir uma vacina. Não é fácil. O processo em si é até simples (veja ao lado), mas tem uma série de detalhes desafiadores.

Primeiro problema: os ovos utilizados não vêm de galinhas comuns, como as que você come. Têm que ser aves orgânicas, ou seja, que não recebem nenhum tipo de antibiótico (e por isso, são menores e mais difíceis de criar). No Brasil, o Instituto Butantan espera contar com 400 mil galinhas orgânicas, que serão mantidas em granjas especializadas. Segundo problema: para complicar as coisas, os ovos precisam ser fertilizados antes da inoculação do vírus (porque precisa existir um embrião dentro do ovo para que o vírus se multiplique). Isso significa mais 40 mil galos, que são encarregados de fazer sexo com as galinhas, na granja, para fertilizar os ovos. Terceiro problema: o rendimento é baixo. Por algum motivo, cada ovo inoculado com o vírus rende apenas uma dose da vacina anti- H1N1 (bem menos que a vacina contra gripe comum, que rende até 3 doses por ovo).

Apesar de tudo isso, os cientistas acabam obtendo sucesso. O Butantan criou uma linha de montagem capaz de fabricar, se for considerado necessário, 44 milhões de doses até o inverno de 2010 (os primeiros a recebê-las serão grávidas e profissionais de saúde). Mas você deve estar se perguntando: quais são as diferenças entre a nova vacina e a de 1976? Para começo de conversa, o vírus não é exatamente igual ao daquela época - sofreu mutações. Só isso já torna a vacina diferente. Além disso, desta vez ela será produzida com outro tipo de tecnologia. Antigamente, as vacinas eram produzidas com vírus atenuados, porém vivos, que apresentam maior risco de reações adversas. "A vacina atual é feita com vírus morto, ou apenas proteínas dele, que não têm como causar infecção", explica o epidemiologista Expedito Luna, da USP.

Mas um certo receio persiste. Tanto é que em agosto o governo inglês enviou, em caráter sigiloso, uma carta aos 600 principais neurologistas do país - pedindo alerta para um possível aumento nos casos da síndrome de *Guillain-Barré*. Em julho, o governo dos EUA assinou um decreto que confere imunidade judicial aos laboratórios produtores da vacina. Além disso, para que ela pudesse ser produzida a tempo, foi preciso fazer concessões. Tanto a União Europeia quanto os EUA autorizaram o chamado *fast track* - um processo de aprovação acelerado, que pula algumas etapas de teste da vacina. "O *fast track* é comum para driblar a burocracia nesses casos em que não se pode esperar o tempo habitual, que é de 6 meses a um

ano, para aprovar uma vacina nova", afirma Expedito. No Brasil, o regime de testes ainda não foi definido. "É claro que tudo isso envolve riscos. São riscos que precisamos correr em um caso de emergência", diz Expedito. É verdade. E o risco de complicações em decorrência da vacina é muito baixo. Mas talvez fosse possível reduzi-lo ainda mais - e sem deixar de imunizar a população contra a gripe suína.

O funcionário público Pedro Grossi, de São José dos Campos (SP), sempre foi ativo e saudável. Aos 53 anos, jogava futebol duas vezes por semana e nadava aos domingos. Em agosto de 2001, resolveu tomar uma vacina contra gripe comum. Três meses depois, começou a sentir um cansaço estranho. "Tive um formigamento na perna esquerda durante uma semana, e fui me sentindo cada vez mais fraco. Até que um dia acordei e simplesmente não consegui me levantar da cama", conta. Dias depois, Pedro chegou ao hospital já com insuficiência respiratória. Quando ele já estava sem nenhum movimento no corpo, neurologistas de Campinas deram o diagnóstico: *Guillain-Barré*.

Pedro foi tratado com injeções de imunoglobulina, um anticorpo que combate a síndrome. Ele não anda perfeitamente, mas sobreviveu. Se o diagnóstico de SGB e o tratamento com imunoglobulina forem rápidos, a maioria dos pacientes se recupera em no máximo um ano. Apenas 5% permanecem incapacitados para o resto da vida (e 2 a 5% morrem). Ou seja: não apenas o risco de problemas é pequena, a pessoa pode ser curada se isso acontecer. O problema é que a imunoglobulina é importada, e o Brasil tem pouca: só 50 quilos. A quantidade recomendada para o país, segundo a OMS, seria de 2,7 toneladas (para todos os usos e não só no tratamento da síndrome de *Guillain-Barré*). O Ministério da Saúde já prometeu construir uma fábrica nacional de imunoglobulina, a Hemobras, mas ela só ficará pronta em 2011.

Dito tudo isso, qual a resposta? Tomar ou não a vacina? "É importante se vacinar, sim. Eu vou me vacinar, e minhas filhas também. Os riscos da gripe suína são muito maiores que possíveis efeitos colaterais da vacina", afirma a neurologista Patricia Lins. Faz sentido. "Mas é preciso ter imunoglobulina em estoque nos hospitais públicos", afirma ela. Faz sentido também. O maior perigo, afinal, não é a gripe suína, a vacina contra ela ou síndromes neurológicas raras. É uma coisa muito mais antiga, e mais banal também: a falta de investimentos em saúde no país.

Como o vírus é cultivado...

Processo inclui gente, ovos e paciência.

1. Coleta

Médicos vão até pessoas infectadas e coletam amostras de sangue e catarro, que vão para o laboratório - onde o vírus é isolado.

2. Inoculação

Amostras são injetadas em ovos, que são colocados em incubadoras. O vírus se multiplica dentro dos ovos por um prazo de 2 a 5 dias.

3. Colheita

Uma máquina abre os ovos e extrai seu conteúdo, que é filtrado para isolar os vírus. Cada ovo dá para fazer 1 a 3 doses de vacina.

...E como ele vira vacina

Como o vírus se transforma em medicamento

1. Inativação

Os vírus são mortos pelo contato com uma solução de formol. A vacina é elaborada com fragmentos deles - que, quando injetados no paciente, ativam seu sistema imunológico.

2. Atenuação

Neste método, o vírus é resfriado ou diluído (através de sucessivas inoculações de ovos) até que perca parte de sua força. A vacina contém vírus vivo.

3. Vacina de DNA

Técnica ainda em fase experimental. A vacina não contém vírus morto nem enfraquecido - só os genes dele. Isso supostamente torna a imunização mais eficaz e segura.

ANEXO 7

Superinteressante, maio 2012

Conheça a história de crianças que já nascem más

Sim, maldade pura existe. Ela é muito pior do que você imagina. E pode começar já na infância

por Eduardo Szklarz

"Para mim, isso era coisa de filme". Do outro lado da linha, com a voz embargada, Jussara* conta à SUPER como percebeu coisas estranhas no comportamento do filho quando ele tinha apenas 6 anos. Embora o diagnóstico de psicopatia só possa ser feito formalmente aos 18 anos, é possível captar sinais bem antes disso. As crianças psicopatas mentem muito, são manipuladoras, impulsivas e extremamente egocêntricas. Também são cruéis. Podem queimar um cachorro ou estripar um gato. Sufocar um irmão com um travesseiro sem sentir culpa ou remorso. Tentar queimar ou explodir coisas. Mais tarde, na adolescência, podem praticar vários tipos de crime, de simples roubos a atos de violência sexual e homicídios com requintes macabros. Tudo sem que haja um motivo ou fator causador, a não ser o puro instinto. E tudo sem que os pais possam fazer muita coisa - pois estudos sugerem que a psicopatia pode ser causada por problemas estruturais no cérebro, e não pode ser anulada por uma boa educação. É como se os psicopatas já nascessem sentenciados a serem maus; suas famílias, a conviver com isso.

O impulsivo

Desde pequeno, Gustavo batia nos pais e em outras crianças. Era algo tão grave e tão constante que o levou a ser internado aos 13 anos num hospital psiquiátrico, onde ele ficou por um ano e meio. O tratamento não surtiu efeito. Sua mãe, Natália*, se sentia culpada e humilhada pelas outras pessoas. "Diziam que eu permitia os abusos dele, que bastaria dar uns tapinhas", afirma. "Minimizavam a situação, falavam que Gustavo tinha apenas uma adolescência conflituosa." O garoto roubou dinheiro da família, destruiu a casa 3 vezes, cortou a orelha do pai e golpeou as costelas da mãe, que foi parar no hospital por isso. "Às vezes, eu acordava no meio da noite e ele estava nos observando dormir. Percebi que nos mataria a qualquer momento", conta Natália. "Enfrentei todas essas situações, esperei o que estipula a lei (protegê-lo até os 21 anos) e dei por terminado esse calvário. Não o vejo mais."

Natalia tomou a decisão em 1993, após fazer terapia e decidir que o filho era irrecuperável. O casal acabou expulsando o garoto de casa - por puro medo de ser assassinado. "Muitas mães continuam carregando essa situação nos ombros. Outras morrem nas mãos de seus filhos", afirma. Gustavo é a minoria da minoria. Há crianças que são agressivas e perversas como ele era na infância- mas não necessariamente se tornarão adultos problemáticos. Elas batem nos irmãos e tiram objetos dos pais, por exemplo, mas tudo passa após uma etapa de ajuste. "Não podemos jamais concluir que com distúrbios de comportamento serão psicopatas no futuro. Por isso, não se dá o diagnóstico de psicopatia antes dos 18 anos", diz o psiquiatra forense Guido Palomba. Mas algumas crianças que apresentam esses distúrbios vão, sim, se tornar adultos psicopatas , por mais acompanhamento e tratamento que recebam. É o caso de Gustavo: ele nasceu e vai morrer assim. Hoje, aos 40 anos, busca contato com os parentes - mas só para prejudicá-los. Roubou objetos dos pais na única vez que o deixaram entrar em casa. "Continuo em terapia porque a dor de perdê-lo foi dilacerante. Senti culpa e saudade, mas sei que para ele eu não valho nada", diz Natália.

"Às vezes, eu acordava no meio da noite e ele estava nos observando dormir. Percebi que nos mataria a qualquer momento." - Natália, mãe de Gustavo. Argentina.

O Predador

Os pais de Gordon suspeitaram cedo de seu caráter amoral. "Desde que ele mamava no peito, eu percebi que não estabelecia um vínculo afetivo. Mas ele era agradável com as outras pessoas, tão charmoso e atraente, não me preocupei muito", diz Barbara*, a mãe. "Aos 7 anos, vi que algo realmente estava mal: eu tinha de mantê-lo longe dos dois irmãos mais novos para evitar que os agredisse. E o peguei abusando sexualmente da gata do vizinho", diz ela.

Aos 12, Gordon foi acusado de abuso sexual contra uma mulher. Passou alguns anos detido por essa e outras 7 ações do mesmo tipo. Sempre negou a culpa. "Nós demos educação, carinho, viagens, imóveis - e ele arruinou tudo", conta a mãe. "Ele tinha sempre um motivo para pedir dinheiro emprestado, que nunca devolvia. Nos extorquiou US\$ 200 mil", afirma ela.

Hoje, aos 24 anos, Gordon é pai de um menino de 4. "Meu maior temor é que ele faça mal a meu neto, que vive com a mãe a 3 200 km da cidade onde eu e meu filho vivemos", diz Barbara, que teme até revelar a cidade onde mora. Hoje, Gordon tenta se abrigar na casa de desconhecidos, que conhece em pontos de venda de drogas. "Predadores são predadores,

mesmo que sejam nossos filhos. Não importa o que você fizer, eles vão sempre desrespeitar, ameaçar, desprezar e odiar você. Negar esse fato só causa mais dor", diz Barbara.

Ao contrário dela, a maioria das mães não consegue enxergar que o filho é um psicopata. Mas o transtorno de personalidade começa a dar sinais desde bem cedo, por volta dos 6 anos - em casos extremos, até antes. "A professora do jardim de infância nota que a criança não obedece a ordens, comete atos muito agressivos e age de forma independente do grupo", explica o psiquiatra Hugo Marietan, da Universidade de Buenos Aires, que estuda psicopatas há 20 anos. "Isso acontece porque o psicopata é uma unidade em si mesmo. Enquanto as outras pessoas se apoiam em redes afetivas, seja de parentes seja de amigos, ele não necessita de ninguém."

Gordon nunca teve um amigo verdadeiro. E isso faz todo o sentido: os não entendem a amizade. Para eles, não passa de um sinal de fraqueza.

"Há filhos que são assim. Não importa o que você fizer, eles vão sempre desrespeitar, ameaçar, desprezar e odiar você." - Barbara, mãe de Gordon. EUA.

O indiferente

Em 1986, o americano Jeffrey Bailey Jr, de 9 anos, foi deixado sozinho com o amiguinho Ricky Brown, de 3. Jeffrey sabia que o menino tinha medo de água e não sabia nadar. Mesmo assim, levou-o para a piscina e o empurrou lá dentro. Ricky se debateu por vários minutos, gritando por socorro. "Em vez de stender o braço, Jeffrey puxou uma cadeira para assistir à morte do menino. Depois foi para casa", diz a psicóloga forense Katherine Ramsland, da Universidade DeSales, nos EUA. Ao se encontrar com um vizinho, Jeffrey perguntou "o que era a gosma branca" que sai do nariz de uma pessoa que se afoga. A polícia encontrou o corpo de Ricky às 18h40, cerca de 8 horas após o afogamento. "Foi um acidente", mentiu Jeffrey. "Ao ser interrogado, o garoto se mostrou indiferente à morte do amigo. Ele estava mais preocupado em ser o centro das atenções do que em sentir qualquer tipo de remorso pelas coisas que havia feito", conta Ramsland.

A história ajuda a entender a mente psicopata. É comum que crianças (normais) tenham dificuldade de lidar com emoções. Podem ser impulsivas, narcisistas ou agressivas, bater nos irmãos por ciúme ou egoísmo. "Mas quando uma criança comete atos assim por sadismo, e

sem sentir remorso ou culpa, pode-se suspeitar de psicopatia", diz o psicólogo forense americano Carl Gacono. "Outro elemento é a falta de empatia, a incapacidade de se colocar no lugar do outro." Segundo Gacono, esses 4 sinais - sadismo, falta de remorso, falta de culpa e ausência de empatia - podem ser detectados entre 6 e 9 anos, quando a personalidade está se formando.

"Ele não demonstrou remorso, e estava desfrutando ser o centro das atenções." - Katherine Ramsland, psicóloga Forense, EUA

O suicida

Aos 6 anos, Bruno não demonstrava emoções nem vínculo afetivo. Só apatia. Depois o garoto se tornou agitado e manipulador. A mãe, Jussara*, o levou a vários médicos no ABC paulista. Todos disseram que era apenas ansiedade. E Bruno foi ficando cada vez pior - tentou suicídio 3 vezes. Depois dos 18 finalmente recebeu um diagnóstico concreto: transtorno de personalidade. "Eles [os médicos] disseram que meu filho não pode viver em sociedade. Foi duro escutar isso." Mãe de 4 filhas mais novas, Jussara diz que o melhor para Bruno seria permanecer internado. "O problema é que as clínicas não o aceitam. Além dos laudos médicos, já precisei de várias liminares para que o internassem", afirma. Entre um hospital e outro, Bruno se envolveu romanticamente com duas enfermeiras, uma das quais o ajudou a fugir. "Ele nunca fez mal aos outros porque a família agiu desde cedo para contê-lo, com remédios e internações", diz a mãe. Hoje com 24 anos, o rapaz está desaparecido há um mês. "Provavelmente virou um andarilho", acredita Jussara, que teme ser responsabilizada por atos violentos do filho contra outras pessoas. "E se amanhã acontecer alguma coisa na rua, como os casos monstruosos que vemos na TV, a culpa vai ser de quem?"

"A maioria dos especialistas é despreparada. Sempre diziam que o problema era da criação. E meu filho foi piorando." - Jussara, 40 anos, professora, mãe de Bruno, 24 anos.

O incendiário

André tinha 3 anos quando começou a fazer terapia. Segundo Claudia*, a mãe, era muito arteiro. "Ele queimava os brinquedos e depois apagava com água e terra. Aos 4, queimou um armário inteiro que ficava fora da casa. Uma vez colocou fogo debaixo do carro usando papel e fósforo, e por sorte não houve uma explosão. Eu e meu marido demos uma bronca, como qualquer pai faria", diz Claudia. Os especialistas disseram que o menino era hiperativo com

déficit de atenção. Ele era simpático e conversador, mas mentia demais, e com extrema convicção.

Aos 15 anos, André entrou numa fase mais agressiva. "Ele nos xingava e dizia que ia nos matar. Que explodiria uma bomba em casa. Tentava montar artefatos com fios e adubo do jardim. Eu dormia trancada no quarto com meu marido e o outro filho", diz a mãe. "Uma vez, ele pegou uma faca e veio andando em nossa direção completamente surtado. Foi necessária a intervenção da polícia, que é despreparada para lidar com pessoas nesse estado."

Já adulto André foi diagnosticado com transtorno antissocial - equivalente, no caso dele, a psicopatia. "Ele tem atitudes inesperadas. Age como uma pessoa normal e tem inteligência admirável. O problema é quando explode", diz Claudia. Segundo ela, o pior de ter um filho problemático é a incerteza constante. "Uns dias são melhores, outros piores, e você nunca sabe o que virá". "Não está escrito na testa que eles são psicopatas. Passarão pela vida sem que as outras pessoas saibam. Nós, como pais, só queríamos que fossem pessoas capazes de conviver em sociedade, trabalhar, criar e manter suas famílias. Principalmente, que fossem felizes." Hoje, aos 33, André trabalha como técnico em computação e ainda mora com os pais. "Ele tem ficado mais tranquilo com o tempo. Rezo para que continue assim", diz Claudia.

"Ele era uma panela de pressão prestes a explodir sem motivo aparente, ou quando era contrariado." -

Claudia, 56 anos, estudante de direito, mãe de André, 33, São Paulo.

O sádico

Roberto Aparecido Alves Cardoso sofreu anóxia (falta de oxigênio) durante o parto. Dezesesseis anos mais tarde, arquitetou o assassinato do casal de namorados Liana Friedenbach, de 16, e Felipe Caffé, de 19. Roberto Cardoso é o Champinha, autor de um dos crimes mais famosos do Brasil recente. Qual a ligação entre as duas coisas? Ele é considerado um pseudopsicopata, ou seja, uma pessoa que se comporta como psicopata devido a um dano físico sofrido pelo cérebro - no caso, a anóxia.

Champinha estuprou Liana por 5 dias e depois a matou a facadas. Felipe recebeu um tiro na cabeça. Os comparsas de Champinha foram condenados a 177 anos de prisão. Como era

menor, ele foi para a Fundação Casa e em 2007 foi internado na Unidade Experimental de Saúde (UES), em São Paulo, onde está até hoje. No ano passado declarou, por meio de seu advogado, que não vê "sentido" em ficar preso e gostaria de estudar para ser veterinário. Sua rotina na UES se resume a comer, dormir e assistir aos jogos do Corinthians.

Pessoas como ele poderiam um dia ser reintegradas à sociedade? Talvez não. A maioria dos especialistas acredita que a psicopatia tenha um componente genético. Segundo essa teoria, uma boa educação não seria capaz de impedir que a criança se tornasse má. No máximo atenuar o transtorno. Em vez de assassino, o indivíduo poderia virar um executivo inescrupuloso ou um político corrupto, por exemplo.

"Um assassino assim não pode viver em sociedade." - Ari Friedenbach, Pai de uma das vítimas. Brasil.

O assassino serial

O pequeno Steven cresceu cercado pela violência. "Meu marido me batia e eu revidava", contou a mãe, Cathy, ao jornal britânico The Guardian. "Steve era um dos meus 7 filhos. Ele era o meu queridinho. E ainda é. Apenas se meteu em problemas." Aos 11 anos, o menino começou a roubar e foi levado a um lar para menores infratores, onde ficou até os 18. A mãe diz que ele sofreu abusos lá (tanto que a instituição acabou sendo fechada). A partir daí, Steven viveu entrando e saindo da prisão: foram 38 condenações por roubos e posse de drogas. Até que em 1993, aos 23 anos, finalmente saiu do limite: estrangulou e queimou Thomas Kelly, de 18, num terreno abandonado de Suderland, na Inglaterra. No seguinte, fez o mesmo com David Hanson e Gavid Grieff, ambos de 15. Foi condenado à prisão perpétua em 1996. Segundo o promotor, Steven matou os meninos para que parassem de dizer que ele era gay. Diante da mãe, no entanto, Steven nunca confessou o crime. "Sei que ele não vai sair da prisão enquanto eu estiver viva. Mas eu ainda o amo. Nunca poderia ir contra ele porque é meu filho."

"Ele era o meu queridinho. E ainda é." - Cathy, mãe de Steven Grieveson, 41, Inglaterra.

O torturador

O americano Jason Massey tinha 9 anos quando matou o primeiro gato. Gostou. Nos anos seguintes, disseceu dezenas de outros, que pegava perto de casa. como ele têm uma

curiosidade mórbida por animais domésticos. Espetam os olhos de tartarugas, estripam pássaros para saber o que há dentro, botam fogo num cão só para vê-lo correr. E não se horrorizam com isso. Na verdade, desfrutam do sofrimento alheio - e não se importam em carregar a imagem de sádico. Jason tinha essa fama. Um exemplo: "Na adolescência, supostamente matou o cachorro de uma garota que não quis ser sua namorada", diz a psicóloga forense Katherine Ramsland.

Em seu diário, Jason registrou fantasias de estupros e canibalismo com mulheres. Seu ídolo era Ted Bundy, famoso psicopata americano que seduzia jovens para depois estuprá-las. Bundy matou pelo menos 30 mulheres antes de ser executado na cadeira elétrica, em 1989. Jason queria superar essa marca. Em julho de 1993, aos 20 anos de idade, foi apresentado por um amigo a Christina - de apenas 13 anos. Confessou ao amigo que gostaria de matá-la. Roubou uma arma calibre 22 e comprou munição, facas e algemas.

Poucos dias depois, Jason convenceu Christina a passear com ele de carro no meio da noite pelo interior do Texas. Christina levou junto o amigo Brian, de 14. Foi o último passeio deles. "Brian levou dois tiros. Christina foi desmembrada. Sua cabeça e suas mãos desapareceram", conta Ramsland. A garota levou dezenas de facadas. Teve as vísceras removidas e os mamilos cortados. Jason foi julgado pelos crimes e condenado à morte por injeção letal, em 2001.

A ciência ainda tenta explicar o que está por trás de condutas tão extremas. E algumas pistas têm surgido. O médico forense Guido Palomba examinou vários indivíduos com distúrbios de comportamento. E observou uma característica peculiar nos cérebros de pessoas sádicas. "A constituição anatômica era igual à do cérebro de um epilético, com assimetria entre as duas metades", diz Palomba. Isso sugere que comportamentos radicalmente violentos podem ter raiz neurológica – e genética.

"Brian levou 2 tiros. Christina foi desmembrada. Sua cabeça e suas mãos desapareceram." – Katherine Ramsland, psicóloga forense, EUA.

O pedófilo

Rafael foi adotado aos 3 anos. Márcia, a mãe adotiva, o encontrou num abrigo para menores. "Antes disso, ele passou por situações de violência e privação de comida", diz. Conforme foi crescendo, começou a fazer coisas ruins. Roubou celulares de amigos e abusou sexualmente

da irmã mais nova. "Não chegou a violentá-la, mas abusou dela por muitos anos", diz Márcia. "Só descobrimos quando ele saiu de casa, aos 18 anos, após assediar uma vizinha." Rafael foi diagnosticado com personalidade antissocial agravada por pedofilia. Hoje, aos 25, é pai de um menino de dois anos, que mora com a mãe. "Nossa maior preocupação é que ele se aproxime da criança", diz Márcia. "É difícil para as pessoas entenderem a situação porque ele parece muito bonzinho, cativa todo mundo." Rafael mora num apartamento alugado pela família.

"Ele mente até o último minuto possível. Só admite a verdade quando vê que não tem saída." - Márcia, 43 anos, publicitária, mãe de Rafael, 25, São Paulo.

O perverso

Aos 9 anos, o paulista Bernardo* enforcou a empregada de sua casa usando uma gravata que pertencia ao pai. Ele passou a gravata em torno do pescoço da mulher, fez um laço num cano e puxou. Bernardo não chegou a suspender sua vítima. Ela desmaiou e acabou se enforcando com o próprio peso. Um ato de crueldade inimaginável - e que se encaixava na personalidade psicopata do garoto.

"O menino apresentava um distúrbio de comportamento violentíssimo. Esfregava fezes na parede ou as atirava nas pessoas. Também tinha perversões sexuais com crianças do mesmo sexo", revela, sob anonimato, o médico que o atendeu. "O garoto não era vítima de pedófilos maiores de idade. Ele é que tomava a iniciativa das ações sexuais. Pegava pedaços de madeira para empalar outras crianças, por exemplo." O caso da empregada foi abafado pela família, e não houve punição para Bernardo.

Assim como ele, os psicopatas têm uma gama de sentimentos reduzida. Não sentem ternura, amor, solidariedade ou tristeza. "Vivem num pêndulo entre duas emoções básicas: o entusiasmo (para buscar os objetivos) e a ira (quando se frustram por não realizá-los)", diz o psiquiatra Hugo Marietan. "Mas estudam os sentimentos das outras pessoas com o objetivo de manipulá-las". O choro do psicopata não é espontâneo, e sim puro teatro para conseguir alguma coisa. Ele despreza os colegas ao vê-los rindo ou chorando. Um outro jeito de ver a vida.

"Ele atirava fezes nas pessoas e praticava atos sexuais com outras crianças." - Médico que examinou o garoto. Brasil.

ANEXO 8

Superinteressante, outubro 2008.

Ciência contra o crime

A ciência e a tecnologia estão revolucionando a perícia criminal - e tornando o trabalho dos CSI de verdade muito mais incrível do que na ficção

por Texto Tarso Araújo

Com o aperfeiçoamento da genética e sua integração a sistemas ultra-informatizados, solucionar crimes que pareciam perfeitos está cada vez mais fácil. Onze de setembro de 2001. Dois aviões se chocam contra o World Trade Center, no coração de Nova York. 2 749 pessoas morrem. Para a maior parte dos americanos, o fundamental é descobrir os responsáveis pelo atentado terrorista. Mas, para os parentes daqueles que estavam nos prédios, o mais urgente é outra coisa: identificar seus filhos, pais, maridos e esposas.

Apenas 291 corpos foram encontrados intactos. Os outros se transformaram em mais de 19 mil partes, um terço delas tão pequenas que saíam de lá em tubos de ensaio. O colapso dos edifícios e o fogo que atingiu temperaturas superiores a 1 000 °C no primeiro dia de incêndio destruíram boa parte do material genético das vítimas. Nove meses depois, menos da metade delas havia sido identificada. Sem poder contar com a análise de impressões digitais, arcadas dentárias e outros métodos tradicionais, o Escritório de Exames Médicos da Cidade de Nova York criou uma junta de especialistas para orientar os testes de DNA. Para o governo dos EUA, consolar os familiares das vítimas do 11 de Setembro tornou-se uma questão de honra nacional, na qual todo esforço tecnológico deveria ser empregado.

Estava para começar o maior – e provavelmente mais difícil – trabalho de perícia criminal da história da humanidade. “Nenhum de nós sabia quanto tempo a investigação poderia durar”, diz o geneticista do Instituto Nacional de Pesquisas do Genoma Humano Leslie Biesecker, um

dos especialistas envolvidos no processo. Em 7 anos, a força-tarefa que uniu biólogos, químicos, médicos legistas, engenheiros, matemáticos e programadores conseguiu resultados inéditos, que hoje começam a ser empregados ao redor do planeta.

Os esforços de identificação das vítimas do WTC são uma prova de que, hoje, desvendar crimes só é possível com equipes multidisciplinares. Além de aperfeiçoar a clássica coleta de evidências, elas trabalham no desenvolvimento de sofisticadas técnicas de testes de DNA e softwares especializados que formam uma estrutura de fazer inveja a Sherlock Holmes. Esse arsenal high tech tem deixado a vida dos bandidos complicada: está cada vez mais duro cometer um crime perfeito.

Testes de DNA

Simon Moran, 38 anos, costumava ser um bom assaltante. Ele tinha uma experiência profissional adequada, como ex-funcionário de uma empresa de instalação de portas e janelas, sempre usava luvas e só arrombava casas de velinhos. A combinação de competência e cuidado fez que ele só fosse preso uma vez, apesar de ter cometido mais de 100 assaltos. Sua experiência era tão grande que, em setembro de 2006, ele seguiu em frente com um roubo mesmo dando de cara com uma senhora de 83 anos ao arrombar uma casa nos arredores de Manchester, na Inglaterra. O susto só veio dias mais tarde, ao saber que uma gota de suor havia sido suficiente para revelar sua identidade: depois de secar a testa com a luva, ele mexeu num saco plástico onde a octogenária costumava guardar sua bolsa.

Há menos de 5 anos, a polícia precisaria de até 500 células de um criminoso para conseguir uma amostra de um DNA decente. Com as técnicas mais modernas, apenas algumas bastam. O material colhido no saco plástico passou pelo sistema de isolamento e amplificação conhecido como DNA LCN, sigla em inglês para “baixo número de cópias de DNA”. Ela foi criada pelos pesquisadores do Serviço de Ciência Forense do Reino Unido para viabilizar testes com amostras que antes não forneceria volume suficiente de material genético. A técnica é tão sensível que, depois de uma fase inicial de automatização e barateamento do processo, ela tem sido usada para solucionar casos com amostras antes desprezadas, como aquela gota de suor ou, ainda, restos de tecidos epiteliais encontrados em objetos em que o tenha apenas encostado criminoso, como bitucas de cigarro, palitos de fósforo, roupas e armas.

Mas ela sozinha não seria capaz de identificar os corpos do WTC – pedaços de matéria orgânica muito maiores que uma gota de suor, mas com sua carga genética praticamente destruída pelo fogo. Nosso DNA é uma sequência de 3 bilhões de pares de letrinhas de comprimento, extremamente sensíveis ao calor. Na fornalha que durou 99 dias e chegou a temperaturas mais altas que a de um crematório, a maior parte das amostras de DNA se transformou em retalhos com menos de 400 letrinhas, até então, o mínimo necessário para encontrar mutações que tornam o DNA de cada pessoa único.

Esse problema começou a ser resolvido com o desenvolvimento dos polimorfismos de nucleotídeo simples (SNP), capazes de identificar mutações do tamanho de uma única letra. Com ela, 40 pedaços de 60 a 80 pares de letrinhas cada já seriam suficientes para os testes de reconhecimento.

Mas ainda havia outras questões: “Tínhamos mais de 10 mil amostras de tecido para ser testadas e cerca de 3 mil pessoas desaparecidas. Seriam necessárias mais de 30 milhões de comparações. E, quanto mais comparações, maior a chance de uma coincidência fornecer um falso positivo”, diz Leslie Biesecker. Para ter certeza dos resultados, eles precisariam usar mais de uma técnica. Por isso, investiram no desenvolvimento de identificações por DNA contido nas mitocôndrias – organelas responsáveis pela respiração celular –, muito mais abundante que o do núcleo.

A leitura de cada teste também foi agilizada com a criação de métodos sofisticados de automação, entre elas o microarrays. Os químicos colocam uma amostra em uma placa cheia de pequenos poços com marcadores que funcionam como iscas para trechos específicos de DNA. Um software entende o resultado dessa mistura como uma série de luzinhas acesas e apagadas, que indica o perfil genético da pessoa em questão. Com o processo digitalizado, robôs passaram a executá-lo, num ritmo de 500 testes por dia – rendimento impensável nos anos 90.

Apesar de todos os avanços, ainda havia uma limitação a ser superada: a contaminação das amostras. Suponhamos que o assaltante do começo da história não tivesse deixado uma gota de suor no saco plástico, mas encostado as mãos numa maçaneta. Seu DNA estaria ali, mas misturado ao de todas as outras pessoas que encostaram na porta: se o material genético do bandido representar menos de 10% da amostra, é impossível identificá-lo. Ou era. Em agosto,

a revista PLoS Genetics publicou uma técnica criada pela empresa TGen capaz de individualizar amostras de DNA que representem menos de 0,1% do total da “sujeira” coletada. É o avanço do que já parecia o limite: em vez de testar 40 regiões de SNPs, como é o padrão, ela usa os microarrays (e muita estatística) para analisar centenas de regiões ao mesmo tempo.

Para ficar perfeito, falta ser possível fazer os testes de DNA em tempo real, na própria cena do crime, substituindo grandes equipamentos por maletinhas portáteis. Cientistas de Hong Kong e dos EUA já estão cuidando disso. O trabalho dos americanos, publicado no Jornal Internacional de Nanotecnologia, mostra que, teoricamente, um nanotransistor pode ser ligado a um sensor de DNA para completar a tarefa. Já a equipe de Hong Kong conseguiu fazer a multiplicação do material genético necessária para o teste numa escala portátil, usando um microchip e um sensor eletroquímico. Ao que tudo indica, em breve os peritos poderão colher uma amostra biológica na cena do crime, inseri-la num dispositivo de bolso e receber em minutos o nome e uma foto do suspeito. Até o pessoal do CSI vai ficar com inveja.

Perícia de campo

A gotícula que incriminou Simon só pôde ser encontrada porque os peritos mandaram o saco para ser analisado em laboratório. Mas há cada vez menos pistas invisíveis em uma cena de crime.

Os novos Sherlock Holmes trocaram as lupas por luzes forenses. São lanternas portáteis ou lâmpadas de maior porte que emitem luzes de diferentes comprimentos de onda, ajudando a revelar coisas que normalmente passariam despercebidas. As fibras sintéticas ficam fluorescentes na maioria dos comprimentos de onda, especialmente nos 300 nanômetros da luz ultravioleta. Já materiais orgânicos, como fibras de algodão, saliva, urina, sêmen e ossos, ficam opacos e esbranquiçados sob a luz negra. “Investigando um caso de estupro, analisei o banco de um carro que não tinha sinais evidentes. Com a luz, pude ver e coletar uma amostra de sêmen e identificar o material genético que incriminou um suspeito”, diz Rosângela Monteiro, da Polícia Científica de São Paulo.

Mas isso não é nada perto do que já é possível fazer com impressões digitais. Sim, porque a coleta dessas provas essenciais não é tão simples quanto parece. A maioria delas não é visível a olho nu e, dependendo do suporte, era impossível identificá-las.

Superfícies molhadas, por exemplo, sempre foram uma barreira para os peritos. Problema resolvido com o desenvolvimento de nanopartículas de óxidos de zinco, usadas em um pó que reage com a gordura deixada pelas digitais mesmo na presença de água. Depois, é só iluminar a região desejada com luz ultravioleta e a digital, brilhante, está pronta para ser registrada numa foto.

O próximo desafio é tirar impressões digitais de pele humana, tarefa que está sendo pesquisada por cientistas do *Oak Ridge National Laboratory*, nos EUA. Eles desenvolveram um equipamento portátil que realiza uma técnica conhecida por espectroscopia de superfície aumentada. O método já mostrou que funciona, mas o instrumento é feito com nanofios revestidos de prata que ainda não dão resultados muito nítidos. O grupo trabalha para melhorar esse revestimento e chegar a uma impressão digital mais vidente, que possa ser revelada com uma fotografia na própria cena do crime.

Mas é melhor apressarem os estudos. Se demorarem, os cientistas do Oak Ridge ficarão ultrapassados antes mesmo de concluírem sua obra-prima. É que, segundo a revista *Science*, impressões digitais em superfícies molhadas e em pele humana estão prestes a ser reveladas por um único equipamento, que vaporiza uma mistura de moléculas de metanol e água carregadas eletricamente sobre a área investigada. Em contato com a mistura, cada superfície emite íons específicos. Captados por um aparelho, esses sinais são transformados em unidades de imagem, como se fossem pixels. O resultado é uma versão digital da marca dos dedos, produzida em poucos segundos. E o mais incrível é que o aparelho também distingue substâncias em que o autor da marca tocou antes, como drogas, pólvora, metais e substâncias químicas em geral. O kit básico de trabalho de campo de um perito criminal ainda vai ganhar mais um forte aliado nos próximos anos, com a chegada ao mercado de um gravador portátil de imagens em 3 dimensões, apresentado em abril por cientistas do centro de pesquisas alemão Fraunhofer IOF. Com eles, os peritos não precisam mais esperar o gesso secar para conseguir um molde de uma pegada ou marca de pneu. Basta tirar uma foto com o equipamento e a imagem em 3D pode ser passada para um computador para comparações. O gravador também pode ser útil para filmar cenas de crime em locais públicos, onde não se tem chance de preservar a cena por muito tempo: bastará reconstruir o ambiente virtualmente e estudá-lo com mais calma no laboratório.

Reconstrução de imagens

Arquivos de imagem, por sinal, são pistas corriqueiras, e preciosas, nas mãos dos peritos modernos. Uma simples cena captada pela câmera no elevador do seu prédio já é bem útil na identificação de um suspeito. É verdade que nem sempre elas são nítidas o suficiente. Mas podem ficar. O *software Detective* é capaz de ampliar, destacar e aumentar a nitidez de uma imagem digital, além de reduzir ruídos e eliminar borrões causados pela vibração da câmera. Dá para ver detalhes de um rosto ou identificar uma placa de carro. Foi estudando as imagens do circuito interno do aeroporto de Portland, os EUA, que o FBI identificou os dois sequestradores do voo *American Airlines 11*, que caminhavam pelo local horas antes de jogarem o primeiro avião contra as Torres Gêmeas. Primeiro, seus retratos foram produzidos em alta resolução com um programa chamado VideoFocus, capaz de combinar várias imagens em baixa resolução. Depois, usaram o retrato como referência para buscar os sequestradores em milhares de horas de vídeo colhidas nos caixas eletrônicos da Flórida. Sabendo quando e onde eles faziam cada saque, foi possível rastrear a origem e o total de dinheiro que financiou as ações terroristas.

Desenhar fisionomias a partir de imagens e relatos de terceiros é fichinha perto do que fazem os antropologistas forenses, especialistas em reconstituir o rosto de uma pessoa a partir de sua ossada. A especialidade não é nova: há anos esses profissionais trabalham aliados a escultores na identificação de corpos queimados ou em estágio avançado de decomposição. Mas o que antes levava meses e custava pelo menos US\$ 2 mil poderá em breve ser feito em poucos minutos e por um preço desprezível graças ao programa ReFace, criado em parceria entre o FBI e a General Electrics. “Primeiro, o crânio é submetido a uma tomografia computadorizada – que funciona como um escâner em 3 dimensões. Depois, modelos matemáticos são usados para reformar o rosto do indivíduo, a partir de informações fornecidas por um banco de dados de cabeças que servem como referências sobre as relações entre osso e tecido mole”, explica o antropologista forense do FBI Kevin Miller, um dos envolvidos na criação do software. Associados a programas capazes de prever o processo de envelhecimento, o ReFace pode ajudar o FBI a descobrir a identidade de cerca de 40 mil corpos que nunca foram identificados nos EUA, inclusive milhares de vítimas do furacão Katrina, em Nova Orleans.

O projeto para o futuro é bem mais ousado: construir retratos falados a partir de amostras de DNA .

Hoje, com a análise do material genético de uma pessoa é possível extrair dados sobre sua origem geográfica e etnia. Se ela não for muito miscigenada, já dá para dizer se é afro-americana, asiática ou caucasiana. Com a descoberta de genes responsáveis por características físicas mais específicas, seria possível fazer descrições mais exatas. Já se conhece, por exemplo, o gene associado ao cabelo ruivo. Ao analisá-lo, um geneticista pode dizer se o dono de um DNA é ruivo ou não com até 90% de certeza. Pesquisas semelhantes também já foram feitas para determinar a cor dos olhos em ratos. A grande pedra no caminho desse tipo de software é que a maioria das características físicas é determinada por vários genes ao mesmo tempo, que estabelecem entre si relações de dominância. Pode ser que leve bastante tempo para isso acontecer, mas não é impossível. Afinal, há 15 anos, quem diria ser possível achar um criminoso com uma mísera gota de suor?

Banco de dados

Nada disso seria possível se, por trás de cada pista colhida, não existissem bancos de dados gigantescos guardados em computadores capazes de cruzar e interpretar milhares de informações. De que serve uma ossada se não há modelos de cabeça e rostos com os quais ela possa ser comparada? Ou impressões digitais coletadas de dentro d'água e análises detalhadas de DNA feitas em tempo real se não houver algo que associe essas informações a um nome e a um endereço? No atentado de 11/9, os parentes forneceram amostras suas ou de fios de cabelo e escovas de dentes das vítimas para comparação. Mas, na investigação de crimes, raramente se tem um suspeito para pedir uma cuspidinha no tubo de ensaio.

Quando, em 1986, a polícia inglesa decidiu usar pela primeira vez uma amostra de DNA encontrada na cena do crime para desvendar um assassinato, teve de empreender a maior caçada genética da história: foram 8 meses para colher e testar os genes de 5 mil homens da pequena *Leicestershire* – praticamente toda a população masculina da cidade. A prova genética mostrou-se eficaz e a criação de uma base de dados de imprescindível.

Dez anos depois da empreitada, o Reino Unido criou a sua, e foi seguido por países como EUA, França, Noruega, Alemanha, Holanda, Nova Zelândia e Suécia. Os arquivos são feitos a partir de amostras coletadas durante a perícia de campo e de pessoas que obedeçam a critérios determinados em cada país. Na Noruega, por exemplo, apenas condenados a crimes violentos são obrigados a fornecer sua carga genética. Já Portugal tem planos de fazer uma base que inclua absolutamente toda a população, para criar um verdadeiro Registro Geral de DNA. Nos EUA, o catálogo informatizado de perfis genéticos ajudou a resolver 72 mil casos só nos

primeiros 6 meses de 2008. Em algumas situações, o catálogo de genes tem potencial para, até mesmo, prevenir crimes, especialmente os cometidos por criminosos seriais, como Andre Crawford.

Entre 1993 e 1999, Crawford foi detido uma vez por roubo, outra por tentativa de estupro e duas por porte de drogas. Mas em nenhuma das 4 tinha fornecido seu DNA, já que no estado de Chicago, EUA, esses crimes não obrigavam o fornecimento da amostra. Só quando foi acusado de assassinato, seu perfil foi incluído na base de dados. Imediatamente, o CODIS, software que compara os resultados, o associou a 11 assassinatos e um estupro. Já se sabia que todos os crimes haviam sido cometidos por uma única pessoa, mas faltava saber o nome. Se Crawford tivesse dado uma amostra quando foi preso por roubo, em 1993, sua identidade teria sido descoberta logo no primeiro assassinato, impedindo-o de cometer os outros 10.

A mesma lógica vale para as impressões digitais, cada vez mais distantes daquelas marcas de tinta preta borradas sobre uma folha em branco. Desde 1999, os 2 100 arquivos em papel do FBI foram substituídos pelo Sistema Integrado e Automatizado de Identificação de Impressões Digitais, conhecido por Iafis. Um resultado que demorava semanas para sair passou a ser dado em 15 minutos. O sucesso de tecnologias de processamento de dados como a do Iafis no combate ao crime tem estimulado o surgimento de sistemas com as mais variadas finalidades.

Em 2003, por exemplo, o FBI lançou a primeira versão do que é provavelmente o maior arquivo de pedofilia do mundo, com 100 mil imagens. “O sistema ajudará autoridades do mundo inteiro a identificar e resgatar crianças. Seu objetivo também é facilitar processos contra pessoas acusadas de possuir ou distribuir essas fotos”, diz um relatório secreto do Departamento de Segurança Doméstica americano, apresentado pelo jornalista Russ Kick no livro *50 Coisas Que Não Se Supõe Que Você Saiba*. Mas nem tudo é perfeito. O desenvolvimento da informática também foi responsável pela criação de uma nova cena de crime: a virtual. Entre 2001 e 2007, o prejuízo com roubos online denunciados ao FBI subiu de US\$ 17 milhões para US\$ 239 milhões.

Na Inglaterra, essa prática vem sendo terceirizada: hackers roubam os dados bancários de milhares de pessoas e os revendem em fóruns na internet por um valor ridículo: apenas 1 libra (cerca de R\$ 4) por pessoa. E a pior notícia vem agora: a perícia capaz de desvendar esse tipo

de crime ainda está para ser inventada. Além da dificuldade de acesso à cena do crime virtual, os peritos têm de lidar com a sofisticação dos bandidos, que, nesses casos, costumam estar pelo menos um passo à frente dos mocinhos. Ao mesmo tempo em que o histórico digital de palmtops, celulares e *pendrives* é capaz de traçar um rico perfil do suspeito, as evidências são muito voláteis: podem existir em vários lugares ao mesmo tempo, ter um ciclo de vida curto, ser facilmente perdidas ou apagadas. “E nunca podemos ver nada sem o uso de muita tecnologia”, diz Marc Rogers, especialista em computação forense da Universidade Tecnológica de Purdue, nos EUA.

Se o desenvolvimento de softwares de arquivo e rastreamento de dados é cada vez mais crucial na construção e solução das cenas clássicas de crimes, no novo mundo dos delitos virtuais o investimento no trabalho dos especialistas em informática é a mais promissora – e talvez única – saída. Os peritos do futuro são os cientistas da computação. Sem esses novos heróis, a ciência forense vai ficar parada no tempo. E nem os casos mais simples, como o revelado nestas páginas, serão elucidados.

Entenda o caso

O juiz E., 52, foi encontrado no escritório de sua casa em Interlagos pela ex-namorada, 30 anos mais nova, estagiária do Fórum onde ele trabalhava em São Paulo. A estagiária disse ter visto o corpo e chamado a polícia às 22h15 daquela sexta-feira. Os investigadores chegaram às 23 h. Quando um perito forense investiga uma morte, a primeira pergunta que tenta responder é se foi um acidente, um homicídio ou um suicídio. No caso do juiz, tudo indica que se trata da terceira opção. Ele foi encontrado na poltrona do seu escritório, de pijama, com um tiro no peito e um revólver na mão. O perito mediu a temperatura do corpo e, numa análise preliminar, estimou a hora da morte entre 19 e 22 h. Ele procurou impressões e recolheu os materiais para análise. Na manhã seguinte, a polícia encontrou o cão de guarda do juiz morto no jardim da casa.

Primeiros dados

Esperando os peritos, o investigador descobriu que o juiz tinha uma rixa com um vizinho, por causa de ruídos; a única pessoa vista na casa naquele dia foi o caseiro; e o juiz tem uma filha que estuda e vive em São Carlos. Ela costumava visitar o pai nos fins de semana, mas naquele aparentemente ficou no interior – e demonstrou choque quando foi informada da morte do pai.

1. PROVAS

Arma

A arma encontrada com a vítima é um revólver calibre 38 pertencente ao juiz. Ele o guardava na última gaveta de sua mesa de trabalho – aparentemente, apenas a filha e o caseiro sabiam onde o revólver ficava escondido.

Celular

A estagiária disse ter recebido um SMS do juiz pouco depois de sair da faculdade. A mensagem dizia “Preciso te ver agora”. Ela tentou ligar, mas o celular dele estava desligado, então decidiu ir para lá. O delegado comprovou que a mensagem foi enviada do celular do juiz às 21h13.

Cigarros

No cinzeiro, também sobre a mesinha, havia dois cigarros apagados. O perito recolheu os cigarros para exame de DNA. A estagiária contou que o juiz havia sido fumante a vida inteira, mas tinha parado de fumar. Um dos cigarros tinha marcas de batom.

Cotonetes

Com a ajuda de cotonetes, foi recolhida saliva da vítima, da estagiária, do caseiro e, posteriormente, da filha. De lá foi retirado para ser comparado com as amostras recolhidas DNA na cena do crime.

Copo quebrado

No chão, havia cacos de um copo de uísque quebrado. O perito suspeitou de que os cacos poderiam evidenciar uma discussão e os recolheu para análise de DNA em laboratório.

Outras evidências

O pijama do juiz, além de uma pequena mancha de sangue, tinha outras mais claras, que o perito não conseguiu reconhecer. Ele também levou para o laboratório uma garrafa de uísque e migalhas de pão encontradas perto do corpo.

2. AUTÓPSIA

1. A perfuração de bala no tórax tem pêlos ao redor e pouca quantidade de pólvora. Mostra que o tiro não foi disparado à queima-roupa, e sim disparado entre 0,8 a 2 metros da vítima.

2. O projétil entrou no corpo de cima para baixo, no corpo sentado, resvalou numa costela e desceu para o intestino, onde se alojou.
3. Sinais de hemorragia no pulmão mostram que o juiz morreu de insuficiência respiratória, típica de envenenamentos.
4. A hemorragia no pulmão e o pouco sangue no buraco da bala indicam que o tiro foi disparado quando o juiz já estava morto – por isso o sangramento reduzido.
5. Não há sinais de arranhões ou lesões na cabeça, típicas de luta corporal. Também não há sinais de pólvora nas mãos – apenas pequenas manchas de tinta preta na mão direita.
6. Coloração do cadáver, comida no estômago e concentração de potássio no globo ocular indicam com precisão: a morte ocorreu entre 19 e 20 h.

3. LAUDOS

O resultado de exames laboratoriais e análises de DNA mostrou que:

1. Um dos cigarros encontrados ao lado do corpo tinha DNA do juiz morto. O outro, da filha.
2. O juiz levou um tiro quando já estava morto.
3. O exame toxicológico acusou uma concentração sanguínea de nicotina suficiente para matar o juiz por envenenamento.
4. Não havia sinais de pólvora nas mãos da estagiária, do caseiro ou da vítima. Havia sinais de pólvora na mão direita da filha.
5. O copo quebrado tem saliva apenas da vítima.
6. As câmeras da faculdade da estagiária confirmam que ela estava lá até às 21h41.

DEPOIMENTOS

- A estagiária namorava o juiz havia um ano e meio, mas tinha rompido o namoro poucos dias antes. Ela disse que estava na biblioteca da faculdade e que decidiu ir até a casa do juiz por achar que ele queria conversar sobre o romance.
- O caseiro mora sozinho e volta para sua casa toda sexta. Ele afirmou que recebeu o juiz às 18h30 e foi para casa, saindo para um bar perto das 22 h, onde ficou até a 1 h – fato confirmado pelo dono do bar, mas que não serve como álibi. Ele tinha acabado de pedir demissão, depois de muitos anos trabalhando para o juiz.
- A filha disse que naquele fim de semana tinha decidido ficar em São Carlos porque queria arrumar o apartamento para o qual se mudara fazia pouco tempo. A filha parece não gostar da estagiária e mostrou desconfiança em relação a ela em alguns momentos.
- O vizinho barulhento estava em viagem por Portugal e Espanha havia 13 dias.

As mentiras de CSI

Falta abrir uma franquía de CSI em Hollywood, porque na TV os crime scene investigators vão um pouco além da realidade da profissão. Confira 5 furos comuns da série:

1. Tira a mão, grissom!

Volta e meia o agente Gil Grissom toca provas na cena do crime sem luvas ou com objetos pessoais, como um lápis.

Erro básico que pode contaminar a amostra.

2. Levanta e corta

Um perito jamais entrevista suspeitos e testemunhas. O contato dele e de técnicos de laboratório com suspeitos pode influenciar subjetivamente o resultado dos laudos.

3. Reality show

"Na TV eles trabalham só em um caso por vez", diz Rosângela Monteiro, da Polícia Científica de São Paulo. "Em um plantão de 12 horas, aqui em São Paulo, um perito chega a atender a 12 ocorrências", diz.

4. A justiça tarda

A cena do crime pode ser periciada tão logo o delegado responsável pelo caso solicite. Mas as buscas na casa de suspeitos dependem de mandado judicial, em qualquer lugar do mundo. E você já viu uma equipe do CSI esperando mandado?

5. A ciência também

A agilidade com que o resultado dos testes acontece é sempre um exagero. Tudo fica pronto no mesmo dia. Na real, alguns procedimentos podem levar dias. Mas aí é a ciência que está tratando de imitar a ficção.

ANEXO 9

Superinteressante, Janeiro de 2011.

Escola proíbe alunos de levar lápis

Uma instituição de *Massachusetts* teme que canetas e lápis possam virar armas.

por **Bruno Garattoni**

A escola *North Brookfield Elementary*, em *Massachusetts*, quer proibir seus alunos de carregar lápis e canetas no material escolar - pois teme que esses objetos possam ser usados “na fabricação de armas”. A escola pretende fornecer seus próprios lápis, que só poderão ser manuseados em de aula.

ANEXO 10

Superinteressante, fevereiro de 2009.

Mapa da morte

A melhor medida de uma epidemia é o número de mortes. A de violência, que assola o Brasil, causa 47 mil homicídios por ano. Veja como a morte matada se distribui pelo 4º país mais mortal do mundo.

por **Emiliano Urbim**

Norte – 3682 homicídios

Como se morre

54% arma de fogo

32% objeto cortante

5% objeto contundente

2% agressão corporal

7% outros

Olha faca! É o maior índice de mortes, praticamente o dobro do Nordeste e o triplo Sudeste.

Centro-Oeste – 3657 homicídio

Como se morre

60% arma de fogo

24% objeto cortante

6% objeto contundente

2% tortura

8% outros

O interior do Mato Grosso, região de conflito de terras, emplaca 3 cidades no top ten homicídios: Colniza, Itanhangá e Juruena.

Nordeste - 12 986 homicídios

Como se morre

70% arma de fogo

18% objeto cortante

5% objeto contundente

1% estrangulamento

6% outros

Recife (PE) é a capital mais mortal do Brasil, com 90,5 mortes violentas por 1 000 habitantes – o triplo de São Paulo, por exemplo.

Sudeste - 21 693 homicídios

Como se morre

74% arma de fogo

9% objeto cortante

4% objeto contundente

1% estrangulamento

12% outros

“Se Deus vier, que venha armado”, já dizia o Pavilhão 9. No Sudeste, 3 em cada 4 homicídios são à bala, o maior índice do país.

Sul - 5 616 homicídios

59% arma de fogo

17% objeto cortante

6% objeto contundente

3% agressão corporal

15% outros

A tríplice fronteira tem a dobradinha das cidades com mais mortes por arma de fogo: Guaíra e Foz do Iguaçu, ambas no Paraná.